



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

CELINA DE OLIVEIRA BARBOSA GOMES

**DESALIAÇÃO E A CONFIGURAÇÃO DO
BILDUNGSROMAN EM *SOZABOY*:
A NOVEL IN ROTTEN ENGLISH, DE KEN SARO-WIWA**

Londrina
2015

CELINA DE OLIVEIRA BARBOSA GOMES

DESALIAENAÇÃO E A CONFIGURAÇÃO DO
***BILDUNGSROMAN* EM *SOZABOY*:**
A NOVEL IN ROTTEN ENGLISH, DE KEN SARO-WIWA

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientadora: Prof. Dra. Ângela Lamas Rodrigues.

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina.**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

G63 3d Gomes, Celina de Oliveira Barbosa.
Desalienação e a configuração do Bildungsroman em Sozaboy : a novel in rotten english, de Ken Saro-Wiwa / elina de Oliveira Barbosa Gomes. – Londrina, 2015.
106 f.: il.

Orientador: Ângela Lamas Rodrigues.
Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2015.
Inclui bibliografia

1. Saro-Wiwo, Ken, – 1941-1995 – Sozaboy: a novel in rotten english – Teses. 2. Ficção nigeriana (Inglês) – História e crítica – Teses. 3. Nigéria – Teses. I. Rodrigues, Ângela Lamas. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. III. Título.

CDU 820(669)-31.09

CELINA DE OLIVEIRA BARBOSA GOMES

**DESALIAÇÃO E A CONFIGURAÇÃO DO *BILDUNGSROMAN* EM
SOZABOY: A NOVEL IN ROTTEN ENGLISH, DE KEN SARO-WIWA**

Dissertação apresentada ao Departamento de Letras da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Ângela Lamas
Rodrigues
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Presidente: Prof. Dr. Luiz Carlos Migliozi
Ferreira de Mello
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dr. André Luiz Joanilho
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Prof. Dra. Divanize Carbonieri
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

Londrina, 07 de maio de 2015.

Dedico este trabalho a Deus, pela iluminação e força na realização deste empreendimento. E a todos os negros e negras silenciados ao longo da história.

AGRADECIMENTO (S)

Agradeço à minha querida orientadora, Profa. Dra. Ângela Lamas Rodrigues, pela sempre firme e gentil condução deste trabalho, mas, sobretudo, pela confiança e a crença depositadas em mim no início desta empreitada.

Ao meu amado esposo, companheiro e amigo, Maurílio Soares Gomes, pelo constante apoio, carinho, dedicação e auxílio nos momentos dedicados à concepção desta dissertação.

Aos queridos amigos Vicentônio Regis do Nascimento Silva, Marcos Savae, Adriana Maciel e Sidnei Eduardo pelo companheirismo e pelos momentos alegres que estimularam a aprendizagem no desenvolvimento das disciplinas.

Aos dedicados e responsáveis professores Sônia Pascolatti, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de Mello, Sérgio Paulo Adolfo, Luiz Carlos Simon, Adelaide Caramuru Cezar, Adilson dos Santos, Maria Carolina de Godoy e Telma Maciel pela brilhante condução das matérias e pelo fomento ao conhecimento acadêmico.

E a todos que, de alguma maneira, colaboraram para a execução desta tarefa.

“Books and all forms of writing have always been objects of terror to those who seek to suppress truth.” (*Wole Soyinka, 1979, p. 9*).

GOMES, Celina de Oliveira Barbosa. **Desalienação e a configuração do Bildungsroman em Sozaboy: a novel in rotten English**, de Ken Saro-Wiwa. 2014. 106 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

RESUMO

Estudar a África sob uma perspectiva que diverge dos discursos imperialistas e colonialistas é contemplar sua pluralidade e caracterizações de forma a construir uma leitura mais coerente dos modos de vida e de sobrevivência dos habitantes daquele continente; é possibilitar uma compreensão alternativa sobre contextos pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais e sobre as consequências das empreitadas Europeias naqueles cenários. Pensando no escopo da Nigéria, país considerado nesta investigação, tal perspectiva pode elucidar como a ação das forças inglesas no período colonial e pós-colonial enfraqueceram conceitos de identidade, autonomia e sociedade, bem como a importância de heranças étnicas e culturais. Por outro lado, está, também, atenta para questões como as disputas internas entre as maiorias étnicas, a saber, os grupos Ioruba, Igbo, Haussá e Fula, e as minorias, como é o caso da etnia Ogoni, localizadas no Delta do Níger, região de farta concentração de petróleo e palco, por conseguinte, de intensos conflitos territoriais. Esta dissertação evidencia, a partir da análise do romance *Sozaboy: a novel in rotten English*, do escritor nigeriano Ken Saro Wiwa, e de extensa pesquisa bibliográfica, o caos provocado pela guerra em uma dessas problemáticas regiões nigerianas e o processo de desalienação pelo qual passam seus habitantes, metaforizados na comunidade de Dukana e, mais especificamente, no personagem Mene, o *Sozaboy*. Tem-se neste cenário, uma desalienação que, em realidade, é sintomática do próprio autor, haja vista as profundas correspondências entre ele e o protagonista do texto. O trabalho demonstra de que forma problemas como a corrupção, a falência da liderança estatal, a ganância pelo poder e o desprezo pela identidade autóctone colaboraram para a dizimação ambiental, humana e social de Dukana; ao mesmo tempo em que propiciaram o amadurecimento do jovem Mene, num processo que considero próprio do Bildungsroman. Assim, o trabalho conta com uma metodologia que relaciona literatura e história da África, especialmente da Nigéria, e emprega a categoria genérica do *Bildungsroman* a fim de acentuar tanto o processo de desalienação e maturação do personagem principal como a estrutura antiguerra do texto.

Palavras-chave: Desalienação. *Bildungsroman*. Nigéria. Ogoni. Guerra.

GOMES, Celina de Oliveira Barbosa. **Disalienation and the configuration of the *Bildungsroman* in Ken Saro-Wiwa's *Sozaboy: a novel in rotten English***. 2014. 106 p. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

ABSTRACT

Studying Africa from a perspective that diverges from imperialist and colonialist discourses amounts to contemplating its plurality and characterizations so as to build a more coherent reading of its inhabitants' modes of living; it also amounts to engage in an alternative understanding of its precolonial, colonial and postcolonial contexts and of the consequences of the European enterprises on the continent. As related to Nigeria, the country considered in this investigation, such perspective can elucidate how the action of English forces during the colonial and postcolonial period weakened concepts of identity, autonomy and society, as well as of the importance of ethnic and cultural heritages. On the other hand, it is also alert to questions such as the internal disputes between ethnic majorities, namely, the Igbo, Hausa, Yoruba, and Fula, and minorities, as is the case of the Ogoni people, who live in the Niger Delta, an oil-prolific and conflict-stricken region. Through the analysis of Nigerian Ken Saro-Wiwa's *Sozaboy: a novel in rotten English* and by recourse to extensive bibliographical research, this dissertation evinces the chaos caused by war in one of those problematic Nigerian regions as well as the process of disalienation undergone by its inhabitants, metaphorically represented by Dukana and the novel's protagonist, Mene, or *Sozaboy*. The work demonstrates the ways in which problems such as corruption, failure of State leadership, greed for power and contempt for one's own indigenous identity collaborate to the environmental, human and social decimation of Dukana; at the same time that they propiciate the maturation of Mene in a process that I consider akin to *Bildungsroman* as a genre. The work thus rely on a methodology that relates African literature and history, especially Nigerian history, and employs the generic category of the *Bildungsroman* in order to emphasize both the main character's process of disalienation and the novel's anti-war structure.

Key words: Disalienation. *Bildungsroman*. Nigeria. Ogoni. War.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

D.O	District Officer – Distrito Oficial
MOSOP	Movement for the Survival of Ogoni People – Movimento para a Sobrevivência do Povo Ogoni
OAU	Organization of African Unity – Organização da Unidade Africana

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 CAPÍTULO 1 – A COLONIZAÇÃO EM ÁFRICA, A NIGÉRIA E KEN SARO-WIWA	13
1.1 A colonização europeia em África e o estabelecimento de tradições inventadas	13
1.2 A dominação inglesa na Nigéria, suas consequências e a busca pela independência	18
1.3 Ken Saro-Wiwa: aspectos da vida e das lutas de um intelectual da ação	22
2 CAPÍTULO 2 – KEN SARO-WIWA: UM ESCRITOR DE MUITAS FACES	32
2.1 Uma escrita, diversos gêneros	32
2.1.1 Romances	34
2.1.2 Peças teatrais e adaptações para a TV e o rádio	39
2.1.3 Contos e poesias	43
2.1.4 Memórias e diários	46
3 CAPÍTULO 3 – SOZABOY: A OBRA ANTIGUERRA DE KEN SARO-WIWA	48
3.1 Enredo: Mene e a guerra da Biafra	48
3.2 <i>Sozaboy</i> e o rotten English: a linguagem como subversão	63
3.3 Recepção crítica de <i>Sozaboy</i>	69
4 CAPÍTULO 4 – SOZABOY: DESALIAÇÃO E O <i>BILDUNGSROMAN</i>	71
4.1 Alienação e Desalienação em <i>Sozaboy</i>	71
4.2 <i>Sozaboy</i> e o <i>Bildungsroman</i> : relações	85
4.2.1 O conceito de <i>Bildungsroman</i>	85
4.2.2 <i>Sozaboy</i> : um romance do gênero <i>Bildungsroman</i> ?	89
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	93

REFERÊNCIAS.....	95
GLOSSÁRIO.....	100
ANEXOS	105
Anexo A – Mapa Étnico da Nigéria – Localização da Etnia Ogoni	105
Anexo B – Mapa Linguístico da Nigéria – Línguas utilizadas pela Etnia Ogoni.....	106

1 INTRODUÇÃO

Analisar a obra *Sozaboy: a novel in rotten English* é, sem dúvida, uma tarefa que ultrapassa os limites da análise textual e coloca ao pesquisador o desafio de buscar compreender a história da Nigéria e, em certa medida, do continente africano. Isto, a partir de uma perspectiva capaz de confrontar a biblioteca colonial, nos termos de Mudimbe (1994, p. 12), e reescrever um discurso imperialista produtor, em última instância, de estereótipos e pré-conceitos. A escrita politizada de Ken Saro-Wiwa evidencia não só a falência de instituições políticas e sociais na Nigéria, mas ressalta as consequências de uma história de subjugação e resistência, a cooptação de autoridades locais e a manipulação do poder em detrimento das camadas desfavorecidas da sociedade. Em suas obras, Saro-Wiwa expõe e condena os desmandos do capitalismo financeiro, sobretudo no que tange à devastação do meio ambiente por companhias como a Shell e a Chevron e ao massacre do seu povo, os Ogoni. Reescreve, portanto, a história de um presente que pode ser chamado de neocolonial, mas que tem suas raízes no colonialismo Britânico do século XX.

Considerando o teor de *Sozaboy*, vê-se que a narrativa saro-wiwiana denuncia sem reservas as consequências da alienação na condução da vida de uma população, de uma comunidade e mesmo de uma nação. Isto, no sentido de que esta alienação pode lhes tolher a possibilidade de reflexão sobre as reais situações em que estão vivendo. Em seu romance antiguerra, este alheamento vai ser tão expressivo na comunidade de Dukana, que esta cidade e seus entornos serão arrasados por uma guerra, sem que seus habitantes tenham a oportunidade de se preparar ou sequer entender o que se passa. Só no desfecho do confronto é que alguns dos habitantes, em especial o protagonista, Mene ou Sozaboy, irão compreender, em um doloroso processo desalienante, o que de fato lhes sucedeu. Saro-Wiwa relata aqui a história dos esquecidos, das minorias étnicas e sociais que, desprovidas de voz e de representação - já que o próprio governo as hostilizava - são cruelmente submetidas a uma tentativa de extinção, ou como ele mesmo dizia, de genocídio (SARO-WIWA, 1992). É neste sentido que a obra de Saro-Wiwa torna-se o objeto de terror mencionado por Soyinka na epígrafe deste trabalho.

Para dar conta de tal complexidade, a dissertação está dividida em capítulos que permitem ao leitor entrar passo a passo na realidade de Mene e entender seu dilema e sua trajetória caótica. O primeiro capítulo apresenta, portanto, um

panorama da história da colonização africana pelos europeus, especialmente da dominação britânica da Nigéria. Este capítulo tratará também da questão da exploração do petróleo em regiões como o Delta do Níger e da segregação e subjugação de minorias étnicas como o povo Ogoni. Finalmente, mostrará aspectos da vida e da atuação política de Ken Saro-Wiwa, questões que determinaram sua escrita e que acabaram por levá-lo à prisão e à condenação à morte.

O segundo capítulo discute a obra plural do autor e sua recepção crítica, explorando características de sua escrita e as interfaces que sua arte política estabelecia com o contexto de produção. Alguns de seus textos de maior expressividade serão apreciados a fim de enfatizar sua coerência política e artística.

No terceiro capítulo, serão apresentadas particularidades do romance *Sozaboy: a novel in rotten English*. Este capítulo também tratará do aspecto linguístico-discursivo da obra. Como se deduz pelo título do livro, o uso da língua inglesa no romance é um tema que merece atenção.

O romance é propriamente analisado no quarto capítulo, que se foca no problema da desalienação e da formação do indivíduo, este último imprimindo ao texto características do *Bildungsroman*.

O capítulo quinto tratará das Considerações Finais.

CAPÍTULO 1

A COLONIZAÇÃO EM ÁFRICA, A NIGÉRIA E KEN SARO-WIWA

1.1 A colonização europeia em África e o estabelecimento de tradições inventadas

Situada no oeste da África, a Nigéria integrou a chamada rota da colonização europeia, a que fora submetido o continente, quase em sua totalidade, excetuando-se somente as regiões da Libéria e da Etiópia (SERRANO e WALDMAN, 2010). Atrativa por uma considerável costa propensa à apreensão e comércio de escravos, entre outros nichos comerciais passíveis de exploração, como o petróleo, por exemplo, o país tornou-se objeto de disputas, camufladas, como as demais iniciativas de anexação das terras africanas, pela dita missão civilizatória. Para melhor compreender como esse estado de coisas configura-se no continente, há tanto caracterizado sob a ótica do pessimismo e do atraso sociocultural, proceder-se-á à explanação da história da colonização africana. Tratar-se-á mais especificamente do escopo da realidade nigeriana, de modo a entender como os processos de ocupação e colonização adulteraram as matrizes culturais, políticas, econômicas, sociais e ambientais daquele país, o que motivou a mobilização de ativistas como o escritor Ken Saro-Wiwa, objeto de estudo desta dissertação.

Para contemplar o tópico da colonização em África é preciso destacar, primeiramente, que muito do que se diz sobre o continente no mundo dito ocidental tem por base textos colonialistas e imperialistas,¹ o que acaba por reforçar equívocos, como, por exemplo, a ideia de uma terra desprovida de identidades próprias, e esconder uma complexidade sociocultural há muito constituída. É nesta

¹ Consultar, por exemplo, Lugard, L. *The Dual Mandate in British Tropical Africa*. London: Frank Cass & Co. Ltd., 1965; Delavignette, R. *Les paysans noirs. Récit soudanais en douze mois*. Paris: Stock, 1931; Cary, J. *The African Witch*. London: House of Stratus, 2000 (1936); Curtain, P. *The Image of Africa: British Ideas and Action, 1780-1850*. Madison: The University of Wisconsin Press, 1964.

esteira que se faz necessário, então, apresentar nuances de uma África plural, autóctone e orgânica, pautada em determinações políticas e comunitárias próprias, bem como delinear a violência da intervenção europeia.

A ideia de uma África homogênea, tradicional e, portanto, facilmente dominável foi amplamente divulgada pela Europa. O termo tradição ganhou muitas vezes, naquele contexto, um sentido pejorativo na medida em que apontava para a rigidez e para a barbárie dos povos africanos. Para Silva e Silva (2009), a tradição pode ser caracterizada, a princípio, como doutrina ou prática religiosa transmitida de século para século dos ancestrais para os descendentes. Este conceito ampliou-se de modo a incluir elementos culturais presentes nos costumes, nas artes e nos fazeres herdados do passado: poderia ser entendido, portanto, como um conjunto de práticas e valores, enraizados nos hábitos de uma sociedade ou, ainda, como produto de um passado que continua a ser aceito e utilizado no presente, em determinadas situações (SILVA e SILVA, 2009, p. 405). Cabe enfatizar, no entanto, que o termo não deve ser pensado como sinônimo de fixidez e imutabilidade. Como bem afirmou George Balandier (1976, p.102), “a sociedade é sempre campo de defrontação *permanente* entre fatores de manutenção e fatores de mudança; ela traz em si as razões da ordem, que apresenta, e as da desordem, que lhe provocará a modificação”. O discurso colonizador e imperialista que contrapõe tradição e modernidade e associa o primeiro a atraso cultural, rigidez e primitivismo, serviu, contudo, como justificativa para a entrada do poderio europeu, com a consequente subjugação dos povos africanos e a dominação das terras e das riquezas naturais.

A propósito do termo modernidade, Balandier (1969, p.94-106) afirma que sua manifestação no continente deu-se, sobretudo, através da desnaturaçã das unidades políticas primordiais, da despolitizaçã, da ruptura dos sistemas naturais de limitaçã do poder – açã que abalou os mecanismos de manifestaçã da coletividade – da incompatibilidade dos sistemas de poder e, por fim, através da dessacralizaçã daqueles sistemas. Ao mesmo tempo em que influenciavam nestas mudançãs e impunham novos sistemas políticos e uma nova organizaçã social, os europeus rotulavam os modos de vida dos povos africanos, atribuindo-lhes, como dito acima, um falso caráter de fixidez, do qual se destacava o pensamento esclarecido europeu. Para Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984), no entanto,

Os costumes ajudavam a manter um sentido de identidade, mas permitiam também uma adaptaçã tão espontânea e natural que passava muitas

vezes despercebida. Além do mais, raramente existiu de fato o sistema consensual corporativo e fechado que era considerado 'característico' da África 'tradicional'. Quase todos os estudos recentes sobre a África pré-colonial do século XIX frisaram que, longe de existir uma identidade 'tribal' única, a maioria dos africanos assumia ou rejeitava identidades múltiplas, definindo-se em certos momentos como súditos de um chefe, em outros como membros de certa seita, em outros, ainda, como membros de um clã, e em outros momentos como iniciantes numa categoria profissional. Tais redes supostas de associação e permuta estendiam-se por amplas áreas. Assim, as fronteiras da comunidade 'tribal' e as hierarquias de autoridade nelas existentes *não* definiam os horizontes conceituais dos africanos. (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p.255).

Para os africanos, então, mesmo no período pré-colonial, a identidade era fluída e dinâmica e os costumes não eram, propriamente, definidores de suas raízes. Pode-se dizer, assim, que a ideia de fixidez dá-se partir da chegada dos Europeus e da imposição de uma força modernizante perpetrada pelo colonialismo. Muitas tradições são de fato, neotradições, ou seja, tradições inventadas pelos europeus para os africanos com o intuito de justificar, entre outras coisas, sua ação e autoridade naqueles territórios. Como apontam Hobsbawm e Ranger (1984, p.228-229; 244):

Na África, também, os brancos dependeram da tradição inventada para gerar a autoridade e a confiança que lhes permitiram tornar-se agentes de transformações. Além disso, na medida em que essas tradições foram conscientemente impingidas aos africanos, foram consideradas justamente como agentes de "modernização".

[...] Uma das funções da invenção da tradição no século XIX foi dar uma forma simbólica reconhecível e rápida aos tipos de autoridade e submissão em evolução. Na África, e sob a influência por demais simplificadora do domínio colonial, as próprias afirmações simbólicas tornaram-se mais simples e enfáticas. (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p.228-229; 244).

Segundo os autores, as tradições inventadas tornaram-se, para os brancos, uma forma de comando e para os africanos, uma forma de comportamento "moderno". Estas tradições inventadas, que resultaram na subjugação e subserviência africana, tiveram o seu florescimento em África nos anos de 1870, 1880 e 1890, respaldadas por um modelo de prática imperial não praticado na Europa e na Ásia (HOBSBAWM; RANGER, 1984, p.219).

Pela contemplação do termo "tradição" até o presente nesta análise, bem como pela recorrência da palavra nas teorias a serem utilizadas, vale dizer que o conceito será aqui utilizado e deve ser considerado cuidadosamente para que não se confunda com a ideia de fixidez tratada por Balandier (1976). Assim como para que leve em conta a incorporação artificial de costumes inventados. Partindo, então,

deste parêntese acerca das facetas do termo tradição, verificar-se-á como ela figura em África.

Segundo Serrano e Waldman (2010, p.126; 127), uma considerável parcela da população africana ainda vive sob as determinações tradicionais e culturais de seus ancestrais. Tal organização se caracteriza por um sistema social similar ao de uma economia aldeã, configurada pela intensa ligação com o meio ambiente, de onde tiram tudo o que precisam, em um caráter fortemente autárquico e que prescinde ao acúmulo (SERRANO e WALDMAN, 2010, p.126; 127). Outro traço característico, de acordo com os autores, e, talvez, extremamente mais significativo, é que a família determina a identidade africana e confere representação na esfera social. A família é geralmente extensa, não exatamente pela quantidade de filhos naturais, mas pela consideração de parentes próximos e distantes, não havendo distinção entre primos ou tios, pais ou avós. Faz-se, em geral, a referência a um avô, bisavô ou tataravô, comum a todos os membros da família, que passa a ser o ancestral cultuado pelo clã. (SERRANO e WALDMAN, 2010, p.129-131). Cabe dizer que a família extensa é uma insigne da seguridade social, tendo mais representatividade do que muitos dos governos africanos (SERRANO e WALDMAN, 2010, p.131).

De acordo com Serrano e Waldman (2010), em África, a vida social assenta-se numa constante busca de equilíbrio, que se dá pela consideração de um sistema de forças, que inclui deuses, ancestrais e parentes falecidos, presentes ainda hoje em suas comunidades. Esta formatação configura uma hierarquia de estruturas, validada pelo critério da ancianidade. Nesta esteira, o princípio de união e força vital se coloca, interligando, numa peculiar e “equilibrada” relação, noções de tempo e espaço. O princípio africano de força vital atesta que todos os seres possuem um dinamismo, estão em desenvolvimento e se interligam, de alguma forma. Daí provém a complementariedade da união vital, corroborando a premissa de que os indivíduos e demais elementos vivos ou sobrenaturais se conectam para que haja um balanceamento de forças, em um dado lugar e em uma circunstância propícia para isto (SERRANO e WALDMAN, 2010, p.136-140). Estes saberes são, comumente, transmitidos por meio da oralidade, outra forte marca tradicional africana.

Com a influência europeia, muitos dos princípios culturais e sociais das comunidades locais passaram por mudanças que colocaram em risco sua autonomia

e preservação. A ação europeia, muitas vezes com o auxílio de autoridades africanas, provocou cisões dentro dos grupos sociais e políticos, ruiu ideologias baseadas na confiança e na lealdade, desabonou valores antes enaltecidos, relegando-os, perante o parâmetro ocidental, ao obscurantismo e ao primitivismo. Com o já avançado comércio de produtos tropicais e pela superação da economia de sobrevivência, as relações sociais ganharam novos moldes. Se antes a economia estava submetida ao social, agora a sociedade assume por vezes uma lógica de acumulação e detenção/ostentação de poder.

Cabe lembrar que o interesse europeu na África restringiu-se, em dado momento histórico, à extração de bens valiosos e à captura de escravos. Mas ao final do século XIX, a África passa a ser considerada sob a ótica da colonização e da consequente subalternização dos povos africanos. Como afirma Boahen (1984, p.15):

[...] em 1880, graças ao desenvolvimento da revolução industrial na Europa e ao progresso tecnológico que ela acarretara – invenção do navio a vapor, das estradas de ferro, do telegrafo e, sobretudo, da primeira metralhadora, a Maxim –, os europeus que eles [os africanos] iam enfrentar tinham novas ambições políticas, novas necessidades econômicas e tecnologia relativamente avançada. Por outras palavras, os africanos não sabiam que o tempo do livre-cambismo e do controle político oficioso cedera lugar, conforme diz Basil Davidson, a “era do novo imperialismo e dos monopólios capitalistas rivais”.

Os europeus já não queriam apenas trocar bens, mas exercer controle político direto sobre a África. (BOAHEN, 1984, p.15).

Estabeleceu-se, portanto, um acurado projeto colonialista pautado no comércio, no cristianismo e, sobretudo, na ideia de civilização. A conquista do território africano e das suas respectivas almas era atrativa aos olhos dos europeus. Sobre a incursão e alteração do espaço, Mudimbe (1994, p.107), por exemplo, recorre à ilustração das ambiciosas pretensões belgas:

Estes números mostram um movimento surpreendente: uma vontade de converter, transformar, mudar radicalmente um espaço e seus habitantes. Em nome da fé (catolicismo) e de uma chamada nacionalista (para expandir a Bélgica), jovens homens e mulheres belgos mudaram-se para a África Central convencidos de que poderiam orquestrar uma ruptura histórica na consciência e no espaço dos africanos. (MUDIMBE, 1994, p.107).²

²: These figures show an amazing movement: a will to convert, to transform, to change radically a space and its inhabitants. In the name of faith (Catholicism) and a nationalist call (to expand Belgium), young Belgian men and women moved to Central Africa convinced that they could engineer a historical rupture in the consciousness and the space of Africans. (MUDIMBE, 1994, p.107).

No século XX, a África estava cravejada de portos, ferrovias, linhas de telégrafo, pontes e estradas. Apesar das diferentes formas de colonização impostas dependendo da região colonizada e das premissas políticas dos países colonizadores, é possível dizer que diversos paradigmas políticos e sociais foram alterados e que milhares de africanos sofreram com a invasão e exploração das suas terras. Além disso, a imposição da educação formal e, em várias instâncias, da língua do colonizador foram também fatores que impulsionaram a falência de um sentido de coesão social e política entre os africanos, o que facilitava, em grande medida, a empreitada europeia. Por outro lado, é imprescindível lembrar que a violação da África, tanto no período colonial como nos dias atuais, envolve tanto europeus como autoridades africanas corruptas e cooptáveis. Como se verá no romance de Saro-Wiwa, governos e chefias locais agem muitas vezes em seu próprio benefício e em detrimento da população. Nas palavras do crítico Toyin Falola (2003, p. 44), “não podemos hoje criticar o imperialismo europeu na África sem também criticar a elite africana que gerencia o mundo pós-colonial”.³

1.2 A dominação inglesa na Nigéria, suas consequências e a busca pela independência

Localizada no Golfo da Guiné, a Nigéria está conectada ao Benim, ao Níger, ao Chade e ao Camarões. É banhada majoritariamente pelos rios Benue e Níger, que nascem, respectivamente, em Camarões e na Guiné-Conacri, mas que se encontram na parte central do território, partindo para o sul e formando o Delta do Níger, local de alta concentração petrolífera. Entre outros cultivos, como o do amendoim, o país, favorecido ao sul por um clima tropical e de intensas chuvas, se presta ao plantio de palmeiras - daí a extração e comercialização do óleo de palma, bem como de cacau. Porém, a notoriedade de seus recursos se dá pela farta disponibilidade de minérios como o ferro, o ouro, o calcário e o carvão e, sobretudo, pelas consideráveis fontes de petróleo, minas, inclusive, que passaram a ser exploradas pela Royal Dutch Shell em 1958. O território, dominado pelos ingleses

³ As Toyin Falola once remarked, “today, we cannot criticize European Imperialism in Africa without also criticizing the African elite that manage[s] the post-colonial world”.

desde meados do século XIX, é considerado o mais populoso da África, contando atualmente com aproximadamente 170 milhões de habitantes, divididos em 245 grupos étnicos diferentes. Porém, destes, quatro totalizam sozinhos 60 % da população territorial: são os pertencentes aos povos Igbo, Ioruba, Haussá e Fula, coletivos que congregam, junto às demais etnias, um diversificado cenário linguístico.⁴

Segundo Adenkule (2002), em virtude da desestabilização de lideranças ao norte e ao sul do país, bem como em função da coibição do comércio escravagista, os britânicos começaram a articular suas estratégias de posse do Estado nigeriano. Isto se deu através tanto de contatos iniciais que possuíam com os então *sobas*, régulos e chefes locais, no intuito de cooptá-los, quanto por meio de formas mais diretas e efetivas de exercer livremente a gestão das terras daquela porção continental. O objetivo fundamental da administração colonial europeia era tornar as colônias autossuficientes do ponto de vista financeiro para que não precisasse desprender recursos próprios com elas, preocupando-se, apenas, em extrair o máximo de benefícios que elas pudessem lhes render. Como explica Adenkule (2002, p.384)

A África Ocidental era atraente para os europeus por causa de seus ricos recursos econômicos. Os povos da África Ocidental tornaram-se fornecedores de cacau, produtos de palma, algodão, amendoim, borracha e recursos minerais como ouro, estanho e chumbo. A importância dos rios Senegal, Gâmbia e Níger não pode ser negligenciada no esquema econômico global dos europeus, especialmente em relação aos britânicos. Interesses imperiais britânicos e franceses na África Ocidental tinham raízes profundas na exploração econômica e política. A apreensão de Lagos, a derrota da Confederação Fante, a destruição do Império Tukulor, a "corrida para Nikki," a subjugação das terras Ioruba e a conquista do Califado Sokoto atestaram as ambições imperiais dos europeus na África Ocidental. Em 1900, os franceses e britânicos tinham redesenhado o mapa da África Ocidental através da criação de fronteiras artificiais e arbitrarias e do estabelecimento de um governo colonial eficaz. (ADENKULE, 2002, p.384).⁵

⁴ Dados obtidos nos sites das Nações Unidas e da UN Refugee Agency.

⁵ "West Africa was attractive to the European because of its rich economic resources. The peoples of West Africa became suppliers of cocoa, palm produce, cotton, groundnuts, rubber, and mineral resources such as gold, tin, and lead. The importance of the Senegal, Gambia, and Niger rivers cannot be overlooked in the overall economic scheme of the Europeans especially in regards to the British. British and French imperial interests in West Africa had deep roots in economic and political exploration. The seizure of Lagos, the defeat of the Fante Confederation, the destruction of the Tukulor Empire, the 'race for Nikki,' the subjugation of Yourubaland, and the conquest of the Sokoto Caliphate testified to the imperial ambitions of the Europeans in West Africa. By 1900, the British and French had redraw the map of West Africa by creating artificial and arbitrary boundaries and establishing effective colonial rule". (ADENKULE, 2002, p.384).

Este redesenho do oeste africano remete à fala de Lord Salisbury, colonialista britânico: “Traçamos linhas sobre mapas de regiões onde o homem branco nunca tinha pisado. Distribuimos montanhas, rios e lagos entre nós. Ficamos apenas atrapalhados por não sabermos onde ficavam estas montanhas, esses rios e esses lagos” (SERRANO; MUNANGA, 2006, p.6).

Vale dizer que o domínio britânico valeu-se da administração indireta na Nigéria (*indirect rule*), que, em termos simples, caracterizava-se pelo uso das estruturas autóctones de poder, delegando aos chefes locais a função de colaboradores do colonialismo. Esta colaboração concretizava-se pela captação de impostos, pela atenuação de conflitos e pela “representação” dos europeus. Isto sugeria uma participação dos africanos nas decisões referentes às suas comunidades, o que de fato não acontecia. Especificidades desta forma de governo são apresentadas por Serrano e Waldman (2010, p. 220):

Essa política foi inspirada na experiência de *sir* Frederick Lugard, governador-geral da Nigéria em 1920, sintetizada na sua tese relativa ao *Mandato Dual na África Tropical Britânica*. O seu entendimento da administração colonial preconizava a participação dos “nativos” no gerenciamento das colônias, por ele justificada em razão de diferenças culturais e históricas irredutíveis existentes entre europeus e africanos. Tal princípio, aliás, com apoio conceitual desse curioso personagem que é o “antropólogo governamental”, objetivamente instituiu uma norma universal passível de ser encontrada sob as mais diversas roupagens na prática concreta do colonialismo: a de *dividir para reinar*. (SERRANO E WALDMAN, 2010, P. 220).

Apesar de sua aparente efetividade, o modelo de administração indireta nunca foi plenamente aceito e acreditado pelos africanos. Isto porque a conquista das colônias já havia sido, anteriormente, realizada de forma coercitiva e não consentida. O “dividir para reinar” de Lugard ainda teria sido responsável pela ampliação das diferenças étnicas no oeste nigeriano, como atesta Adenkule (2002, p. 387):

Além disso, a política de “dividir e reinar” tinha separado ao invés de unir grupos étnicos unidos na África Ocidental. Dividir os povos deliberadamente não era uma boa maneira de estabelecer bases para a integração étnica. O impacto desta abordagem ficou evidente no período pós-colonial, quando a maioria dos países do Oeste Africano experimentaram conflitos étnicos freqüentes. Por exemplo, na Nigéria, o Hausa e Fulani no norte, o Ioruba no oeste, e Igbo no leste não tinham sido totalmente integrados, como se pode verificar por muitos conflitos étnicos e religiosos desde a independência. Parte da culpa pode ser colocada em Lord Lugard, que amalgamou os

Protetorados do Norte e do Sul em 1914, sem qualquer acordo concreto para o desenvolvimento nacional unificado. (ADENKULE, 2002, p. 387).⁶

A insatisfação popular com o modelo colonialista, o contato com teorias libertárias, e os movimentos de trabalhadores e ativistas políticos levaram ao crescimento de um sentimento nacionalista, não só na Nigéria, mas nas colônias como um todo, sobretudo ao final da Segunda Guerra Mundial. Não demorou para que as colônias conquistassem sua independência. No caso da Nigéria, a independência é declarada no ano de 1960. De acordo com Iweriebor (2002), o movimento nacionalista de maior expressividade e que foi determinante para este fato foi a formação do Conselho Nacional da Nigéria e Camarões. A associação foi fundada em 1944 em função da atuação de ativistas insatisfeitos com os conflitos entre as elites étnicas e com a negligência administrativa do poder colonial. Este movimento foi encabeçado pelo veterano nacionalista Herbert Macaulay e pelo mais jovem militante reformista nacionalista, Nnamdi Azikiwe. A militância propagou o nacionalismo pelo país, arrolando os mais diversos perfis populares: movimentos trabalhistas, veteranos de guerra, comunidades étnicas, associações urbanas, clubes sociais e culturais, mulheres comerciantes e outros grupos femininos, elites urbanas e jovens politizados. Outro movimento extremamente significativo para a difusão do nacionalismo na Nigéria foi o Movimento Zikist, fundado em 1946. A denominação possuía orientação socialista e pautava-se na estratégia da “ação positiva”, ou seja, na organização de greves politizadas, na desobediência civil e na sabotagem. Suas ações compeliram o governo colonial a projetar uma constituição, em 1951, que instanciava o Congresso das Pessoas do Norte e o Grupo de Ação no oeste do país. Estas empresas acabaram por atrasar o motor progressista do Movimento Zikist, em função da dispersão das reivindicações, mas não impediu a conquista da independência. (IWERIEBOR, 2002, p.478-479).

Com o passar dos anos e apesar da independência, a Nigéria enfrentou diferentes problemas. Em função da abundância de petróleo em regiões como o Delta

⁶ : In addition, the policy of "divide and rule" had divided rather than united ethnic groups in West Africa. Deliberately dividing the people was not a sound way of laying a foundation for ethnic integration. The impact of this approach became evident in the postcolonial period when most West African countries experienced frequent ethnic conflicts. For instance, in Nigeria, the Hausa and Fulani in the north, the Yoruba in the west, and the Igbo in the east had not been fully integrated, as indicated by the many ethnic and religious conflicts since independence. Some of the blame can be placed on Lord Lugard, who amalgamated the Northern and Southern Protectorates in 1914 without any concrete arrangement for unified national development. (ADENKULE, 2002, p. 387).

do Níger, empresas como a anglo-holandesa Royal Dutch Shell vem causando sérios danos à sua autonomia humano-ambiental. A atividade das indústrias petrolíferas afeta sobremaneira o meio-ambiente uma vez que faz uso de recursos naturais ao mesmo tempo em que elimina resíduos tóxicos. A negligência do estado em conter este novo sistema exploratório, que não se restringe obviamente à extração de petróleo, mas a uma gama de ações que favorecem multinacionais, bancos, em suma, o capital financeiro, bem como as elites africanas, coloca a Nigéria em uma condição neocolonial, nos termos de Adejumobi. Para o crítico (2002, p.483), o neocolonialismo delineou-se em África pelo desejo de desenvolvimento após o período da (suposta) descolonização e se caracteriza como um modelo de subjugação econômica. Este modelo retira das populações seus direitos básicos ao mesmo tempo em que, com o auxílio das elites governamentais, favorece as demandas do capital financeiro. Como constata Kwame Nkrumah, citado por Adejumobi (2002, p.483), o neocolonialismo é de fato um novo colonialismo, que revela um futuro de exploração das colônias mesmo depois da deflagração da independência.

Ken Saro-Wiwa foi uma das figuras exponenciais na luta pela autonomia dos povos nigerianos, pela preservação do ambiente natural da Nigéria e pela libertação política e econômica do Estado em relação a companhias como a Shell e a Chevron. Como mostro a seguir, seu ativismo político culmina no seu assassinato, pelo governo da Nigéria, no ano de 1995.

1.3 Ken Saro-Wiwa: aspectos da vida e das lutas de um intelectual da ação

Kenule Besson Saro-Wiwa nasceu em 10 de outubro de 1941, em Bori, no Estado de Rivers, na Nigéria. Estudou na Nigerian Premier University, onde se graduou com honras em Letras (Inglês, Francês e Alemão), em 1965. Após sua graduação, assumiu aulas em tempo integral em um colégio do governo, no qual já trabalhava desde 1962, enquanto ainda era estudante. Durante a guerra civil nigeriana, no período de 1966 a 1970, Ken Saro-Wiwa apoiou o governo federal lutando e mobilizando pessoas contra os rebeldes da Biafra, liderados pelo Coronel Odumegwu Ojukwu. As motivações para o conflito podem ser verificadas pelas colocações de Ojaide (2000, p. 55), que ajudam a compreender como Saro-Wiwa se

envolveu diretamente nele e como este embate influenciou sua vida, sobretudo, como escritor:

Pertencendo a um grupo minoritário na Região Leste Igbo - região que o tenente-coronel Chukwuemeka Odumegwu Ojukwu declarou República de Biafra, Saro- Wiwa sentiu que seu povo não pertencia ao local. Afinal de contas, o governo em Enugu havia negligenciado as áreas que não pertenciam aos Igbo, as quais se tornaram os estados do Sudeste e Rivers. Quando o tenente-coronel Yakubu Gowon tentou se apropriar da declaração da Região Leste como Biafra, com a criação dos estados do Leste, de Rivers, do Sudeste , em 27 de maio de 1967, suas razões eram estratégicas, separando as minorias da maioria Igbo, cujo domínio havia marginalizado as demais etnias. O Delta do Níger confere identidade aos povos autóctones. Os habitantes desta terra abundante em água, de exuberante vegetação em ambos os lados do rio Níger, têm sido sempre as minorias, nas regiões orientais e ocidentais da nação nigeriana. Seu status é o de um povo explorado e negligenciado. [...] Por esta razão, uma das orientações do escritor do Delta do Níger é significar o Delta, mostrando o paradoxo que se estabelece por possuir a riqueza do petróleo e do gás e ainda permanecer pobre. Os Ioruba, Hausa - Fulani , e Igbo são os “donos do poder” que se revezam na vitimização do Delta. (OJAIDE, 2000, p. 55).⁷

De acordo com Na’Allah (1998), Saro-Wiwa tornou-se professor assistente na faculdade Stella Maris, de 1967 a 1973. Em 1967, foi convidado pelo General Yakubu Gowon a integrar o Conselho Executivo do Estado Rivers, no qual atuava como uma espécie de ministro, ficando neste grupo de 1968 a 1973. Nesta época, sua veia literária começou a se manifestar. Contos como *Tambari* e *Tambari in Dukana* (1973) e outros trabalhos ganharam, na ocasião, significativa notoriedade. É o caso, também, de *Basi and Company* (1988), que tornou-se uma série televisiva de sucesso na Nigéria. O jovem escritor produziu ainda novelas de rádio, a saber, *The Transistor Radio* (1972) e *Bride by Return* (1973). Diante da quantidade de textos que escrevia e da dificuldade em submetê-los às editoras conhecidas, Saro-Wiwa resolveu criar sua própria editora, em 1973, denominada Saros International

⁷ : Belonging to a minority group in the Igbo-dominated Eastern Region that Lt. Col. Chukwuemeka Odumegwu Ojukwu declared the Republic of Biafra, Saro-Wiwa felt that his people did not belong to Biafra. After all, the government in Enugu neglected the non-Igbo areas that became the South-eastern and Rivers States. When Lt. Col. Yakubu Gowon tried to preempt the declaration of the Eastern Region as Biafra with the creation of East Central, South-eastern, and Rivers States on 27 May 1967, he was, for strategic reasons, separating the minorities from the majority Igbo group whose dominance had marginalized others.

The Niger Delta gives identity to its indigenous people. The inhabitants of this watery land of lush vegetation on both sides of the Niger River have always been minorities in either the Eastern or Western regions or the Nigerian nation. Their status is that of an exploited and neglected people. [...] For this reason, one of the Niger Delta writer's orientations is to signify the Delta, showing its paradox of sitting on oil and gas wealth and yet remaining impoverished. The Yoruba, Hausa-Fulani, and Igbo are the "three overlords" who take their turn to ride their Delta victim. (OJAIDE, 2000, p. 55).

Limited. Por meio da editora, que possuía filial em Londres, o escritor publicou suas poesias, romances e contos, distribuindo-os por diferentes partes do mundo, nos mais diferentes recônditos da Europa e da América. Seu romance mais prestigiado, *Sozaboy: A Novel in Rotten English (1985)*, corpus deste trabalho, colocou-o no patamar de escritores populares nigerianos, como Amos Tutuola e Gabriel Okara.

Saro-Wiwa foi um escritor prolífico. Apenas entre os anos de 1991 e 1992 publicou onze títulos. Segundo Na'Allah (1998), além da Saros International Limited, Saro-Wiwa valeu-se de outras companhias para oficializar mercadologicamente suas obras, como a Longman Nigeria – pela qual lançou dois títulos, um deles o próprio *Sozaboy* – e a Penguin, que fez a publicação póstuma de seu diário de prisão, *A Month and a Day*, no ano de 1995. Finalmente, era ainda colunista de jornais como *Sunday Times* e *The Vanguard Newspaper* (NA'ALLAH, 1998, p.364-365).

Desde cedo, Ken Saro-Wiwa caracterizou-se como figura distinta em seu tempo, tanto que foi apontado pelo presidente Ibrahim Babangida, entre 1987 e 1988, como Diretor Executivo do Diretório para a Mobilização Social; e nos anos de 1987 e 1992, como Diretor da Companhia Nigeriana de Manufatura de Impressão de Notícias. Sua estada no Diretório, no entanto, foi bastante reticente quanto às suas expectativas. Em função de mudanças realizadas por Babangida no curso da realização dos projetos da divisão, desgostou-se da nova função e deixou o cargo. Como afirma Na'Allah (1998), Saro-Wiwa decidiu, então, dedicar-se aos seus negócios, à escrita e, sobretudo, à emancipação do povo Ogoni. Seu posicionamento popular e ativismo foram os causadores de sua morte, já que sempre tentava chamar a atenção do mundo para a situação calamitosa que os habitantes de seu entorno estavam enfrentando. Ele foi o primeiro a ser preso, em 12 de junho de 1993, após as eleições presidenciais, justamente por incitar a população ao boicote da disputa pelo poder estatal e por divulgar o despreparo e o ensurdecimento do governo em ouvir a voz popular. Nesta ocasião, Saro-Wiwa foi preso por um mês e um dia, daí o nome de seu livro póstumo. Em maio de 1994, ele foi novamente detido por supostamente instigar a morte de quatro chefes Ogoni, sendo entregue para julgamento a um tribunal militar. Em 2 de novembro de 1995, Saro-Wiwa foi sentenciado à morte, junto com mais oito membros dos Ogoni. Em 10 de novembro do mesmo ano, Saro-Wiwa foi levado para Port Harcourt, onde foi enforcado.

A luta de Ken Saro-Wiwa orientou-se fortemente pela defesa do povo Ogoni. Suas terras totalizavam, à época, uma porção de 404 mil metros quadrados e sua população contava com aproximadamente meio milhão de pessoas, divididas em três áreas governamentais locais. As famílias organizavam-se em seis clãs, divididos ao longo de 111 vilarejos. É neste contexto que Saro-Wiwa vai embasar seu discurso quanto à necessidade de considerar o descaso do governo e a interferência de companhias estrangeiras. Para isso, o ativista elenca, segundo Na'Allah (1998), em linhas gerais, duas frentes de discussão: a primeira refere-se a diferentes formas de integração de comunidades externas ao programa da colônia. Isto porque, como residiam na região do Delta do Níger, os Ogoni mantinham-se afastados dos demais grupos étnicos, sobrevivendo de forma independente. E a segunda, decorrente da primeira, configurava-se pela adesão tardia dos Ogoni à esfera colonial, o que os colocava em contato com outros grupos étnicos há tempos já integrados ao *modus operandi* europeu e em diferentes escalas de desenvolvimento. Tais grupos apresentavam formas peculiares de atuação política, o que, para Saro-Wiwa, foi a mola propulsora das tensões entre estas etnias. Além disso, por terem se associado mais tarde às fronteiras oficiais e políticas nigerianas, os Ogoni não compactuavam do mesmo sentimento de unificação que se verificava na maior parte do país. De acordo com Na'Allah (1998), muito embora não possuíssem, entre si, um mito de origem comum, partilhavam similaridades no que tange à linguagem, costumes, tradições, agricultura, procedimentos e atitudes, o que os mantinham unidos. Por outro lado, tal união reforçava suas reservas quanto a uma possível coligação ao cenário nacional, sobretudo na ocasião do mando colonial.

Com a efervescência da questão da Biafra separatista, em 1967, os Ogoni enfrentaram um drama territorial. Por possuírem fronteiras com aquela região, o grupo ficou posicionado entre as forças federais e o exército de Igbos da Biafra; foram, então, subjugados por estes últimos que, percebendo a ameaça federal, acabaram evacuando a área. O temor dos Ogoni provocou diferentes reações, como a da Síndrome do Êxodo, fazendo muitos abandonarem seus lares.

Mas foi com a descoberta de petróleo em sua região, no ano de 1958, que a comunidade Ogoni sofreu os mais terríveis efeitos do conflito territorial. Encabeçada por empresas como a Shell e Chevron, os empreendimentos de perfuração, busca e processamento de matéria-prima relegaram ao meio ambiente, especialmente local, níveis de poluição e desgaste absurdos. De acordo com Quayson (1998, p.68):

Um estudo do Banco Mundial, realizado em 1995 e intitulado Definindo uma Estratégia de Desenvolvimento Ambiental para o Delta do Níger, mostra que 76 % de todo o gás natural proveniente da produção de petróleo na Nigéria é queimado, em comparação a 0,6 % nos EUA, a 4,3 % no Reino Unido e a 21 % na Líbia. Em temperaturas de 1300 -1400 graus centígrados, as chamas na área do Delta aquecem tudo, causando emissões inimagináveis de gases venenosos. As labaredas liberam 35 milhões de toneladas de dióxido de carbono por ano e 12 milhões de toneladas de metano. De acordo com Claude Ake, em matéria da Revista Nigeriana *Telling*, de janeiro de 1996, isto significa que os campos de petróleo da Nigéria contribuem mais para o aquecimento global do que o resto do mundo junto. Além disso, os estados de Rivers e Delta unidos sofrem cerca de 300 grandes derrames de petróleo por ano, os quais liberam cerca de 2300 metros cúbicos de petróleo. (QUAYSON, 1998, p.68).⁸

Além disso, a atividade das refinarias tornou-se arbitrária quanto à observação de posturas de respeito ambiental. De acordo com Quayson (1998), em Dere, por exemplo, a Bomu Oil Refinery causou um derramamento de óleo que afetou diretamente 20.000 pessoas. Eventos como chuva ácida assolaram a região por meses, fazendo crianças e adultos tossirem sangue e terem sua saúde seriamente comprometida, quando não chegavam rapidamente a óbito. Quando estes problemas eram levados ao júri, as condenações a empresas como a Shell eram tão insignificantes e as indenizações tão irrisórias que ficava explícito a deferência que estas indústrias recebiam no território.

Diante dos desmandos, das dificuldades e das arbitrariedades sofridas pelos Ogoni, fragilizados em função de sua condição geográfica e diplomática em relação a outras etnias, Ken Saro-Wiwa saiu em defesa deste povo. Atuou não apenas em função de uma representação étnica, mas opondo-se radicalmente ao processo gradativo de anulação desta comunidade em favor de outros interesses. Segundo Quayson (1998, p. 65), Saro-Wiwa

interpreta a história das terras Ogoni como uma tragédia. Isto é importante porque, mesmo que ele estivesse usando o termo apenas em seu sentido cotidiano, há uma indicação de que sua decisão pessoal de comprometer a sua vida lutando em favor de seu povo, derivou, em parte, do entendimento que possuía a respeito da terrível sina dos Ogoni. Para ele, esta sina só

⁸: A 1995 World Bank Study, *Defining an Environmental Development Strategy for the Niger Delta*, shows that 76 percent of all the natural gas from petroleum production in Nigeria is flared compared to 0.6 percent in USA, 4.3 percent in the UK and 21 percent in Libya. At temperatures of 1300 to 1400 centigrade the ultimate of flares in the Delta area heats up everything causing unimaginable emissions of poisonous gases. The flares release 35 million tons of carbon dioxide a year and 12 million tons of methane. According to Claude Ake writing in the Nigerian *Telling Magazine* in January 1996, this means that Nigerian oil fields contribute more to global warming than the rest of the world together. In addition to this, Rivers and Delta States suffer about 300 major oil spills a year which discharge about 2300 cubic metres of oil. (QUAYSON, 1998, p.65) .

poderia ser aliviada por meio de um compromisso total que envolveria sua própria vida. (QUAYSON, 1998, p.65).⁹

Saro-Wiwa procurou estabelecer em seu discurso e prática orientações que auxiliavam os mais leigos a compreender sua real situação e a maneira como poderiam colaborar para mudá-la. Tais orientações estavam fixadas em quatro bases: mostrar aos Ogoni as circunstâncias que os envolviam; fazendo com que se identificassem com as demandas da mobilização; constituir alianças com os líderes tradicionais, com vistas à integração, à contemplação de um foco comum e à luta pela autonomia; inteirar as frentes sociais acerca do mecanismo burocrático do estado nigeriano, fazendo com que percebessem que careciam de uma organização própria; e, por fim, apresentar as reais determinações da Shell enquanto empresa multinacional, bem como a forma como ela ainda poderia afetar suas vidas. Em um de seus relatos, Saro-Wiwa lamenta:

Olhei para Ogoni e descobri que todo o lugar era agora um terreno baldio e que somos as vítimas de uma guerra ecológica, que é muito grave e não convencional.

Não é convencional porque não há ossos quebrados e ninguém está mutilado. As pessoas não estão alarmadas porque elas não podem ver o que está acontecendo. Mas os humanos estão em risco, as plantas e os animais estão em risco. O ar e a água estão envenenados. Finalmente, a própria terra morre. Isso é o que acontecendo com o povo Ogoni. [...] Infelizmente, as coisas das quais vivíamos - a terra, o mar - foram totalmente poluídas. Então, não podemos voltar para a agricultura. Vivemos em um dilema básico. Se o dinheiro do petróleo não está sendo usado para sustentar o desenvolvimento do povo Ogoni e todo ele está sendo transferido para Abuja, para construir uma nova cidade, ou para Sokoto, ou Maiduguri, para enviar todos para a escola, enquanto o povo Ogoni não pode nem mesmo ir para a escola primária, tem-se um dilema moral básico. A questão da justiça social, que ocupa todos os escritores - e essas perguntas que ocupam escritores, pessoas sensíveis ao longo dos tempos - me deparo com elas e minha reação foi responder ao povo nada nada nada menos que: vocês devem lutar por sua própria libertação, até mesmo de seus amigos e parentes (SARO-WIWA, 1998, p. 331-332).¹⁰

⁹: More important, he interprets the history of Ogoniland as a tragedy. This is significant because even though he is using the term only in its everyday sense, there is an indication that his own personal decision to commit his life to fighting on behalf of his people derived partly from his understanding of their terrible predicament. For him their predicament could only be relieved through the total commitment of his own life. (QUAYSON, 1998, p.65).

¹⁰ I looked at Ogoni and found that the entire place was now a wasteland; and that we are the victims of an ecological war that is very serious and unconventional.

It is unconventional because no bones are broken, no one is maimed. People are not alarmed because they can't see what is happening. But human beings are at risk, plants and animals are at risk. The air and water are poisoned. Finally, the land itself dies. That is what is happening to the Ogoni people. [...] Unfortunately, the things that we used to live on - the land, the sea - have now been entirely polluted. So, we can't go back to agriculture. So, we have a basic dilemma there. If oil money is not being used to sustain the development of the Ogoni people and all the money is being transferred to Abuja to build a new city or to Sokoto or to Maiduguri to send everybody there to school, and the Ogoni people cannot even go to primary school, then you have a basic moral dilemma. The

Suas diretrizes surtiram efeito tão expressivo que em pouco tempo as massas estavam mobilizadas por Saro-Wiwa. Até 1990, muitas das demandas das minorias foram apresentadas por delegações que se reuniram com autoridades estaduais e federais. Um importante momento para as comunidades Ogoni se deu com a criação do Movimento para a Sobrevivência do Povo Ogoni (MOSOP – sigla em inglês), em 1990, tendo Garrick Leton como presidente e Ken Saro-Wiwa como porta-voz. Esta entidade possibilitou a visibilidade das reivindicações da comunidade e da disponibilidade para a luta contra os maus tratos perpetrados pelas companhias petrolíferas e permitidos pelo governo (QUAYSON, 1998, p.69).

Segundo Quayson (1998), no final de 1990, o MOSOP idealizou o Projeto de Lei dos Direitos dos Ogoni, apresentado, na ocasião, ao governo de Babangida, apoiado por entidades como o Subcomitê de Prevenção da Discriminação Contra Minorias, a Comissão de Direitos Humanos Africanos, o *Greenpeace* e o Grupo de Ação da Floresta Tropical. Entre outras coisas, o projeto de lei pleiteava, de modo geral, o direito de ter controle sobre seus assuntos políticos, de ter acesso e usufruto da parte econômica dos recursos derivados do território Ogoni, da proteção, uso e desenvolvimento das linguagens Ogoni e o direito de ter seu ambiente protegido da degradação por conta da atividade de produção de combustível. Este posicionamento do MOSOP preocupou as instâncias governamentais, pois mostrou que um grupo étnico, antes isolado, poderia provocar mudanças de repercussão federal, inclusive incitando outras comunidades a se levantarem contra a avassaladora ação das indústrias petrolíferas, já que sua ação atingia diferentes partes do país. Por outro lado, caso se vissem ameaçadas, tais indústrias poderiam suspender as vultosas receitas que enviavam aos cofres nigerianos. A indisposição estatal ficava cada vez maior, pois, em dezembro de 1992, o MOSOP escreveu à Shell e a outras congêneres exigindo indenizações pelos danos causados por elas à natureza e às populações. Este ato, à semelhança de outros, elevou o Projeto de Lei dos Direitos Ogoni ao nível do Projeto Americano e do Projeto Francês. A luta empreendida foi embalada em tom épico, diferenciada daquela vista na época da guerra da Biafra, uma vez que as críticas foram além da afetação do meio ambiente e pairaram sobre o tema do genocídio. Segundo o próprio Saro-Wiwa, se as

question of social justice which occupies all writers - and those questions which occupy writers, sensitive people throughout the ages - I am faced with them and my reaction has been to tell the people thus far and no more. You must fight for your own liberation, even from your kith and kin (SARO-WIWA, 1998, p. 331-332).

condições de sobrevivência da população fossem erradicadas, logo os Ogoni não teriam como se manter, não teriam mais filhos, começariam a morrer e, por conseguinte, se extinguiriam (QUAYSON, 1998). Acerca da preocupação com o potencial genocídio Ogoni, Ken Saro-Wiwa atesta que:

Não há uma definição clara de genocídio pelas Nações Unidas: é qualquer coisa como a destruição de um grupo de pessoas. Agora, consideramos o caso Ogoni, por exemplo. Poluem seu ar, poluem seus rios, tornam impossível o cultivo da terra ou a pesca, que é a sua principal fonte de subsistência e, em seguida, o que sai do solo, tomam inteiramente. Dizem que vão dar 1,5% ou 3%, mas isso não acontece. Mantêm as riquezas em outro lugar, onde outras pessoas vão cuidar delas. Desde 1979, este dinheiro nunca foi pago a qualquer das pessoas de lá. Agora, se mais membros dos Ogoni estão morrendo do que estão nascendo, se meninos e meninas Ogoni não vão à escola, não frequentam a educação básica secundária, nem a universidade, e os que vão não conseguem encontrar emprego, tampouco serem promovidos, já que as promoções não seguem padrões, então, certamente, está se levando a comunidade à extinção. Se você chegar ao Reino Eleme em Ogoni, por exemplo, você verificará a petro-química lá, assim como estarão a NAFCON, a refinaria, o aeroporto, as pessoas não conseguem dormir à noite. Se acontecer alguma coisa na petro-química, como aconteceu em Bhopal (Índia), todas as pessoas em Eleme estarão mortas. Se você chegar ao Ibobu, por exemplo, houve uma erupção há 20 anos. O terreno está totalmente inutilizável e arruinou sua única fonte de água potável (SARO-WIWA, 1998, p.351 -352).¹¹

Do mesmo modo, Lincoln (2010, p. 81) irá dizer que: “a descoberta do petróleo também tem alimentado o conflito genocida, causado degradação ambiental inimaginável e provocado repetitivas lutas cada vez mais brutais sobre o acesso ao aparelho do Estado e à natureza da cidadania pós-colonial do país.”¹²

A intenção de Saro-Wiwa era conscientizar a população e incentivar sua participação num processo específico de construção histórica, uma luta

¹¹ : There is not a clear definition of genocide by the United Nations: anything done to destroy a group of people. Now, if you take the Ogoni case for instance, you pollute their air, you pollute their streams, you make it impossible for them to farm or to fish, which is their main source of livelihood, and then what comes out of their soil you take entirely away and you say we will give you 1.5 percent or 3 percent, but we are not going to give it to you. We are going to keep it somewhere else where other people will take care of it. Mark you since 1979, this money has never been paid to any of the people there. Now, if more people in Ogoni are dying than are being born, if Ogoni boys and girls are not going to school, not primary not secondary not university, if those who manage to scale through cannot find jobs; if when they find jobs they don't get promotion because promotions don't even go by any standards at all, then surely you are leading the tribe to extinction. If you get to the Eleme Kingdom in Ogoni for instance, you put the petro-chemical there, you put NAFCON, you put the refinery, you put the airport, the people cannot sleep at night. If anything happens at the petro-chemical anytime, as happened in Bhopal (India), all Eleme people will be dead. If you get to Ibobu for instance, there is a blow-out that happened there 20 years ago. The land is totally unusable and it has ruined their only source of drinking water (SARO-WIWA, 1998, p.351-352).

¹²: But the oil discovery has also fueled genocidal conflict, caused unimaginable environmental degradation, and provoked repetitive, increasingly brutal struggles over the access to the state apparatus and the nature of postcolonial citizenship within the country. (LINCOLN, 2010, p. 81).

explicitamente declarada contra o que ele denominava colonialismo doméstico (LINCOLN, 2010), ou seja, a tentativa de extermínio das minorias étnicas pelo próprio povo nigeriano. Porém, com o passar do tempo, a preocupação de que o controle do MOSOP caísse em mãos não intencionadas com a causa primeira do movimento, sobretudo com o surgimento de antagonismos entre seus membros, fez com que Saro-Wiwa fundasse o Conselho Nacional de Jovens Pessoas de Ogoni. Saro-Wiwa atrelou ao novo grupo outras organizações, compostas por mulheres, líderes religiosos, professores e demais profissionais. Seu afastamento e a criação do Conselho não foram aprovados pelo MOSOP. Além disso, as eleições de 1993 aumentaram as diferenças entre os dois grupos. Para os participantes do MOSOP e anciãos que os apoiavam, a expectativa para o pleito era de uma administração civil, ao passo que Saro-Wiwa a interpretava como um sistema provinciano regido por interesses que não consideravam os anseios das minorias. Saro-Wiwa instigou o boicote à disputa, conseguindo, por fim anulá-la. O poder ficou por conta do estatuto militar, que julgou o resultado das eleições preocupante e ameaçador para a estabilidade da paz no país.

Em ocasião em que Saro-Wiwa estava fora da cidade por determinação policial, mais especificamente no dia 21 de maio de 1994, quatro chefes Ogoni – Edward Kobani, Samul N. Orage, Theophilus Orage e Mr. Albert Badey – foram convocados para uma reunião no palácio de Gbenemene Gokana. Porém, o encontro foi interrompido pela entrada de um grupo de mafiosos que hostilizou e posteriormente assassinou os representantes Ogoni. Saro-Wiwa foi acusado de orquestrar a chacina, em função das explícitas diferenças entre eles. De acordo com Quayson (1998), os assassinatos foram, em realidade, arranjados para manter as coisas como estavam. De um lado, a carnificina liquidou com forças veteranas que ansiavam o poder e, por outro, incriminou e neutralizou aquele que agitava o cenário político e cultural, instigava a reflexão e poderia, certamente, atrapalhar os planos de manutenção do controle estatal. Segundo Quayson (1998, p. 75-76):

Quando eles chamaram os chefes de "abutres" e os assassinaram brutalmente, eles estavam ampliando um processo de demonização, que subentendia um discurso tradicional validado pela moralidade, assim como o discurso da política dominante nigeriana. Foi um fracasso histórico e trágico singular. Se Saro-Wiwa exibiu uma falha trágica, esta foi a de não entender quando seus seguidores haviam sido subjetivados pelo banditismo e pela violência, já delimitada pelo ethos da política nigeriana; bem como por não abordar esta questão sistematicamente desde o começo da luta. Esta subjetividade tornou-os, simultaneamente, vítimas e agentes da

violência, como expressão de sua frustração contra o Estado. (QUAYSON, 1998, p. 75-76).¹³

Ken Saro-Wiwa foi entregue ao tribunal militar, conhecido por suas arbitrariedades e maus tratos. O conselho decidia sobre a vida e morte dos cidadãos, não necessariamente pela culpa que possuíam, mas pelo perfil que apresentavam e ideias que poderiam divergir de suas regras. Saro-Wiwa foi sentenciado à morte e sua pena foi, como anteriormente apresentado, cumprida em 10 de novembro de 1995, por volta das 11h e 30min da manhã.

O que o regime totalitarista da Nigéria não sabia ou não podia essencialmente prever é que a voz de Saro-Wiwa ecoaria por muito tempo – até hoje, inclusive, haja vista a presente análise – por meio de seus escritos. Para Nixon (2000, p. 109-110):

Saro-Wiwa acreditava, até o fim, que sua escrita voltaria para assombrar seus algozes. [...] A convicção de Saro-Wiwa, de que a caneta era mais poderosa do que a brigada dos carrascos, pode soar nos ouvidos europeus e norte-americanos como um eco de outra era. Mas em grande parte da África, a certeza de que a escrita pode realizar coisas ainda persiste. (NIXON, 2000, p.109-110).¹⁴

¹³ : When they called the chiefs "vulture" and brutally murdered them, they were extending a process of demonization that subtended a combined traditional discourse of morality as well as the dominant discourse of Nigerian politics. It was a singular historic and tragic failure. If Saro-Wiwa exhibited a tragic flaw, it was in misapprehending the extent to which his followers had been subjectivized by the thuggery and violence already delimited by the ethos of Nigerian politics and in not addressing this systematically from the very beginning of the struggle. This subjectivity simultaneously made them both victims of violence as well as prepared to become agents of such violence as an expression of their frustration against the state. (QUAYSON, 1998, p. 75-76).

¹⁴: Saro-Wiwa believed to the last that his writing would return to haunt his tormentors. [...] Saro-Wiwa's conviction that the pen is mightier than the goon squad may well sound, to European and North American ears, like an echo from another age. But across much of Africa the certainty persists that writing can make things happen. (NIXON, 2000, p.109-110).

CAPÍTULO 2

KEN SARO-WIWA: UM ESCRITOR DE MUITAS FACES

2.1 Uma escrita, diversos gêneros

Como já mencionado, Saro-Wiwa produziu novelas radiofônicas, séries televisivas cômicas, contos, romances e poesia, obras que foram capazes de empreender as mais ferrenhas críticas ao sistema político então vigente na Nigéria. Seus textos contemplam questões sociais, culturais, econômicas e ambientais de uma comunidade relegada ao esquecimento em um espaço que lhes pertencia.

Segundo Ojaide (2000, p. 53), sua escrita ironicamente sintetiza muitos dos sujeitos e temas do cenário nigeriano, empreendendo técnicas do drama, de ficção e da não ficção, sobretudo. Suas produções revelam, de acordo com Ojaide (2000, p. 53), sua paixão pela vida e suas crenças, seu tom grave, porém humorístico. Em obras como *Songs in a Time of War* e *On A Darkling Plain: An Account of the Nigerian Civil War*, por exemplo, os sentimentos do eu lírico e a censura ao conflito armado caminham juntos:

O contexto dos poemas é público, mas sua resposta é privada. O poeta usa a sua "música" para gravar, como testemunha, os acontecimentos do período da guerra civil, evidenciando como estes afetaram a ele e ao seu povo. Ele condena a conspiração do principal grupo étnico da Nigéria, por escrito. [...] Nestes poemas, o poeta se apresenta comprometido com a justiça e a equidade. Ele não é apenas a consciência de seu povo, mas também aquele que vai despertá-los da letargia (OJAIDE, 2000, p.57).¹⁵

Para o crítico, os poemas saro-wiwianos tratam dos aborrecimentos e dissabores gerais causados pelas guerras, assim como de distúrbios sociais e civis de um modo geral. (OJAIDE, 2000, p.56-61). Tais problemas são denunciados, inicialmente, de forma aparentemente despreocupada, mas o discurso vai progressivamente se politizando, na medida em que o escritor expõe as mentiras por detrás dos conflitos e denuncia sua desumanidade.

À exemplo de outros escritores nigerianos, como Christopher Okigbo, Clark-Bekederemo, Wole Soyinka e Chinua Achebe, Saro-Wiwa manifesta sua simpatia pelas minorias, defende a preservação das culturas e a autonomia dos povos, e

¹⁵ : The context of the poems is public, but his response is private. The poet uses his "song" to record, as a witness, the events of the civil war period and how they affected him and his people. He condemns the conspiracy of Nigeria's major ethnic group by writing.[...] In these poems, the poet comes across as committed to justice and fairness. He is not only the conscience of his people but also the one who will rouse them from lethargy (OJAIDE, 2000, p.57).¹⁵

mostra, no caso de Biafra, que a guerra civil nada mais é do que produto de um Estado desordenado, injusto, segregador, negligente, violento e corrupto, adjetivos que, como se verá na análise de *Sozaboy*, são duramente metaforizados em seus textos.

A obra de Ken Saro-Wiwa é expressivamente carregada de proselitismo e passa por diferentes estágios de elaboração. Em *On a Darkling Plain*, por exemplo, o autor parece não se atentar para questitos estéticos específicos, o que parece sugerir um viés mais engajado do que fundamentalmente literário. Já *A Month and a Day*, diário de prisão e publicação póstuma, é cunhado sob um arranjo estético embalado por recursos como a metáfora, talvez, em virtude da densidade de pensamentos que o autor desenvolvia no cárcere. (MCLUCKIE, 2000, p. 40; 46). Mas, segundo Eke (2000), é *Sozaboy: A Novel in Rotten English* (1985) que irá tratar da alegoria da guerra civil entre a Nigéria e a Biafra como determinante para a falência social nigeriana. A obra irá chamar a atenção da crítica em função da manipulação do uso da língua do colonizador que o autor irá convenientemente fazer. Irá também se destacar pelas correspondências entre o perfil do personagem principal, o jovem e ingênuo recruta Mene, e o escritor, no que tange ao processo de politização de ambos. Ao final desta narrativa, o protagonista da obra expressa sua desilusão com a guerra e revela a destruição de sua vida e de sua gente. Esta desilusão é tema central no texto de Ken Saro-Wiwa, que o inicia mostrando a alienação do jovem que deseja ir para o conflito armado, orientado por um ideal romântico (EKE, 2000, p. 87-88).

Tendo utilizado sua escrita como arma em prol das minorias étno-políticas e das causas ambientais na Nigéria, Ken Saro-Wiwa obteve notoriedade no cenário literário africano e mundial. Além disso, sua escrita, além de engajada (EKE, 2000), não deixou de presar pela estética. *Sozaboy* é um exemplo disso, pois vai mostrar como o autor deu conta de congregar fatos, elementos narrativos e coerência linguística para criar uma denúncia social e ecológica reais. Sua literatura, a exemplo do que atesta Chinua Achebe citado por Eke (2000), reeduca e regenera, o que faz de forma quase profética, em uma maneira de escrever bastante peculiar. São sobre estes pilares que se sustentam designações como a de escritor engajado, que Saro-Wiwa particularmente adotava, e a de intelectual da ação, que muitos lhe atribuem.

Significa dizer que seus textos funcionavam como um contínuo comentário e referencial da sociedade nigeriana. Através do humor e da efetiva manipulação da

linguagem, ele satirizou tanto a liderança quanto o descompromisso das massas no seu país (EKE, 2000, p.104). Para ele, o texto literário era um código eficaz de comunicação com as massas e de expressão daqueles coletivos, um código que deveria ser convenientemente produzido e dirigido a eles pelo escritor politicamente engajado. Isto pode ser confirmado em excerto extraído de seu diário de prisão, *A month and a Day: A Detention Diary*.

[...] [O escritor] deve tomar parte na organização das massas. Ele deve estabelecer contato direto com o povo e recorrer à força da literatura africana – oratória na língua. Porque a palavra é poder e mais poderosa ela é quando é expressa em meio comum. É por isso que o escritor que toma parte nas organizações de massas tem sua mensagem entregue mais efetivamente do que aquele que apenas escreve e espera pelo tempo de trabalhar com suas maravilhas literárias. (SARO-WIWA, 2012, p.81).¹⁶

2.1.1 Romances

Saro-Wiwa transformou alguns de seus artigos jornalísticos em textos literários. É o caso dos romances *Prisoners of Jebs*, lançado em 1988 e *Pita Dumbrok's Prison*, do ano de 1991. O primeiro trata da reunião de um grupo de nigerianos autointitulados Jebs, que criam a Organização da Unidade Africana (OAU – Organization of African Unity) por observarem a carência de unidade política e econômica e a falta de autonomia do povo africano. Para cada membro da nação, havia um número excedente de prisioneiros que demandavam significativos custos de manutenção. A Nigéria completava seu vigésimo-quinto ano de independência e o governo precisava celebrar com algo concreto e expressivo. Decidiram então pela construção de uma prisão que acomodasse todos estes detentos. O presídio seria construído por mãos estrangeiras, mais especificamente holandeses e búlgaros, num contrato superfaturado em três vezes o seu valor real. A população em geral criticava a legitimidade do contrato, a atuação de estrangeiros e a vultosa quantia despendida no projeto, mas a obra é levada a cabo e, quando terminada, recebe internos dos mais variados países do continente africano. O diretor do presídio, seus

¹⁶ : [The writer] must take part in mass organizations. He must establish direct contact with the people and resort to the strength of African literature – oratory in the tongue. For the word is power and more powerful is it when expressed in common currency. That is why the writer who takes part in mass organizations will deliver his message more effectively than one who only writes waiting for time to work its literary wonders. (SARO-WIWA, 2012, p.81).

acessores e os policiais eram conhecidos por sua postura ditatorial e demagógica. Por isso, o jornalista ou “pseudojornalista” (como é ironicamente caracterizado no romance) Pita Dumbrok é enviado pelo governo nigeriano, a fim de observar e informar sobre a administração do presídio. Pita é capturado pelo diretor que o obriga a aprender seus preceitos e regras para futuramente auxiliar na transformação de toda a sociedade nigeriana. Em dado momento, a situação na prisão toma proporções tão assustadoras que o governo nigeriano envia um navio para aniquilar a ilha, algo que já era temido pelo diretor. Porém, as “mágicas” de um professor que surge misteriosamente fazem o prédio submergir repentinamente no solo. A missão não é realizada e apenas o jornalista é encontrado pela força naval nigeriana. Ao retornar ao continente, Pita é apresentado em uma conferência presidencial à imprensa e anuncia – falsamente - que a missão na prisão de Jebbs havia sido concretizada. O presidente reconhece o jornalista e o presenteia com um relógio de ouro e um cartão dizendo “Bem-vindo a uma nova Nigéria” (OJO-ADE, 1999, p.70-71).

Em seu *Pita Dumbrok's Prison*, lançado em 1991 como continuação de *Prisoners of Jebbs*, Ken Saro-Wiwa utilizou o mesmo título de um artigo de um repórter chamado Andizi, que contava a história dos Jebbs a partir de uma perspectiva europeia. A narrativa parte do famoso retorno de Pita Dumbrok e fala de como o governo nigeriano estava sendo pressionado pelas nações europeias cofinanciadoras do projeto da prisão. Uma vez que a construção havia desaparecido, a Nigéria deveria ressarcir aqueles países. Para punir a Nigéria, os europeus enviam às principais áreas do país o exército da Trincheira, a fim de espalhar a miséria pelo país (OJO-ADE, 1999, p.71). Diante desta situação, Pita Dumbrok lança uma série de artigos em um jornal, mas é barrado por agentes governamentais por estar comprometendo o Comando Naval Nigeriano, que estava, por sua vez, em missão de destruição dos Jebbs. A insistência de Pita na existência da prisão e nas circunstâncias em que ela funcionava e mesmo como desapareceu incomodavam o poder estatal da Nigéria. Também uma carta sua, “Carta a Meus Compatriotas”, expressando seu desejo de que as pessoas mudassem seu pensamento, buscando uma nova sociedade, tentando convencer outros jornalistas a procurar pela ilha e pela prisão, suscitou preocupações gerais. Em função de sua postura, Pita é atingido parcialmente por uma bomba, tal qual o foi um jornalista nigeriano Dele Giwa, por revelar informações sobre barões das drogas, dentre eles o

próprio presidente Babangida. No romance, por questões similares, também o jornalista Andizi foi morto em uma explosão. Mas os nigerianos já não se importam com o presídio e seus mortos. Sua atenção está agora voltada para os roubos e assassinatos cruéis à luz do dia, as invasões dos domicílios pelos ladrões, a inoperância dos agentes da segurança, a corrupção e as arbitrariedades, a fome e a miséria. O autor finaliza retratando o exército da Trincheira que passa a marchar triunfante sobre a nação nigeriana, ostentando, como atesta Ojo-Ade (1999), a indisputada supremacia, enquanto o país espera ordens finais, possivelmente estrangeiras (OJO-ADE, 1999, p.72).

Segundo Ojo-Ade (1999), Saro-Wiwa envolveu deliberadamente tópicos relativos à prisão em uma atmosfera de mistério e pautou-se em questões de identidade, em observações de pessoas e lugares e no desejo de representar o lado ruim dos nigerianos. Para o crítico, a prisão é “maldosamente” metaforizada por Saro-Wiwa como a própria Nigéria: seus cidadãos eram prisioneiros, mas não sabiam disso; tampouco se importavam com tal situação. Um poder maior, então, decidiu pela miraculosa e celebrativa construção de uma prisão para acomodar todos estes prisioneiros que, em um egoísta exercício de alteridade, só viam a condição de encarcerado no outro. Ojo-Ade (1999) coloca ainda que o aparente bom senso e postura crítica da OAU era só uma máscara para a sua estupidez, para trocar o bem pelo mal, a liberdade pela escravidão, na suposição de um “bem” a ser realizado por uma espécie de salvadores, seus mestres (OJO-ADE, 1999, p.73). Afinal, como poderiam os criminosos proferirem soluções para os problemas criados por eles mesmos quando viviam na luxúria da elite da ilha? Como poderiam querer libertar a população de uma “prisão” criada por eles mesmos?

Ojo-Ade (1999) ressalta que a tentativa de Ken Saro-Wiwa em transformar uma série de artigos de jornal em romances configurou-se um sucesso. O uso da sátira nas duas narrativas foi especialmente impressionante, inclusive mais franca, mais frontal, mais longamente estendida, mais feroz do que em *Sozaboy* (OJO-ADE, 1999, p.107): toda a Nigéria é revelada pelo espelho da sátira e todo o quadro é desprezível.

Apesar do sucesso na escrita dos romances, Ojo-Ade (1999, p.108) aponta para a existência de repetições desnecessárias e variações dos mesmos temas, além de sequências mal definidas e contraditórias. No entanto, o crítico atribui estes aparentes “defeitos” à destreza de manipulação da linguagem que o escritor

possuía, bem como referências a aspectos do gênero dramático com o qual ele já tinha familiaridade. Esta recorrência ao recurso dramático funciona como forma de reter a atenção do leitor e fazê-lo perceber a sátira sem que ele note, em um primeiro momento, suas desconexões.

Sobre a habilidade linguística apresentada em *Prisoners of Jebs*, Ahunuwangho (2000, p.64) vai dizer que o código utilizado por Saro-Wiwa suscitou uma paródia adequada ao cenário que se apresentava. Sua forma de alternar fatos e de valer-se de termos conhecidos pela população configurou a narrativa como um verdadeiro discurso político (AHUNUWANGHO, 2000, p.64). Ainda segundo este autor, tomando a definição de Akio Kamino, o texto de Saro-Wiwa funciona como um “território de informação” em que estão presentes ciências como história, sociologia, linguística, teologia, literatura e política.

Em sua “Nota do Autor”, em *Prisoners of Jebs*, Ken Saro-Wiwa negou quaisquer preocupações acerca de eventuais revanches ou mesmo algum temor por sua segurança pessoal, em função das críticas mordazes que desferiu em seu romance. Afirmava, no entanto, que esperava que seu texto continuasse causando medo em algumas pessoas, pois o medo era importante para a história. Questiona-se se ele imaginava que sua postura ativista e sua literatura denunciativa acabariam tendo consequências significativas para a sua vida. Sendo um homem livre, tomou neste seu romance e em *Pita Dumbrok’s Prison* a figura do cárcere para apoiar suas reflexões (OHA, 2000, p.4), quem sabe, não imaginando que ele mesmo seria, um dia, preso e condenado à morte.

A experimental e essencial presença dos romances de Ken Saro-Wiwa auxilia o leitor a considerar diversas possibilidades de compreensão, soluções, esperanças, cooperação e comprometimento na Nigéria. Em cada situação há, no entanto, a possibilidade de falência destas mesmas possibilidades. Isto é mais dolorosamente expresso quando se vê personagens como os jornalistas Andizi e Biney, enviados para procurarem informações sobre os Jebs, sofrerem as mais variadas consequências de suas busca: a limitação verbal, a confusão psicológica, a perseguição, o exílio, a morte. Sob esta perspectiva, Saro-Wiwa atrela a temática da esperança a dois de seus personagens: ao próprio jornalista Pita Dumbrok e ao Professor, ambos relacionados à intelectualidade e ao pensamento. Porém, esta associação que o autor faz não é necessariamente desalienante, mas crítica. Isto, porque, apesar de caracterizar o jornalista como aquele que enxerga

verdadeiramente através do espelho caótico da Nigéria, metaforizada na prisão de Jebbs, podendo ser um dos poucos capazes de suscitar mudanças em sua sociedade, coloca-lhe como tutor o artificioso Professor. Este, por sua vez, é também desapontado com a nação nigeriana e, pela capacidade de seus “poderes mágicos”, pode anulá-la, se quiser. Não por acaso, como sugere Ojo-Ade (1999), acredita-se que esta figura do Professor, Ken Saro-Wiwa tenha concebido em referência à do escritor Wole Soyinka, como um dos recursos para amalgamar sua construção ficcional/factual. Considerando a evolução real de Soyinka, ele partiu de amigo e defensor dos nigerianos para um de seus maiores críticos e adversários. Isto porque, após experimentar a opressão do totalitarismo, vivendo o dito estágio da humilhação pelo medo, diz ter passado por uma espécie de desalienação, de conscientização de que era um cidadão, insuflando seu pensamento e ativismo. Sua aversão aos nigerianos, talvez, venha do fato de seus compatriotas ainda viverem, nesta ocasião, na fase da subjugação pelo medo, paralisador da mobilização (OJO-ADE, 1999, p.109-110).

Para Angrey (2000, p. 96), a obra *Prisoners of Jebbs* poderia balizar-se pelos critérios de Voltaire e de Diderot, da França do século XVIII. Isto porque as delineações deste período se assentavam sobre o amor pelas ideias, pela questão da verdade e pela liberdade. Mais do que isto, os escritores desta época se deixavam guiar pelo ideal do humanismo. Estas caracterizações eram, para o estudioso, muito pertinentes à obra e ao perfil autoral de Saro-Wiwa. O tom de sua narrativa não era gratuitamente sarcástico, mas humanístico e cáustico. Era a melhor maneira de enviar sua mensagem, sobretudo àqueles que estavam no comando da Nigéria. Angrey (2000, p.104) atesta ainda que o primeiro romance de Ken Saro-Wiwa sobre a temática da prisão se estabelece bem por seu ideal de engajamento, sendo um livro que apresenta aspectos da vida social e política da Nigéria contemporânea. Era uma narrativa pedagógica e didática. Sobre o ativismo político e literário e sobre o gênio criador de Saro-Wiwa, o teórico acrescenta:

Saro-Wiwa viveu e morreu como uma voz que falou pelos cidadãos indefesos e infelizes. Ele era um infatigável lutador, que era bastante conhecido por seu ativismo no meio social nigeriano. Ele via a literatura como uma arma eficaz que o escritor deveria usar para avançar na causa de seu povo. Ele vivia mergulhado na crença de que a literatura não podia se divorciar da política, pois as duas eram inextricavelmente presas uma à outra. Portanto, ele não apenas fazia pontificado ou enviava sermões

sociais em seus livros; ele participava ativamente, no sentido sartreano, na liberação de seu povo. [...] Não há dúvida que a ficção, as peças teatrais e mesmo os poemas de Ken Saro Wiwa representam uma das críticas literárias mais poderosas da sociedade nigeriana contemporânea. De um modo efetivo, ele emprega humor, sarcasmo e ironia para pôr a nu as malféitorias de um sistema corrupto, embebido em injustiça, na exploração do fraco pelo forte, e na ausência de um jogo limpo. Estes esquemas literários, como os utilizados por Ken, não são gratuitamente utilizados (ANGREY, 2000, p. 103.105).¹⁷

2.1.2 Peças teatrais e Adaptações para a TV e o rádio

Sobre as obras teatrais de Ken Saro-Wiwa vale destacar que se expressam consistentemente por peças de um ato de extensão, coletadas principalmente em dois volumes: *Four Facial Plays*, de 1989, e *Basi and Company: Four Television Plays*, do ano de 1988. Comum a ambos os volumes, o trabalho mais conhecido de Saro-Wiwa é a peça cômica (e irônica) *The Transistor Radio*, a qual trata de tipos comuns nigerianos e um cenário de intrigas e vigarices. A produção teve sua primeira versão como um tímido escrito concebido ainda na Universidade de Ibadan, no ano de 1964. O texto foi posteriormente adaptado, passando a uma bem sucedida encenação radiofônica, a qual, em virtude da boa recepção da crítica, estimulou e norteou a série de comédias *Basi and Company* (DUNTON, 2000, p.201). Estes momentos do texto de Ken Saro-Wiwa demonstram aspectos de seu cunho autoral e ativista. Inicialmente, são apresentadas suas intenções de dramaturgo, em seus métodos como escritor profissional; depois, de forma geral, são notadas questões ideológicas que perpassam a obra. Nos estágios de transferência do rádio para a TV, a peça recebe adereços do script televisivo, demonstrando a maestria do autor em adequá-la para um outro contexto e outras

¹⁷ : Saro-Wiwa lived and died as a voice that spoke for the helpless and hapless citizens. He was an indefatigable fighter who was well known for his activism in the Nigerian social milieu. He saw literature as an efficacious weapon which a writer must use to advance the cause of his people. He lived steeped in the belief that literature should not and cannot be divorced from politics because the two of them are inextricably bound to each other. Hence he did not just pontificate or deliver social sermons from his books; he took active part, in the Sartrean sense, in the liberation of his people. [...] There is no doubt that Ken Saro-Wiwa's fiction, plays, and even poems represent one of Nigeria's most powerful literary critiques of the contemporary Nigerian society. In an effective manner, he employs humor, sarcasm, and irony to lay bare the malfeasances of a corrupt system embedded in injustice, exploitation of the weak by the strong, lack of fair play. These literary devices, as employed by Ken, are not gratuitously used (ANGREY, 2000, p. 103.105).

demandas. Além de *The Transistor Radio*, *Four Facial Plays* conta com outras peças similares, como *Bride by Return*, *Madam No Quench Again* e *The Wheel*.

Mas, para validar ainda mais o caráter questionador e insatisfeito, bem como para evidenciar algumas das fontes potenciais que influenciaram Ken Saro-Wiwa, são destacadas características de três peças suas que não foram divulgadas: *The Supreme Commander*, *Dream of Sologa* e *Eneka*. Fortemente relacionada com o universo de seu ativismo sociocultural e político, *The Supreme Commander* é uma adaptação, em um longo ato, da peça *O Inspetor do Governo*, de Gogol. Vale dizer que esta mesma peça de Gogol também sofreu adaptação de Osofisan, sete anos após o surgimento da obra de Saro-Wiwa, recebendo o nome de *Quem tem medo de Solarin?* (DUNTON, 2000, p.204). O trabalho combina formas diferentes de comédia. E a principal diferença entre a obra de Osofisan e a peça sarowiiana é que esta última incorpora, segundo Dunton (2000, p.204), mais causticamente a sátira, objetivando atingir a elite governamental nigeriana, e contém mais elementos de pura farsa. Aqui é importante ressaltar como a temática da guerra civil nigeriana é retomada por Ken Saro-Wiwa, bem como os efeitos destrutivos, individuais e coletivos, que ela pode trazer, tal qual ele demonstra em *Sozaboy*. Este teórico sugere ainda que, tomando os textos de Gogol, de Saro-Wiwa e de Osofisan, ter-se-ia um interessante estudo de caso de como se constrói a sátira nestes escritos. Além disso, poder-se-ia verificar qual o impacto que ela causa em cada um dos contextos pertinentes e as relações da forma de construção destes cenários com outros modos cômicos (DUNTON, 2000, p.204).

Em *Dream of Sologa*, adaptação em três atos curtos do romance de Okara, *The Voice*, Ken Saro-Wiwa se presta a uma adequação que contemple a vila, a cidade e o entorno da cidade de Lagos. Em uma encenação de setenta minutos aproximadamente, o autor revela o mais substancial da narrativa, mostrando especialmente a jornada que leva e depois traz o herói Okolo para sua vila, Sologa (nome advindo do arranjo das letras da palavra “Lagos”).

Saro-Wiwa não faz nenhuma tentativa de repetição dos experimentos de “translinguagem” (DUNTON, 2000, p.207) de Okara, mesmo focando-se nos aspectos dialógicos do romance. Além de significantes passagens escritas pelo próprio herói Okolo, há no texto uma pequena porção de toques de humor característico que trazem especial cor à peça. Estes são curiosamente articulados por Saro-Wiwa de modo a intensificar a representação de Okara do cinismo moral da

população, bem como de modo a evidenciar uma crítica política de desilusão. Nesta ocasião, inclusive, o romance arquetípico da desilusão pós-colonial de Chinua Achebe, *A man of the People*, foi lançado e a Nigéria se preparava para entrar em guerra (DUNTON, 2000, p.207).

Segundo Dunton (2000, p.207), uma observação acerca da adaptação de Saro-Wiwa, no entanto, se dá pela perda do senso de interioridade que a objetificação, caracterizada pela ação, provoca. Para ele, diferente da leitura do romance, que permite a observação da subjetividade da personagem e de seu fluxo de consciência, a ação e o tempo aqui, no espaço cênico, requerem que a figura dramática demonstre, já sob uma interpretação, o que transcorre em seus pensamentos.

Finalmente, em *Eneka*, a cena inicial apresenta os mais velhos moradores de uma vila discutindo o aumento de sua pobreza, causada por sua subjugação à corrupção e à exploração de seu chefe provincial, Ezomo. Dunton (2000, p.208) relembra Brecht (1977) para falar das injustiças sofridas pela população. Toma uma frase da peça em que os moradores dizem: “ [...] o homem que tem a cabra roubada, torna-se o ladrão; o homem que rouba a cabra, o juiz.” ((SARO-WIWA, 1969, p.3) citado por (DUNTON (2000, p.208))).¹⁸ O foco recai sobre a falência da liderança e da ética política tal qual se observa em *Sozaboy*, bem como sobre o estrago dos recursos naturais da terra, temática que já delineava o perfil de ativista ambiental de Ken Saro-Wiwa. Enfatiza-se também a falência da sociedade civil, uma falência determinada pelas regras da elite.

Muitas das questões em *Eneka* são também contempladas em *Dream of Sologa*. Porém, a que mais se evidencia é a complacência dos moradores da vila, que preferem não resistir, apesar de estarem “aparentemente indignados” com as arbitrariedades de seu chefe.

Segundo Dunton (2000), em *Eneka*, a voz de escritor e personagem também se confundem. Ken Saro-Wiwa retoma comentários que expressou, por exemplo, na ocasião de sua campanha em favor da população Ogoni: “Um povo que não conhece seus direitos; que não faz qualquer coisa para alterar seu destino para a melhor. Eles reclamam da pobreza, mas não aceitarão propostas para realizar a

¹⁸ : [...] the man whose goat is stolen becomes the thief, the man who stole the goat the judge. ((SARO-WIWA, 1969, p.3) citado por (DUNTON (2000, p.208))).

menor das mudanças.” (SARO-WIWA, 1969, p.8) citado por (DUNTON (2000, p. 210)).¹⁹ Estas são outras evidências do forte proselitismo que movia a escrita do ativista e como ela estava intimamente atrelada à política. No entanto, segundo Eshiet (2000, p.49), apesar de seu temperamento contra o desgoverno e o uso de suas peças como forma de afirmar suas posições políticas, a sensibilidade de Saro-Wiwa combinava sua mensagem política com o rigor da arte. Portanto, embora externasse constantemente em seus trabalhos um profundo repúdio pelas arbitrariedades estatais e pelos problemas sociais, a política era incorporada discretamente, obliquamente, de forma natural em seus escritos (ESHIET, 2000, p.49).

Vale dizer que a obra *Basi and Company (1988)*, de Ken Saro-Wiwa, se insere no universo da dita Literatura Infantil ou para Crianças e isto tem um motivo. Segundo LeBlanc (2000, p.177), em África, a Literatura Infantil não é meramente um tipo específico, mas integra o desenvolvimento produtivo das nações emergentes. Suas crianças não nasceram em sociedades completamente estruturadas. Estão, segundo LeBlanc (2000), apenas iniciando seu processo de definição por si mesmas, em relação ao passado, presente e futuro de suas culturas, códigos que exerceram e ainda exercem impacto em suas identidades. Em particular, as crianças africanas têm em face o “fardo” de sua história. Uma história que nem sempre é caracterizada pelo desenvolvimento social ou mesmo pessoal. Portanto, a Literatura Infantil Africana possui um foco que não contempla especialmente seus pequenos habitantes, oferecendo-lhes somente materiais de leitura pertinente à sua idade. Apresentam-lhes, na verdade, formas de como lidar com problemas específicos da formação de sua identidade, gerada no contexto africano. Por isso, a Literatura Infantil Africana não é somente sobre as crianças, mas sobre a sociedade africana como um todo (LEBLANC, 2000, p.177). Esta lógica parte do princípio de que para que as crianças possam ter um destino, é necessário o desenvolvimento de uma sociedade saudável. Atualmente, em África, escritores que trabalham com Literatura Infantil devem lidar com as questões sociais de seu país, o que, potencialmente, terá profundo efeito na vida de seus pequenos leitores. Por isso, para teóricos como LeBlanc (2000), a Literatura Infantil Africana não deve ser marginalizada, mas

¹⁹ : A people who don't know their rights; who don't do anything to alter their fate for the better. They complain of poverty, but won't accept proposals for the slightest change. ((SARO-WIWA, 1969, p.8) citado por (DUNTON (2000, p.210)).

trazida para o centro do debate social. O trabalho de Saro-Wiwa não faz diferente. Aliás, a Nigéria nativa do autor é, dentre muitas nações emergentes africanas, a mais recorrente na produção de literatura para crianças. Possui um rico pano de fundo literário que permite aos outros escritores desenhar, de muitas maneiras, os problemas enfrentados pela infância e juventude nigerianas, bem como pela sociedade de modo geral. Nesse contexto está Basi, personagem que irá figurar em uma série de livros infantis e, posteriormente, em uma série televisiva.

Segundo LeBlanc (2000), à exemplo do que faz um dos renomados escritores do ramo, Cyprian Ekwensi, Saro-Wiwa também se pauta na temática da contação oral de histórias, usando, obviamente, formas e técnicas peculiares. Mas visando atingir também leitores e expectadores mais velhos, substitui o local de audiência destes contos, antes estabelecido sob a luz da lua, passando agora ao entorno da televisão ou mesmo do livro, transmitindo sua mensagem à sua maneira (LEBLANC, 2000, p.178). Diferentemente dos outros escritores que procuravam reproduzir meticulosamente as formas orais, Saro-Wiwa empreendia um toque mais contemporâneo a seus escritos, buscando integrar, de alguma forma, o leitor à história, recurso típico da narrativa televisiva e da ficção moderna. O autor envolvia os personagens infantis em diferentes incidentes, de modo a considerar tópicos de sua mensagem, na tentativa de resolução destes problemas. Segundo LeBlanc (2000, p.178), Ken Saro-Wiwa não objetivava criar formalmente uma narrativa modernista sofisticada, mas a empregava de acordo com seu propósito didático. Segundo Ojo-Ade (1999, p.114), a escolha das palavras parecia ser inconsequente, porém, certamente eram convenientemente pinçadas a fim de dar o efeito estético esperado, tanto no texto escrito, quanto na televisão. Por esta assertiva e tendo em vista o trabalho linguístico em *Sozaboy*, nota-se a precoce arte do autor em manejar a linguagem para melhor utilizá-la como vetor literário.

2.1.3 Contos e Poesias

Saro-Wiwa escreveu duas coletâneas de contos, *A Forest of Flowers* (1986) e *Adaku and Other Stories* (1989). A primeira foi sua produção mais aclamada do gênero, em função de sua superioridade em termos de estrutura e conteúdo. O livro é dividido em duas partes, com oito e onze contos cada. Suas histórias apresentam variados temas, tons, personagens e enredos, mas são sempre norteadas por

questões sociais. Vale dizer que a obra recebeu críticas esparsas, mas Saro-Wiwa só passou a integrar “oficialmente” a lista de contistas nigerianos prestigiados quando a produção lhe rendeu o “Writers Prize”, no ano de 1987 (MCPHAIL, 2000, p.69).

Em função do teor verossímil da literatura de Saro-Wiwa, estudiosos como Telilanyo (2000, p.185) afirmam que sua postura é de um ficcionista atuando como jornalista, o que, segundo o teórico, fica evidente em obras como *A Forest of Flowers* e *Sozaboy*. Para ele, a ficção, concebida como literatura, é composta pela beleza da linguagem criativa através da excelência da forma, bem como pela expressão e conveniência de ideias, eventos e sentimentos que têm um significado universal. No senso restrito, isto é visto na prosa ficcional, incluindo o romance e o conto, por exemplo. Já à noção de jornalismo, ele associa a coleção e periódica publicação de notícias correntes, bem como a análise e investigação destas. Assim, Telilanyo (2000, p.186) observa que a obra de Ken Saro-Wiwa é configurada como uma ficção jornalística ou como um realismo na ficção (TELILANYO, 2000, p.186).

Sobre sua poesia, Ojaide (2000, p. 53) afirma que ela sintetiza ironicamente muitos dos sujeitos, temas e técnicas de sua própria escrita dramática, ficcional e não ficcional. Sua percepção do conflito entre a Nigéria e a Biafra, sua consideração da questão da região do Delta do Níger, a paixão pela vida e as crenças, sua sensibilidade e seriedade, ainda que com senso de humor, são características de sua escrita poética de forte natureza lírica. Estas características foram magistralmente compiladas em *Songs in a Time of War* (1985), obra que captura o modo e o temperamento da crise e a resposta do autor para ela. Segundo o teórico, esta poesia é baseada em uma questão específica, em um lugar e tempo particulares. Escrevendo a história da Guerra Civil Nigeriana, o autor propõe um equilíbrio entre as possíveis controvérsias que este assunto pode suscitar, já que cada lado possui os seus argumentos. Em sua proposta de balanceamento, sua poesia busca enfatizar a humanidade e não o jogo político que envolve os diferentes atores (OJAIDE, 2000, P. 53).

Os poemas de Ken Saro-Wiwa mostram, de acordo com Ojaide (2000), sua aversão pela Guerra Civil Nigeriana e os tumultos civis anteriores a ela. O autor parte de uma posição um tanto quanto ingênua e move-se para um ativismo mais forte, com o transcorrer do conflito. Como ele propõe no próprio *Sozaboy*, por meio da figura do protagonista Mene, o período da guerra civil pode ser visto como o

momento de iluminação de sua autossabedoria e do melhor esclarecimento das minorias. Saro-Wiwa expõe ainda as mentiras por detrás da guerra em ambos os lados e revela nuances da frieza e da desumanidade de muitos combatentes e chefes. O poeta usa variadas técnicas (o paradoxo é uma das mais recorrentes) para retratar a situação sociopolítica de seu país, bem como sua oscilação entre o amor e o ódio pela Nigéria, figurando contrastes e ironias.

À exemplo de poetas como Christopher Okigbo, Saro-Wiwa trata com muita propriedade o tema da guerra em sua poética, revelando suas aspirações de justiça e melhor tratamento das minorias no Delta do Níger. Como Chinua Achebe, Wole Soyinka e Clark-Bekederemo, Saro-Wiwa demonstra a ofensa moral praticada pela selvageria deste conflito, além de metaforizar a marginalização étnica e social, a negligência política e a exploração econômica de que muitos nigerianos são vítimas, em um modo muito peculiar de responder à crise nacional. Este modo peculiar era a sua forma de fazer poesia e, para ele, esta era a melhor maneira de expressar o trauma da guerra e seus impronunciáveis horrores ((SARO-WIWA, 1985) citado por (OJAIDE, 2000, p.54)).

Ainda sobre a habilidade poética de Saro-Wiwa, Ojo-Ade (1999, p.169) cita Theo Vincent, compatriota Ogoni do autor e prefaciador de sua obra, quando enfatiza a capacidade do escritor em relacionar a brutalidade da guerra à beleza do amor. Vale-se desta personalidade ainda para tratar a forma de apresentar a natureza como símbolo da paz, repentinamente transformada em cenário e vítima da devastação causada pelo confronto. O poeta vale-se de artifícios linguísticos como o uso do *pidgin* inglês, utilizado no último poema, “Dis Nigeria Sef”, para satirizar a aparente resignação da população com a vida de decadência, doenças e morte. Este trato da linguagem é também apontado por Eyinnaya (2000, p.172) como uma forma conveniente de expressão dos que estão desgostosos com um sistema ou com um país que negligencia esforços para melhorar sua situação. Segundo Ojo-Ade (1999, p.169-170), Theo Vincent menciona ainda a habilidade de Ken Saro-Wiwa em adotar diferentes atitudes em sua poesia: a de certo cinismo, a simbólica, a asperamente crítica. Para ele, todas estas se aperfeiçoam por serem apuradas por uma mente capaz de zombar da tolice humana e fazer o pensamento zumbir, em função das reflexões provocadas (OJO-ADE, 1999, P.169-170). Finalmente, segundo Adepitan (2000, p.175), as distinções entre arte e artifício, ofício e chamado estão inevitavelmente em discussão nos trabalhos de Saro-Wiwa. Para o teórico,

Saro-Wiwa possui o mesmo zelo e comprometimento que escritores como J. M. Synge e Ngugi wa Thiong'o apresentam no uso da literatura como expressão dos grupos desprivilegiados. Nesse sentido, Saro-Wiwa está no rol dos escritores que concebem o texto literário como voz dos silenciados. (ADEPITAN, 2000, P.175-176;178).

2.1.4 Memórias e Diários

On a Darkling Plain: An Account of the Nigerian Civil War (1989) e *A Month and A Day* (1995) são escritos fortemente representativos do autor. O primeiro concilia recentes análises publicadas, memórias de guerra e experiências pessoais. É considerado por muitos como tentativa de produção de uma determinada história “oficial” sobre o próprio autor e, por que não dizer, sobre a própria guerra. Para McLuckie (2000, p.45), *On a Darkling Plain* constitui um testemunho da falibilidade humana.

Segundo Ojo-Ade (1999, p.197), a parte mais substancial do livro foi escrita ao final da guerra civil, em meados de 1970, e ele procedeu a esta publicação por conta de um processo de “reconciliação” entre as cicatrizes advindas do conflito e a reflexão do autor sobre elas. Além disso, Saro-Wiwa atribuía ao texto um valor especial na medida em que fazia valer um ponto de vista diferente do hegemônico, agora centralizando os grupos minoritários do Delta do Níger como as verdadeiras vítimas do conflito.

A Month and A Day também vai destacar as aflições do autor acerca das arbitrariedades que corroem sua nação, mas a partir de uma perspectiva diferenciada, já que o diário nasce de escritos concebidos no período em que Saro-Wiwa fora detido pela primeira vez, em 12 de junho de 1993. Sua prisão durou exatos um mês e um dia. Daí o título do livro, que só veio a ser publicado após a sua morte. O texto consiste em uma reunião de pensamentos, registros diários, impressões do cárcere, além de informações polêmicas e panfletárias. Como destaca McLuckie (2000), à exemplo de *On a Darkling Plain: An Account of the Nigerian Civil War*, *A Month and A Day: A Detention Diary* é um memorial de Saro-Wiwa, mas apoia-se fortemente na longa marcha Ogoni pela busca da autonomia, como pode se deduzir pela presença na obra de excertos de outros textos seus afins, a saber, *The Ogoni Nation Today and Tomorrow* e *The Ogoni Bill of Rights*. No

entanto, segundo McLuckie (2000, p.46), *A Month and A Day: A Detention Diary* é mais apurado do ponto de vista linguístico, talvez por influência do próprio ambiente prisional. O tema da decrepitude geral que permeia o país é interseccionado com as críticas saro-wiwanas à “colonização indigenista”, ao “colonialismo interno” e ao efeito destes processos nos grupos étnicos minoritários. A necessidade de sustento da luta por mudança também é constantemente repetida. Estas iterações de uma mesma mensagem visam, segundo aspirações do autor, atingir o maior número possível de pessoas. *A Month and A Day: A Detention Diary* é finalizado com um aviso moral veiculado em uma linguagem que propõe elucidar e instruir as massas.

McLuckie (2000, p.48-49) afirma que o diário de detenção de Ken Saro-Wiwa aproxima-se efetivamente de exemplos históricos do gênero, sobretudo por sua natureza fragmentada e por traços que permitem caracterizá-lo como “literatura de revelação pessoal”. Para Oha (2000, p.2), o texto resulta do amálgama da experiência de um artista com a condição de um prisioneiro, condição que exerceu um impacto significativo e permanente na literatura de Saro-Wiwa. Isto porque, segundo o teórico, tanto a literatura, quanto a prisão funcionam (e funcionaram para o escritor) como instrumentos de transformação dos indivíduos acerca de suas ideologias. Oha (2000, p.2) também enfatiza a prisão enquanto controle dos que usam a escrita, ou seja, a prisão de um homem ou mulher especialmente, em função de sua escrita, é, segundo este teórico, uma tentativa de aprisionamento da caneta, instrumento de subversão que usa o texto como discurso social. Mas o artista encarcerado por praticar sua arte acaba por transformá-la em reação simbólica e ela, metonimicamente, fala por ele. É por isso que um dos maiores desafios do escritor, quando está privado de sua liberdade, é preservar a integridade de sua mente. E quando isto é possível, ao contrário do que muitos pensam, o poder criativo de seus pensamentos é devastador. Não é à toa que *A Month and A Day* tem sido visto, como um hino da cultura nigeriana do cárcere (SOYINKA, citado em OHA, 2000, p.2).

CAPÍTULO 3

SOZABOY: A OBRA ANTIGUERRA DE KEN SARO-WIWA

3.1 Enredo: Mene e a guerra de Biafra

Caracterizado por Eke (2000, p.87) como uma alegoria da guerra civil nigeriana entre o Estado Federal e a Biafra, *Sozaboy* narra a história do jovem e ingênuo Mene e dos demais moradores da precária e estagnada cidade de Dukana. Após passarem pelas dificuldades de um governo civil arbitrário, os dukanenses enfrentam agora os abusos do comando militar e as catástrofes de um conflito armado. O texto vai desnudar as atrocidades e a barbárie da guerra, caracterizando um processo de desalienação de seu protagonista. Segundo Garuba (1998, p.233) o romance é uma alegoria da experiência da minoria em um estado pós-colonial, alegoria que pode ser encarada pelo seu “avesso”, ou seja, pela consideração de um realismo mimético (GARUBA, 1998, p.238).

A narrativa de *Sozaboy*, que se divide em vinte e um capítulos denominados “lomers”, inicia-se pela apresentação de uma imagem emblemática de esperança: os habitantes das nove vilas de Dukana dançam e comem à luz do luar. Eles estão felizes pela “morte” do governo anterior, um governo civil, e pelo estabelecimento de um governo militar, o *Soza*, que seria supostamente melhor uma vez que teria o respaldo da polícia. Neste ponto é delineada a figura do corrupto Inspetor Okonkwo, conhecido pela prática de suborno. Os dukanenses acreditam que esta situação agora iria mudar e que o funcionário corrompido seria um dos primeiros a serem destituídos do cargo, o que não acontece.

Com o novo governo, não só as práticas de suborno continuam, mas se estabelecem em configuração ainda pior, pois é a própria administração e a polícia que agora vitimizam os moradores. Esta situação começa a ser comentada pela população – especialmente na praça - não só em Dukana, mas nas cidades vizinhas, como Bori e Pitakwa e difundidas pela imprensa radiofônica.

O governo militar também se vale do rádio para expressar seu posicionamento e suas ordens, utilizando, para isso, um linguajar elevado que poucos entendem. Muitas pessoas começam a voltar para suas aldeias em função dos problemas correntes, bem como pelos boatos de assassinatos e torturas. A população passa a viver com medo. Pastor Barika é o líder religioso da comunidade;

atua na Igreja da Luz de Deus e prega que estes são sinais do fim do mundo. De certa forma, ele também manipula a população que, carente, amedrontada e alienada, não sabe a quem recorrer por proteção. Chefe Birabee é o mandatário local de Dukana e também serve ao governo militar. Já é um homem velho, mas se mostra subserviente ao poderio armado. Dukana torna-se um lugar impróprio para viver: além do medo que assola seus habitantes, por si só, a cidade só possui casas feitas de barro, não tem água potável, estradas em boas condições, escolas e hospitais de qualidade. Estas não são prioridades da liderança do Chefe Birabee, que se deixou seduzir pela corrupção. A população é formada por pescadores e agricultores, muitos deles, produtores de inhame, mandioca e de vinho de palma. Dukana é uma das localidades mais obsoletas da região, já que outras próximas a ela, como sua vizinha Pitakwa, já possuem casas de tijolos e luz elétrica.

As imposições governamentais tornam-se tão árduas que mesmo as manifestações culturais são coibidas. A prática de danças e de batuque de tambores passa a ser proibida e as pessoas encerram-se na infelicidade.

O Chefe Birabee é o porta-voz do governo militar, de suas exigências e despotismo, por isso se sente prestigiado e superior aos demais. Duzia, personagem aleijado, mas visto como sábio, questiona o Chefe Birabee acerca da motivação de sua postura em relação ao poder militar, bem como à cobrança de suborno. Duzia afirma que as pessoas já não têm condições de adquirir sua moradia, em função dos muitos impostos que pagam e que tampouco conseguiriam contribuir com mais dinheiro voluntariamente. Especificamente neste trecho do livro, Saro-Wiwa evidencia uma crítica às configurações das relações de gênero em Dukana, pois, por determinação do novo mandatário do Estado, as mulheres deveriam pagar um xelim, ao passo que os homens deveriam pagar três; no entanto, os homens levantam-se contra a diferenciação e aparente injustiça, mas deixam notar sua postura de proprietários das mulheres; elas não decidem acerca de sua vida, não podem falar publicamente e são, muitas vezes, usadas (por seus pais, irmãos, maridos) como mercadoria de barganha com as tropas militares.

Apesar dos apelos públicos, o Chefe Birabee não é demovido da decisão de cobrar impostos exagerados e nem poderia, pois, na verdade, era mero mensageiro. Além disso, Birabee justificava a existência das tropas como importante para a manutenção da paz em sua comunidade e ameaçava os mais revoltosos com a

possibilidade de prisão pelas forças estatais. Todos só tinham uma crença na ocasião: a de que Birabee se beneficiava diretamente destas relações com o Soza.

O protagonista Mene fez os estudos elementares, mas almejava chegar à escola secundária, aperfeiçoar-se pela leitura e falar fluentemente inglês. Mene era auxiliar do motorista que levava pessoas à Pitakwa num veículo convenientemente chamado de “Progress” (Progresso). Aqui, Ken Saro-Wiwa realiza um arranjo metafórico para indicar que este era o vetor que tiraria as pessoas, literalmente, do atraso de Dukana, para levá-las a um lugar de melhores condições de vida, como Pitakwa. E que, por si só, sendo móvel, o veículo era capaz de realizar a desestabilização da inércia dos dukanenses, de alguma forma. Mene pretende ser motorista também, já que esta é uma das poucas funções com remuneração fixa.

Em suas viagens, Mene chega a Diobu, local onde passa a frequentar o “African Upwine Bar” ou o “Diobu New York”, espécie de casa noturna onde conhece Agnes, sua futura esposa. O nome “New York” também reflete a recorrência à influência americana sinalizada (ou mesmo sofrida) por Ken Saro-Wiwa. Agnes é moradora de Lagos, uma cidade maior e mais prestigiada do que as que já foram citadas aqui. O nome da moça, de origem inglesa, também agrada o personagem que, em função de sua beleza peculiar, deseja tomá-la como esposa. Isto irá acontecer após um longo flerte e pouco antes da partida de Mene para o campo de batalha.

No bar, muitos comentam acerca das novidades do governo militar, bem como sobre a iminência de um “problema” que arrasaria a vida de muitas pessoas. Apesar de ainda não o nominarem, os frequentadores do bar se referiam à guerra.

Aos poucos as pessoas se esquecem dos abusos e cobranças de impostos, mas outros problemas surgem, como o aumento do sal, indispensável na culinária local. Bom, Duzia e Kole, homens velhos e que detinham o poder da palavra na comunidade, não concordam com o acréscimo nos alimentos, mas não se opõem ao Chefe Birabee, pois acreditam que ele está projetando nacionalmente o nome de Dukana, em função da sua “suposta” influência com o Soza.

Zaza é outro personagem que merece destaque. Veterano de guerra, Zaza é responsável por seduzir e incitar Mene a alistar-se nas forças armadas. Conhecido por ter uma “voz bonita e melodiosa”, Zaza mostra o lado fantasioso e heroico da guerra, considerando os supostos aspectos positivos que ela apresenta, bem como as (fictícias) vantagens que ele, como ex-soldado, diz ter. Zaza havia servido há

tempos em outro conflito armado, possivelmente, no período colonial e agora vivia com a mãe na comunidade. Era apontado pelas pessoas com certa admiração e respeito por ter participado do confronto de outrora e se gabava disso:

“Bem, a essa altura, eu não tenho tempo para ficar aqui e começar a perguntar por que não sal ou porque sal está a custar muito dinheiro? [...] Bem, eu não posso permitir que o meu povo em Dukana morra. Então eu disse que eu devia se juntar ao exército, porque eu não quero que meu povo morra” – Zaza disse.²⁰ (SARO-WIWA, 1985, p.26).

Em sua narrativa heroica, Zaza nomeia o principal inimigo como Hitla, uma espécie de figura mítica que possui um poder de regeneração que o possibilita se recompor quando é ferido. Hitla é a metáfora do opressor branco, sugerindo, até mesmo pelo nome, a figura de Hitler. Esta acepção de raça fica mais evidente quando o veterano diz que este inimigo luta com os negros somente com as mãos, ao passo que se lutar com os brancos, deve utilizar armas, porque eles são “irmãos”:

“Apenas as pessoas brancas conseguem arma e elas foram atrás de nós. É ir ajustar captura Hitla só com a nossa mão. Sem arma os brancos não ajustam luta. Porque Hitla é seu irmão e ele pega arma, eles devem lutar contra ele com a arma. Mas não podemos ficar com arma, porque Hitla não é irmão de nós.”²¹ (SARO-WIWA, 1985, p.29).

À exemplo do propósito inicial de Mene em ir para a guerra, Zaza também parece ter se dirigido ao conflito com o intuito de tornar-se famoso e aclamado. Mas o fato de ainda ter este pensamento sugere que grande parte de sua história (ou mesmo toda ela) é inventada e que ele não passou nem mesmo pelo fronte de batalha, que não sofreu as atrocidades da guerra, já que a julga como forma de tornar-se importante socialmente.

Além da coação moral que Zaza acaba por exercer sobre o protagonista de *Sozaboy*, outros habitantes como Bom, Duzia e Kole instigam o jovem a se alistar no exército federal como forma de defender sua comunidade. Mene se sente, então,

²⁰ : “Well, by that time, I no get time to stay here and begin to ask why no salt or why salt is costing too much money? [...] Well, I cannot allow my people in Dukana to die. So I said i must join army because I do not want my people to die.”, Zaza Said. (SARO-WIWA, 1985, p.26).

²¹ : Only the white people get gun and they were behind us. Na we only go fit catch Hitla with our hand. Without gun the white people no fit fight. Because Hitla is their brother and him get gun, they must fight him with gun. But we cannot get gun because Hitla no be we brother.(SARO-WIWA, 1985, p.29).

duplamente impelido a se integrar às tropas, além de acreditar que assim também angariará o amor e a admiração de Agnes:

Então me lembrei de como ele [Zaza] estava dizendo 'Eu matei o meu próprio Hitla. Vamos Mene eles ir e lutar.' E então eu me lembro do que Agnes me disse em African Upwine Bar: 'Quando os problemas vêm, eu gosto de homem forte, corajoso que pode lutar e defender-me.'²² (SARO-WIWA, 1985, p.34).

Mas dentre os diferentes recursos de cooptação do futuro soldado, o que talvez mais o tenha influenciado, pelo forte efeito fetichizante, foi a farda dos *sozaboys*:

Rapazes jovens como eu, todos eles com arma e uniforme. É esse uniforme que eu gosto muito. Quando eu vejo como eles estão todos marchando, orgulhando-se e cantando, eu fico muito feliz. Mas quando eu vejo todo o brilho do uniforme, e muito, muito bom de ver, eu não posso te dizer como estou me sentindo. Imediatamente, eu sei que este Soza é coisa maravilhosa.²³ (SARO-WIWA, 1985, p.53).

A vestimenta é semantizada na narrativa como expressivo símbolo do poder, mas também de um poder concedido sob um alto valor: o da descaracterização. Esta condição, porém, não era percebida por Mene. A deferência que os soldados recebiam, fossem eles quem fosse, pelo simples fato de estarem usando o uniforme militar, encantava o jovem e os demais moradores de Dukana. Mas o que o protagonista não percebia é que, uma vez integrado às forças militares e tornado um *Sozaboy*, como de fato aconteceu, encapsulando-se em uma farda, estaria encapsulando-se também em uma nova e genérica personalidade. Passaria a ser só mais um par de braços e pernas em favor do Estado Federal da Nigéria; já deixaria de ser Mene. Esta reflexão fora suplantada pela magia que a indumentária de guerra exercia sobre ele naquele momento, como se vê em:

²² : Then I remembered as he [Zaza] was saying 'I have killed my own Hitla. Let Mene them go and fight.' And then I remember what Agnes told me for the African Upwine Bar: 'when trouble come, I like strong, brave man who can fight and defend me!' (SARO-WIWA, 1985, p.34).

²³ : Young young boys like myself, all of them with gun and uniform. it is that uniform that I like very much. When I see how they are all marching, producing and singing, I am very happy. But when I see all the uniform shining and very very nice to see, I cannot tell you how I am feeling. Immediately, I know that this soza is wonderful thing. (SARO-WIWA, 1985, p.53).

[...] porque Agnes minha amada disse eu devo juntar ao exército e cinco, por causa do que o homem alto estava dizendo no African Upwine Bar *mais o fino fino uniforme com emblema que aqueles jovens soldados estavam usando no campo de guerra* mais como Chief Birabee está sorrindo tolo idiota sorriso qualquer hora que vê soldado.²⁴ (SARO-WIWA, 1985, p. 59) [grifo nosso].

Por tudo isso, Mene se sente impelido a envolver-se na luta e tornar-se um soldado (*soza*). Quando Mene vê a possibilidade de tornar-se um *soza* contempla uma alternativa de ascensão social e de melhoria de vida para si e para os seus. Mas além de acreditar em uma mudança em seu *status* social, Mene tem a certeza de que abrindo mão de sua atual identidade para se tornar um “*sozaboy*” vai entrar para o universo daqueles que mandam, que ditam as regras e que, de alguma forma, oprimem. Por mais que não deseje proceder como estes sujeitos, no que se refere à subjugação de seus pares, almeja o mesmo respeito e a mesma deferência que eles recebem em função do título e da farda que vestem. No entanto, o que Mene não percebem é que, ao rejeitar seu nome e tornar-se, efetivamente, um *Sozaboy*, adere e aceita um rótulo que rouba sua identidade e o configura como só mais um entre tantos outros soldados. Isto é profundamente trágico quando se considera a colocação de Seiyifa Koroye citada por North (2001, p. 105). Segundo Koroye, “Mene” significa “rei” em Khana e ao abrir mão de seu nome, o protagonista também abdica de um poder real, legitimado por sua identidade Ogoni e, por conseguinte, nigeriana, de empreender as mudanças necessárias para defender sua terra e a soberania de sua gente. Ao preterir sua designação cultural, Mene renuncia ao prestígio em sua própria sociedade pela falsa promessa de poder, recebendo em troca, na verdade, somente a subserviência e a humilhação. Ao finalizar sua narrativa, Mene já não é rei nem tampouco soldado.

Com as discussões acerca do agravamento do “problema”, Mene se irrita e se preocupa, pois nota que seus compatriotas continuam cantando, dançando e não se atentando para a situação de calamidade próxima. O jovem fica indignado com a ignorância e a displicência dos moradores em relação às informações que chegam à cidade e à postura mesquinha e egoísta de muitos deles, voltados apenas para interesses pessoais. Chefe Birabee mostra-se subordinado ao governo militar e, por

²⁴ : [...] because Agnes my lover say I must join *soza* and five, because of what the tall man was saying in the African Upwine Bar plus the fine fine uniform with badge which those young *sozas* were wearing in the army camp plus how Chief Birabee is smiling foolish idiot smile whenever ‘e see *soza*. (SARO-WIWA, 1985, p. 59).

sua vez, subjuga a população, inclusive Mene, que reconhece a falência de sua liderança. Os soldados, já espalhados em grande quantidade por Dukana, intimidam o povo. Mene se revolta com isto e começa a notar que este é o princípio do fim da autonomia de sua gente e de sua comunidade.

Em um culto, alguém retoma uma referência bíblica que afirma serem os humanos o sal da sopa. Mene a entende como uma validação de seu desejo de ir para a guerra: queria torna-se também um “soza” e defender a população dos abusos que ela vinha sofrendo de outros soldados. Em dado momento, Mene sonha com a guerra e encara isto como um sinal de que ela se aproxima. Um emissário do governo militar vem a Dukana falar com Chefe Birabee, o que evidencia a proximidade dos embates. Os jovens dukanenses são convocados para uma reunião em Pitakwa. Lá, toda ideologia das (supostas) vantagens da vida militar é apresentada, respaldada pelo heroísmo da guerra. Mene se sente mais seduzido a participar do grupo, apesar dos apelos contrários de sua mãe. Isto acontece logo depois de casar-se com Agnes e Mene torna-se o *Sozaboy*, indo juntar-se às tropas em Pitakwa.

Em treinamento no exército, Mene conhece Bullet, jovem instruído e experiente que será seu grande amigo e protetor. San Mazor, o chamado “Tan Papa” é uma espécie de oficial-instrutor dos recrutas e passa a revelar a Mene as reais delineações da guerra, surpreendendo-o. O jovem observa que também nas forças armadas há hierarquia e indivíduos subservientes e que a máquina da guerra é acionada por meio de uma gramática rebuscada, utilizada pelos oficiais do alto comando. Por meio deste discurso elevado, esta autoridade tenta manipular os jovens para seu propósito, sem, necessariamente explicitar qual seria ele. A decepção de *Sozaboy* começa a se estabelecer quando ele passa as primeiras privações de água e comida e quando sofre com a dinâmica da vida militar. Nestes episódios de aflição inicial, o texto cria um contraste entre Mene, com seus questionamentos pueris sobre a guerra e as deduções irônicas do amigo Bullet, que o ajuda a entender como eles estão sendo usados neste processo e como o único destino que os espera é a morte. Apesar desta constatação, Bullet também foi cooptado e é movido pelo desejo de tornar-se um herói de guerra.

Mene e os demais companheiros estão alojados em trincheiras quando são visitados por um dos inimigos que incita a revolta dos *sozas* contra seu capitão. Bullet, revoltado com as regalias que o capitão possuía em relação a eles, reúne

alguns companheiros e rouba os suprimentos do militar. Ele e os demais são duramente humilhados e castigados por isso, o que horroriza o *Sozaboy*. A partir desta ocorrência, a vida de Mene e de Bullet será cheia de punições e Mene se arrepende cada vez mais de ter ido para a guerra. Mene percebe que nunca havia sentido medo como agora. Enquanto isso, novos acontecimentos fazem com que Bullet acabe matando o capitão e mantendo isto em segredo.

Um bombardeio surpreende o fronte de batalha onde se encontram as tropas e muitos morrem, sendo literalmente feitos aos pedaços. Esta cena é tão abjeta, que Ken Saro-Wiwa, inclusive, compara a ação de lançar bombas do avião como o ato de defecação, tanto pela situação em si, quanto pelo estrago realizado e pelo odor dos mortos apodrecendo. Dentre os falecidos, está Bullet, que é posteriormente encontrado por Mene. O *Sozaboy* se compadece e, mais uma vez, tem uma lição dura do que é a guerra. Os inimigos avançam pelo campo de batalha e o uniforme, antes tão idealizado pelo jovem, agora é retirado e lançado ao longe às pressas, pois é visto como um chamariz para sua captura. Mene foge temendo ser um prisioneiro de guerra e começa a entender o embuste que sofrera pelos falsos benefícios propostos por Zaza e pelos aliciadores militares, que pintavam a guerra pelo ponto de vista da glória. O jovem começa seu processo de reflexão aqui, ponderando os prós e os muitos contras de sua decisão equivocada. Ele passa a refletir sobre o (des)propósito da guerra, por quem está lutando de fato e por quem seus amigos morreram e quer voltar para a casa, pois agora tem certeza de sua condição de desgraçado. Este pensamento sobre a falta de objetivo da guerra fica mais evidente para Mene quando, após desmaiar pelos ferimentos e pela fome, é socorrido em um hospital mantido pelos inimigos e nota que eles também não sabem por que ou por quem estão lutando. Após ser integrado às tropas oponentes, o que se dá depois de castigos e constante terror psicológico, Mene serve de motorista e visita muitos campos de refugiados. Ele objetiva saber notícias de sua terra natal e de sua família. No Centro da Cruz Vermelha, Mene encontra Zaza que fala da destruição de Dukana, dos horrores que a guerra provocou na cidade (até mesmo o canibalismo) e do desaparecimento de sua família. Isto o faz entender que ambos os lados do combate são seus inimigos e que o que importa agora é encontrar sua mãe e a esposa Agnes.

Mene escapa do exército inimigo e vai para Dukana em busca de sua família. Mas ao chegar à cidade onde nascera, seu desgosto e tristeza se tornam maiores. O

cenário com o qual se depara é de destruição, miséria, abandono, morte e impiedade. Em uma cabana velha ele encontra Bom e Duzia, que contam as atrocidades cometidas pelos soldados em sua comunidade: as mulheres foram violadas; as plantações e os alimentos foram roubados e o pouco que sobrou foi tomado pelos famintos; a vegetação foi cortada para que os inimigos não a tomassem como refúgio; as casas, igrejas e demais instituições públicas foram bombardeadas; os soldados invadiram as casas melhores e expulsaram as pessoas. Mene se enchia de compadecimento e, ao mesmo tempo, de raiva, pois, iludido pela proposta de uma vida digna e heroica na guerra, ausentou-se do meio de sua gente, não podendo defender sua terra nem sua família. Desconcertado e desnorteado, Mene vai a Pitakwa, bem como a diferentes campos de concentração de refugiados em busca da mãe e da esposa. Lá, Mene se depara com a imagem mais degradante do conflito armado: as pessoas são verdadeiros farrapos humanos que se arrastam; são como lixo, restos humanos, ou mortos-vivos. A maioria estava magra, mas com a barriga inchada. A água e a comida eram extremamente racionadas e no próprio campo de concentração havia corrupção. Os que tinham alguma posse conseguiam se alimentar melhor, pois subornavam as pessoas que distribuíam os alimentos. E os que tinham alimentos e estavam dispostos a vendê-los, o faziam por preços exorbitantes. Além disso, mesmo os alimentos enviados pela Cruz Vermelha eram vendidos em algumas localidades. Diante desta situação e pela desesperadora fome, as pessoas chegavam a brigar como selvagens por comida, uma imagem que aterrorizou o protagonista.

Em dado momento, Mene depara-se com o Chefe Birabee e com o Pastor Barika e descobre que eles, mesmo na conjuntura miserável em que se encontram, ainda se mantêm subservientes ao poderio militar e recebem tratamento especial por conta disso. Sua revolta e indignação provocam a ira do antigo chefe comunitário e do pastor, que entregam o jovem às tropas inimigas. Mesmo preso, Mene não é demovido do propósito de encontrar sua família. A guerra se desnuda agora como um jogo cruel e estúpido e Mene pensa na maldade que há no mundo.

No território inimigo, Mene e outros prisioneiros escapam, por sorte, da execução. Nesta ocasião anos do conflito já haviam se passado e muitos dos que estavam capturados estavam sendo mortos, pois a guerra estava acabando e não havia mais razão para mantê-los em detenção. Além disso, o custo de sua alimentação era demasiado oneroso.

Finalmente, após a fuga e uma longa noite de sono escondido no mato, Mene acorda e descobre que o conflito armado acabou e que pode agora retornar à sua casa. Muitos sobreviventes também estão retornando e ele tem esperanças de encontrar os seus. Chegando em Dukana, Mene bate em diferentes portas, mas todos o temem, pois há muito estes poucos moradores ouviram a história de que ele havia morrido. Pensam que ele é um fantasma que não encontrou descanso pelo fato de não ter podido reencontrar sua mãe e sua esposa. Ele se instala, então, nos restos da velha igreja, já que sua casa também fora destruída. De lá, observa o movimento das pessoas indo enterrar mortos na floresta à noite e isto o intriga, pois é uma dinâmica que passou a se tornar contínua. Duzia aparece na igreja e revela a *Sozaboy* uma dura verdade: sua família havia morrido há dois anos, vítimas dos primeiros bombardeios. Duzia diz também que muitos estão morrendo de doenças desconhecidas e que a população atribui a ocorrência destas mazelas ao retorno do jovem. Em outras palavras, sua vida está agora ameaçada por algo que ele sequer consegue entender. Assustado, Mene entende que precisa ir embora de Dukana, mas antes, ele faz uma rápida passagem por sua cidade, lembrando-se com comoção e arrependimento, porém com lucidez, da decisão que tomou em outros tempos. Neste instante, não lhe resta nenhum resquício de ingenuidade ou de esperança. Mene está certo de que nada justifica a guerra (uma reflexão própria de Saro-Wiwa). E, a partir desta reflexão, sugere-se a contemplação da vida por um outro olhar: um ponto de vista que revela o absurdo do confronto militar e de seu poder destrutivo.

Por ordem de importância, Saro-Wiwa vai apresentar como um dos principais problemas de Dukana, e da Nigéria, de modo geral, a *falência da liderança* (FANON lido por EKE, 2000). Este problema é protagonizado por líderes que sempre se deixam intimidar e manipular em troca de favores, de serem poupados de eventuais ataques e de enganarem a população. Mene explicita esta situação ao dizer que, com o estabelecimento do governo militar e a chegada das tropas na comunidade, que circulavam livres e entravam arbitrariamente nas casas das pessoas, Chief Birabee as recebe em sua casa e praticamente lhes entrega a cidade. *Sozaboy* ainda diz que o velho anda com os soldados como forma de tentar se valer do prestígio deles e que sorri de tudo e para tudo o que eles dizem, mesmo que estas sejam palavras de ordem contra os dukanenses, como se vê no seguinte trecho:

Chief Birabee está ainda sorrindo o sorriso idiota dele sempre e quando quaisquer soldados vêm é para a casa dele que eles primeiro irão. Então ele dará a eles bebida e comida. Chief Birabee gosta de fazer tudo isto porque quando os soldados estão lá, ele pode ter poder mais do que em Dukana. Por este tempo ninguém pode desobedecer o que ele fala como antes. Sim, porque antes antes, este Chief Birabee é chefe mas ele não é muito importante. Ele não pode prisão ninguém e se você gostar, você pode recusar ir e julgar seu caso na casa dele. Depois de tudo ele não tem polícia ou intendente, então se você desobedecer a ele o que pode ele fazer para você? Chefe não é chefe hoje em dia. Apenas para roubar, comendo dinheiro das pobres mulheres mais dinheiro quem eles coletarem no vilarejo.²⁵ (SARO-WIWA, 1985, 41).

Neste sentido, Mene mostra que o líder de Dukana abre mão de seu posto, se deixa “prostituir” e com ele toda a comunidade. Por isso, Dukana não tem representação, não tem força para requerer sua liberdade, tampouco sua autonomia. Além de subordinar-se, o protagonista de *Sozaboy* critica ferrenhamente Chief Birabee por ser ele responsável por alienar grande parte da população. Isto porque, a mando dos grupos de opressão, o chefe comunitário cobrava impostos abusivos – pagos em dinheiro ou em bens, como tecidos ou alimentos – que deveriam ser revertidos a estes superiores estrangeiros. A alienação se dava, pois o mandatário atestava que o pagamento era uma forma de arrefecer possíveis represálias do governo militar contra a população e que ele mesmo poderia sofrer com elas, o que não era verdade. A forma como as pessoas em Dukana se deixavam manipular pelo discurso de Chief Birabee pode ser ilustrada no excerto a seguir: “Chief Birabee pode roubar qualquer dinheiro ele quiser. Se ele puder fazer nome de Dukana entrar no rádio ele é muito bom chefe para mim. Acreditem em mim.’ Bom disse.”²⁶ (SARO-WIWA, 1985, p.25). Além disso, o administrador comunitário afirmava que colaborar com o estado militar era uma forma de projetar nacionalmente o nome de Dukana, tornando-a conhecida, outra mentira. A propósito desta questão, vale reparar como

²⁵ : Chief Birabee is still smiling his idiot smile always and when any sozas come it is to his house they will first go. Then he will give them drink and chop. Chief Birabee like to do all this because when the sozas are there, he can have power more than in Dukana. By that time nobody can disobey what him talk like before. Yes, because before before, this Chief Birabee is chief but he is not very important. He cannot prison anybody and if you like, you can refuse to go and judge your case in his house. After all he have no police or kotuma, so if you disobey him what can he do to you? Chief is no chief nowadays. Only to tief, chopping money from poor woman plus money wey dem collect for village. (SARO-WIWA, 1985, 41).

²⁶: ‘Chief Birabee can tief any money he likes. If he can make Dukana name to get inside radio he is very good chief for me. Believe me,’ Bom said. (SARO-WIWA, 1985, 25).

diferentes tipos de alienação existem em uma mesma cidade, como se vê pelo alheamento da maioria da população que não estudou e que acredita que, apesar de tudo, Chief Birabee será um bom líder. Ou ainda pela alienação de Mene, que critica o representante, mas é cooptado por outros atrativos sociais. Mesmo Mene percebendo a forma de ser e os interesses de Chief Birabee e dos que estão por detrás dele, também cede ao desejo de se tornar “distinto”, de ser um soldado e obter certo prestígio em Dukana. Mene capta ação subserviente de Chief Birabee, como se vê em: “Eu digo a mim mesmo que Chief Birabee é muito homem covarde”²⁷ (SARO-WIWA, 1985, p.4). No entanto, deixa-se seduzir pela possibilidade de tornar-se “importante” para também subjugar o próprio mandatário, uma vez que sente-se, de alguma forma, humilhado por ele: “Então, quando eu cheguei perto dele, ele começa a falar Kana para mim. Desta vez sem medo para a voz dele. Ele não está sorrindo idiota tolo sorriso. Ele está dando ordem.”²⁸ (SARO-WIWA, 1985, p.39). Percebe-se que a forma de agir do líder da comunidade suscita um desejo no jovem Mene. Ele almeja ser diferente dos submissos ao Chief Birabee, pois consegue perceber que ele também é submisso a alguém “superior”.

Chief Birabee ainda é julgado pelo jovem por permitir que certas proibições do governo militar fossem acatadas em sua comunidade; proibições que iam de encontro a costumes culturais da população. Por exemplo, segundo as determinações do novo mandatário geral ao qual o líder de Dukana se subordinava, manifestações de dança e de tambor estavam suspensas e quaisquer habitantes que as praticassem seriam punidos. As pessoas começaram a ficar infelizes, mas não questionavam e nem reagiam, tampouco compreendiam que esta era uma forma de ruir as forças da identidade cultural da comunidade.

Como segunda das piores características do contexto em que se ambientava a narrativa de *Sozaboy*, obviamente, decorrente da primeira, está a *corrupção*. É dedutível que a postura de Chief Birabee seja mais do que corrupta. No entanto, sua atuação dá margem para que outros membros da comunidade também ajam pela ilegalidade. Um destes personagens contemplados por Mene é o Inspetor Okonkwo. Ele é o símbolo da corrupção. Era um policial corrupto em Dukana, na época do

²⁷ : “I say to myself that Chief Birabee is very coward man”. (SARO-WIWA, 1985, p.4).

²⁸ : “So when I came near him he begin to speak Kana to me. This time no fear for him voice. He is not smiling idiot fool smile. He is giving ordem.” (SARO-WIWA, 1985, p.39).

governo civil, um sargento. Posteriormente, fora promovido a inspetor e cobrava impostos e propinas das pessoas para trafegarem de uma cidade para outra, uma espécie de pedágio. Mene, que era aprendiz e empregado de um motorista mais experiente, ouvia de seu patrão as reclamações acerca do inspetor. O chefe lhe confidenciava os abusos aos quais era submetido pelo funcionário e que este o cometia com muitos outros motoristas. Muitos dos ganhos do Inspetor Okonkwo eram utilizados por ele para ter uma boa alimentação, o que a maioria da população não tinha e para conseguir ter um úmero maior de mulheres; ao todo, eram quatro. Características do personagem corrupto, citado por *Sozaboy*, podem ser consideradas na seguinte proposição: “Inspetor Okonkwo ele é o pior quando ele era sargento antes deles promoverem ele. Ele comia propina dos motoristas até ele poder ser capaz de casar com quatro esposas e construir melhor casa para cidade dele.”²⁹ (SARO-WIWA, 1985, p.2).

Com a transição do governo civil para o governo militar, o Inspetor Okonkwo sofreu inicialmente por acreditar que seria demovido do cargo e das regalias. No entanto, com a inoperância e complacência para com o poder opressor da liderança de Chief Birabee, sua atuação corrupta ficou ainda pior e mais intensa.

Além da significativa figura do Inspetor Okonkwo, outras representações da corrupção são construídas no texto. Nos capítulos finais da narrativa, já nos campos de refugiados, fugindo do terror da guerra e em busca da família, *Sozaboy* encontra um dos antigos moradores de Dukana, o velho Terr Kole. Em uma conversa, o homem revela que lá também há corrupção e desvio de verbas, algumas famílias comem melhor do que as outras; fazem três refeições por dia ao passo que as outras pessoas só fazem uma. Estes grupos têm, inclusive, dinheiro e, por isso, têm tratamento especial, como acesso prioritário a remédios e roupas que são enviados pela Cruz Vermelha para serem distribuídos aos necessitados. O dukanense ainda denuncia o estabelecimento de um comércio cruel e ganancioso comandado pelo Chief Birabee e pelo Pastor Barika, chefe religioso de Dukana. Nesta relação exploratória, os menos favorecidos financeiramente vão morrendo e, para os corruptos, isto é muito providencial, já que há a sobra de provimentos. Além de Chief Birabee e do Pastor Barika, outros membros se atrelam a uma verdadeira quadrilha

²⁹ : Inspector Okonkwo na him be the worst when he was sarzent before they promoted him. He chopped bribe from drivers until he can be able to marry four wives and build better house for his town. (SARO-WIWA, 1985, p.2).

que se presta a (mesmo dentro dos campos de refugiados) servirem de espiões para os soldados, delatando quaisquer fugitivos ou rebeldes, como Mene, em troca de poderem controlar a distribuição de mantimentos (SARO-WIWA, 1985, p.156-157).

Como se pode deduzir, além dos problemas já citados, a situação em Dukana só poderia incorrer em expressivas *desigualdades sociais*. Como visto, é óbvio que Chief Birabee, por explorar a população cobrando impostos abusivos que partilhava com o poder opressor, vivia em condições melhores, além do próprio Inspetor Okonkwo e mesmo do Pastor Barika. Dukana é uma cidade de pescadores e agricultores, produtores de mandioca, vinho de palma e inhame. É uma comunidade extremamente pobre em relação a outras como Bori e Pitakwa. Não possui luz elétrica, água potável, boas estradas, escolas ou hospitais; as casas são todas de barro, não de tijolos, como em Pitakwa. Além da opressão perpetrada pela linguagem elevada do mando militar das forças europeias e dos grupos étnicos majoritários, como visto nos capítulos anteriores, o medo ainda é veiculado pela religião. A Igreja da Luz de Deus, instituição liderada pelo Pastor Barika é responsável por fomentar a ideia do fim do mundo, atrelando a ela eventuais e “convenientes” posturas que os habitantes deveriam ter para assegurarem sua salvação, uma vez que era forte a influência do cristianismo naquele local. Muitos dos habitantes em Dukana viviam em propriedades irregulares ou sem documentação; isto porque não possuíam recursos suficientes para adquirirem sua própria moradia, daí a total informalidade quanto à forma de viver e a impossibilidade de pagar os impostos requeridos pela liderança comunitária.

Além destas assertivas, as diferenças sociais entre os moradores de Dukana se davam pelo nível de escolaridade. Mene era dos poucos que havia conseguido fazer os estudos elementares, o equivalente ao Ensino Fundamental básico, mas almejava inserir-se na escola secundária, gostava de ler e procurava “praticar” o uso do inglês, apesar do idioma ser perpassado por marcas comunitárias. Acreditava que falando bem o idioma poderia ser um “grande homem”, um ideal não muito diferente de hoje em relação ao prestígio que a língua possui nos países subdesenvolvidos e emergentes. O jovem desejava ainda, e mais do que tudo, obter a carteira de habilitação e tornar-se motorista como o patrão. Esta meta era compreensível, já que esta era um das poucas funções com remuneração fixa e com possibilidade de sair de Dukana e conhecer lugares e pessoas diferentes.

Também fortemente atrelada à questão anterior das desigualdades sociais, Saro-Wiwa delata, pela voz de Mene, a circunstância da *inércia das populações* como responsável pelas dificuldades pelas quais passavam os grupos oprimidos na Nigéria. Nesta esteira, o jovem vai se escandalizar com a indignação momentânea, imediata das pessoas com a corrupção perpetradas pelas diferentes lideranças – política e cultural, militar e religiosa. Esta revolta inicial era rapidamente esquecida e abafada por pequenas cantorias e danças, agora, convenientemente permitidas por Chief Birabee como forma de entreter as massas das reais preocupações:

E as pessoas estão batendo tambor e dançando em outra parte da cidade. Verdade, verdade, estas Dukana pessoas não tem senso em tudo. Como podem eles estar dançando, cantando e se divertindo quando há problema para o país? Se eles não aproveitarem tempo alguma coisa acontecerá para esta cidade e quando esta coisa irá acontecer ela será porque eles não puderam pensar como outras pessoas estão pensando.³⁰ (SARO-WIWA, 1985, p.37).

Além disso, o egoísmo e a individualidade eram outras perigosas distrações para os habitantes. Estes se ocupavam de seus próprios problemas, interesses e vaidade, questões muito pequenas e relativamente insignificantes na conjuntura das dificuldades gerais. Não questionavam e nem tampouco refletiam se as ações de seus chefes poderiam afetar drasticamente suas vidas.

Por fim, o sexismo acabou se delineando como resultado desta sociedade dukanense (nigeriana) desigual, corrupta e segregadora. Destaca-se aqui a marginalização, o silenciamento e a objetificação feminina por pais, irmãos e maridos. As mulheres eram utilizadas como peça de barganha com os soldados para assegurar favores, regalias e arrefecer a hostilidade das tropas, como se vê em:

[...] todos os grandes grandes homens em Dukana começam a trazer cabra, inhame, galinha e plantas. Eles enchem o motor das pessoas soldados. Mesmo um homem traz a filha dele para dar para o capitão dos soldados. Mas o homem soldado não quer a garota então ela foi ao longe chorando. Então o capitão dos soldados entrou dentro do caminhão dele e eles dirigem para longe, por ele mesmo e por outro soldado homem dele. Eles

³⁰ : And the people are beating drum and dancing in another part of the town. True, true, these Dukana people no get sense at all. How can they be dancing, singing and jollying when there is trouble for the country? If they no take time something will happen for this town and when that thing will happen it is because they cannot think as other people are thinking. (SARO-WIWA, 1985, p. 37).

estavam acenando adeus e sorrindo a rindo felizmente. ³¹ (SARO-WIWA, 1985, p.39).

Era pelo “sacrifício” destes sujeitos femininos que se garantia a vida e a liberdade dos homens. Além disso, por esta diferenciação no tratamento entre mulheres e homens em Dukana, a prostituição tornou-se algo comum. As mulheres eram normalmente oferecidas como amantes, prostitutas ou escravas aos capitães. Em realidade, a prostituição de meninas não era algo desconhecido entre as comunidades invadidas na época da guerra civil. Saro-Wiwa usa o problema para alegorizar a ocupação e conseqüente prostituição de Dukana (EKE, 2000, p. 87).

Esta breve introdução acerca do romance ajudará na construção do argumento central deste trabalho, ou seja, que *Sozaboy: a novel in rotten English* pode ser considerado um romance de formação na medida em que enfatiza a desalienação do personagem principal enquanto produto de um núcleo social e político efetivamente corrompido.

3.2 Sozaboy e o rotten English: a língua como subversão

Eke (2000, p. 87-88) vai enfatizar justamente o despertar sociopolítico de Mene, indicando ser este um referencial para a própria politização de Ken Saro-Wiwa. O uso do “rotten English” é também contemplado por este teórico como um indício de conscientização e subversão, tanto do personagem, quanto do romancista. A língua aqui também é vista como forma de expressão de uma parcela social discordante da retórica rebuscada dos governantes e mandatários da guerra, que aponta para a falta de comunicação entre estes dois extremos. Esta forma de emprego da língua trazida pelo dominador, ora definida como código de comunicação das diferentes minorias nigerianas, também recebeu notoriedade pela valorização peculiar que Saro-Wiwa lhe atribuiu em seu romance. O autor de *Sozaboy* faz questão de enaltecer e elaborar, com cores populares, esta forma de

³¹ : [...] all the big big men in Dukana begin to bring goat, yam, chicken and plantain. They full the motor of the soza people. Even one man bring him daughter to give the soza captain. But the sozaman do not want the girl so she went away crying. Then the soza captain entered into his lorry and they drive away, himself and his other sozamen. They were waving goodbye and smiling and laughing happily. (SARO-WIWA, 1985, p.39).

expressão. A propósito desta maneira de conceber o inglês, Saro-Wiwa mesmo atesta:

A linguagem de *Sozaboy* é o que eu chamo de 'Inglês podre', uma mistura do pidgin nigeriano, de um inglês não gramatical e de ocasionais lampejos de Inglês idiomático e elevado. Essa linguagem é desordenada e indisciplinada. Nascida de uma educação medíocre e oportunidades severamente limitadas, toma de empréstimo palavras, padrões e imagens livremente da língua materna e encontra expressão em um vocabulário muito limitado do Inglês. Para seus falantes, ela tem a vantagem de não ter regras e nenhuma sintaxe. Ela vive na ilegalidade, e faz parte da sociedade deslocada e discordante em que *Sozaboy* deve viver, mover-se e não ter o seu ser.³² (SARO-WIWA, 2000, p.2).

Segundo Adagboyin (1992) lido por Eke (2000, p. 102), “A beleza estilística de *Sozaboy* pode ser dita da tentativa de seu herói-narrador em expressar a realidade pela qual estava passando, através de uma forma linguística totalmente criada por ele mesmo. Uma forma pessoal, não ortodoxa e completamente rebelde.”³³ A relevância da linguagem nesta obra de Saro-Wiwa pode ser vista ainda pelo subtítulo que o autor utiliza, uma maneira de restringir e descrever nuances do texto (OJO-ADE, 1999, p.31).

A forma de expressão utilizada em *Sozaboy* também é reconhecida por Lincoln (2010, p.79) como uma maneira de verbalizar a condição de corpos e dignidades dos sobreviventes da guerra e moradores das pequenas cidades assoladas pelo conflito: este “inglês podre” era o modo de referência de figuras também já apodrecidas, em todos os sentidos. Este código linguístico tomado por Ken Saro-Wiwa era, para a pesquisadora, uma caracterização da língua do abjeto na Nigéria. Segundo Lincoln (2010, p.83), esta impressão é assim tão fortemente dolorosa, em função do conhecimento prévio de Saro-Wiwa do ambiente e consequências da guerra. Por isso, sua prosa é testemunhal e convenientemente narrada em primeira pessoa.

³² : *Sozaboy's* language is what I call 'rotten English,' a mixture of Nigerian pidgin English, broken English and occasional flashes of good, even idiomatic English. This language is disordered and disorderly. Born of a mediocre education and severely limited opportunities, it borrows words, patterns and images freely from the mother-tongue and finds expression in a very limited English vocabulary. To its speakers, it has the advantage of having no rules and no syntax. It thrives on lawlessness, and is part of the dislocated and discordant society in which *Sozaboy* must live, move and have not his being. (SARO-WIWA, 2000, p.2).

³³: The stylistic beauty of *Sozaboy* may be said to rest in the hero-narrator's attempt to express a reality he is passing through in a language form he has fashioned entirely for himself. This language form is personal, unorthodox and quite rebellious. ((ADAGBOYIN, 1992) lido por (EKE, 2000, p. 102))).

Lincoln (2010, p.85) configura o perfil de *Sozaboy* como um modo moderno do contar histórias, atividade, inclusive, bastante utilizada neste e em outros contextos em África para comunicar e traduzir a experiência, de um espaço e tempo para outros (LINCOLN, 2010, p.85). É, portanto, um romance com traços de língua oral, perpassado por expressões de fala, apto a expor uma narrativa traumática. Segundo a teórica, a obra inaugura não só um momento político, mas estético, por empreender o uso de um *discurso romanesco nigeriano próprio* [grifo nosso].

Acerca do estilo de escrita de *Sozaboy*, Eka (2000, p.75) afirma que, aparentemente, a narrativa se configura como uma subvariedade incomum do inglês, que ultrapassa os limites da aceitabilidade e da legibilidade local, nacional e internacional. Este teórico, que realiza uma análise semiótica da obra, diz que o feito sarowiiano é tão excêntrico que a única habilidade do autor parece ser a de gerenciar as enunciações de um pensamento em confusão. Mas, na verdade, revela uma alta capacidade de “desfigurar” a linguagem de suas faces costumeiras e readequá-la ao comportamento peculiar de seus personagens característicos.

Segundo North (2001, p.98), esta é a obra mais relevante de Ken Saro-Wiwa, pois, pelo uso linguístico empreendido, caracteriza-se como um efetivo modelo alternativo de representação nacional da Nigéria. O estudioso ainda afirma que a mais significativa decisão na hora de produzir escritos naquele país, como em outras localidades da África, é a escolha linguística. E o uso do inglês há muito fora criticado por escritores e demais intelectuais daquele continente, pois, nos primeiros anos da independência nigeriana fomentava-se a produção literária em linguagem genuinamente africana como forma de afirmação identitária. À época, Saro-Wiwa foi um dos poucos escritores a defender um uso próprio do inglês. O autor deixava claro que preferia o inglês ao khana, porque escrevendo em um idioma de maior projeção poderia levar sua mensagem para além dos limites de sua comunidade e das etnias majoritárias, como os Haussá e Fula, os Iorubá e os Igbo.

Vale apontar que a valorização da língua inglesa por escritores africanos pode ser bastante problemática e, com efeito, tem recebido atenção especial. Como explica Ngugi wa Thiong'o (2004, p.165), existe uma profunda assimetria entre as línguas mundiais, que possuem, dependendo de sua filiação, mais ou menos poder. Segundo Rodrigues (2011, p.22), existe, em relação ao inglês, uma omissão do processo de construção ideológica do idioma como universal e hegemônico em diferentes partes do mundo, inclusive na África, bem como dos impactos sociais,

políticos e culturais desta situação. Acerca desta configuração da língua, Jameson (1998, p.59) afirma que, não obstante ser uma via de oportunidades para a integração global, o inglês é hoje “a língua franca do dinheiro e do poder” (JAMESON, 1998, p.59).

O inglês de *Sozaboy*, no entanto, não é o “universal” e prestigiadamente conhecido. Ao contrário, é um inglês irregular, ilegal, nascido das limitadas oportunidades de uma miscelânea linguística e étnica de populações urbanas, como o próprio Saro-Wiwa afirmou (NORTH, 2001, p.98). Nesse sentido, torna-se uma ferramenta política que contesta a hegemonia da língua inglesa padrão na Nigéria. Para Lincoln (2010, p. 79-80), a língua e o conteúdo em *Sozaboy* demonstram a humilhação, a degradação e o servilismo exercidos na Nigéria no período da guerra. A teórica acredita que a experimentação estética utilizada pelo autor foi crucial para bem representar as experiências, sofrimentos e desejos da população. Mais que isso, a língua sugere as maneiras como o poder nigeriano falhou na representação de seus cidadãos e como a Nigéria atuou “vampiricamente” ao sugar os recursos de sobrevivência das minorias. (LINCOLN 2010, p. 79-80). Este inglês “podre”, pela visão de Lincoln (2010, p. 79-80), sugere uma espécie de “exercício necropolítico” do poder nas regiões de produção de óleo, uma “política excremental” estatal (LINCOLN, 2010), que trata as minorias como abjeto. O problema é articulado pelo ponto de vista de Saro-Wiwa em uma língua fragmentada, um código que, para Lincoln (2010), é a expressão do testemunho daqueles que também possuem, de certa forma, os corpos e a dignidade podres.

A forma como a linguagem é posta pode caracterizá-la como deficiente e advinda de um narrador provinciano. Mas este código é articulado justamente para evidenciar o cinismo, a covardia e a inoperância dos que estão em seu entorno. A linguagem, com toda a sua “podridão”, configura-se como um discurso bem mais poderoso por confrontar-se com a aparente inocência e deformidade que apresenta. É o que se vê no excerto: “ ‘What kain nonsense be dis?’ is what he said. ‘Plenty money for road and dem begin to block de road. Wetin de chiefs mean? Dem no want make I chop?’”³⁴ (SARO-WIWA, 1985, p.5). O narrador deforma a língua utilizando termos como “*kain*” (kind), “*wetin*” (what) e “*chop*” (food) para mostrar que

³⁴: “‘Que tipo de sem sentido ser isto?’ é o que ele disse.. ‘Bastante dinheiro para estrada e então começa bloquear a estrada. Que coisa os chefes significam? Então não querem fazer eu sustento?’” (SARO-WIWA, 1985, p.5).

usa como quer o idioma do opressor e se faz bem compreender por ele. Ao grafar a sonorização de termos como “*dis*” (this), “*dem*” (then) e “*de*” (the), Saro-Wiwa demonstra a inadequação da pronúncia inglesa – e da língua padrão como um todo – em seu contexto de atuação e mostra como ela foi apropriada pelos dukanenses. Vale dizer que as supostas incoerências da sentença, se traduzida para o inglês padrão, existem justamente para validar a mistura cultural, a intromissão histórica inglesa e a ilegalidade.

Segundo North (2001, p.99), o rotten English representa a natural ininteligibilidade - de ideais e de línguas – que caracteriza as comunidades políglotas do mundo contemporâneo. Esta forma de expressão é utilizada principalmente em Pitakwa, localidade em que o protagonista Mene atua como auxiliar de motorista e onde encontra diferentes tipos de passageiros e outros funcionários. É também utilizada em Port Harcourt, cidade de onde o petróleo nigeriano parte para exportação. O uso de expressões de diferentes bases linguísticas é aleatório e não distingue o perfil de seus falantes. Além disso, é responsável por deixar o romance menos “crível”. Esta forma de elaborar a escrita é muito peculiar em Saro-Wiwa. É por isso que Willian Boyd lido por North (2001, p.100) diz que “ninguém na Nigéria atualmente fala ou escreve assim.”³⁵ É que para entender a política do rotten English é necessário considerar a linguagem pelas suas funções gerais no romance. Ou seja, a língua em *Sozaboy* só é explicável dentro do escopo do texto, pelo papel que este código adquire ao registrar a intraduzível experiência das diferentes populações.

O rotten English serve também como crítica à gramática elevada do inglês padrão, que não é compreendido pela população de Dukana, não obstante ser utilizada pelos que estão no poder. No momento em que Mene é cooptado para juntar-se ao exército, por exemplo, o comandante estrangeiro do grupo armado a utiliza para supostamente explicar os motivos da guerra. Os recrutas, à exemplo de Mene, não compreendem o que o militar diz, mas acreditam que, por ser veiculada em um inglês elevado, a proposta seria benéfica para a comunidade. Mene afirma que somente depois de um mês no conflito armado é que conseguiu reproduzir (mas não entender) algumas palavras que ouvira de seus superiores. O soldado tornava-se, portanto, uma marionete do poder estrangeiro, repetindo regras de opressão

³⁵: “[...] no one in Nigeria actually speaks or writes like this.”

contra si e contra seu povo (NORTH, 2001, p.104). Finalmente, o rotten english coloca-se, segundo North (2001), como resposta sincrética à guerra civil e ao sistema político que dela emerge e, mais que isso, como uma “mídia literária nacional” de uma Nigéria de muitas diferenças (NORTH, 2001, p.106).

Por estar escrito em primeira pessoa, o romance parece ser mais “contado” do que escrito, além de conter saudações e interjeições que pressupõem um ouvinte ou leitor. Daí a configuração como romance oral. Segundo Garuba (1998, p.233) o romance expõe uma batalha pelo controle linguístico, que é disputado pela escrita e pela fala. Mesmo pensando na obra como um produto escrito, o teórico atesta que o narrador vai empregar estratégias da língua falada para pontuar a oralidade em sua narrativa. A forma como *Sozaboy* se refere ao seu interlocutor sugere uma proximidade e conhecimento entre eles. Esta relação não é necessariamente étnica ou linguística, mas pessoal. Por exemplo, quando o protagonista vai falar dos piores momentos que viveu e presenciou na guerra, chama seu ouvinte “meu irmão”, como observa North (2001). Esta demonstração de fraternidade também se apresenta no final do romance, quando, em Port Harcourt, o ex-soldado chama as pessoas de “meus queridos irmãos e irmãs”. Segundo North (2001, p. 108), a expressão “meu irmão” também é uma forma de delinear e criticar o fratricídio suscitado pela guerra, já que os combatentes matavam seus próprios conterrâneos, uma vez que não se sabia por que, por quem e contra quem se estava lutando. Como linguagem híbrida, o rotten English permite a *Sozaboy* falar contra a guerra civil, como porta-voz da maioria das etnias:

E como eu estava indo, eu estava apenas pensando como a guerra tem danificado minha cidade Dukana, inutilizado muitas pessoas, matado muitas outras, matado minha mãe e minha esposa, Agnes, minha jovem bonita esposa com seios pontudos e agora ela tem me feito como pessoa que pegou lepra porque eu não tenho cidade de novo.

E eu estava pensando como eu estava orgulhoso antes para ir para exército e chamar a mim mesmo Soldado menino. Mas agora se qualquer um disser qualquer coisa sobre guerra ou mesmo luta, eu só correrei e correrei e correrei e correrei e correrei. Acreditem em mim vocês sinceramente.³⁶ (SARO-WIWA, 1985, p.181).

³⁶: And as I was going, I was just thinking how the war have spoiled my town Dukana, uselessly many people, killed many others, killed my mama and my wife, Agnes, my beautiful young wife with J.J.C. and now it have made me like person wey get leprosy because I have no town again.

And I was thinking how I was prouder before to go to soza and call myself *Sozaboy*. But now if anybody say anything about war or even fight, I will just run and run and run and run and run. Believe me yours sincerely (SARO-WIWA, 1985, p.181).

De acordo com estas proposições, portanto, North (2001, p.110) afirma que o centro político e literário de *Sozaboy* estabelece-se sobre questionamentos como: de que maneira se deve contar esta história? Quem a poderia contar? Quem deveria ouvir? O objetivo de Saro-Wiwa não era, segundo o crítico, encontrar uma linguagem autêntica ou traduzível, mas que sugerisse uma mistura de influências, resíduos de todas as diferenças culturais trazidas pelos diferentes falantes, o cumulativo de um novo tipo de comunicação. Ao utilizar-se do rotten English, o enredo de *Sozaboy* reinsere os esquecidos e incompreendidos, muitos dos Ogoni, por exemplo, dentro do cenário nacional nigeriano. Este novo código revela a situação sócio-cultural da população e suscita, portanto, uma inserção cultural e política. O rotten English utilizado por Saro-Wiwa mostra que esta não é uma forma de expressão apenas daqueles de quem fala, mas também dele. Ele se coloca como enunciador legítimo e autorizado a narrar, à sua maneira, as perspectivas do cenário apresentado em *Sozaboy*. Sua abordagem, então, não se dá de fora para dentro, mas de dentro para fora, num processo que Olaniyan (2010, p.124) vai caracterizar como “vocalização da raiva”.

Pela forma de sua escrita e pelo teor de sua obra, é possível verificar a coerência de *Sozaboy* no que tange ao seu propósito em denunciar as desigualdades sociais responsáveis pela subjugação das minorias étnicas na Nigéria. Uma iniciativa que não fora só aclamada por muito dos compatriotas de Saro-Wiwa, pela colaboração histórica, política e social que empreendeu para aquela nação, mas que também foi reconhecida pelos críticos como engenhosamente articulada, por meio de um trabalho estético e linguístico dedicado.

3.3 Recepção crítica de *Sozaboy*

Sozaboy foi, em geral, bem recebido pela crítica e foi objeto de análise de teses, dissertações e artigos. Dentre esses pode-se destacar títulos como: “*War, violence and language in Ken Saro-Wiwa’s Sozaboy*”, de Chijioke Uwasomba; “*War Affecting Collective Humanity and its Environment: Saro-Wiwa’s ‘Sozaboy’ and Okpewho’s ‘The Last Duty’*”, de Pritha Kundu; “*Ken Saro-Wiwa’s Sozaboy: The Politics of ‘Rotten English’*”, de Michael North; e “*Chris Abani’s Graceland and Uzodinma Iweala’s Beasts of No Nation: Nonstandard English, intertextuality and Ken Saro-Wiwa’s Sozaboy*”, de Iain Lambert.

Apesar de sustentar uma escrita engajada, o traço saro-wiwiano não é simplesmente panfletário. Ao contrário, propunha uma reflexão sobre a dinâmica sócio-histórica do seu país. Em função disso, *Sozaboy* caracteriza-se como “ficção da crise” na literatura africana (EKE, 2000, p.96). E, para Boyd (1998), a obra não é apenas um grande romance africano, mas também é um dos maiores textos antiguerra, dentre os melhores do século XX.

Ojo-Ade (1999, p.60) acrescenta que a narrativa antiguerra de Ken Saro-Wiwa foi descrita pelo jornal de Lagos, *The Guardian*, como um dos melhores, se não o melhor, dos livros sobre a guerra civil. O teórico atribui esta recepção da obra à escolha do sujeito protagonista do romance, um homem comum com o qual muitos poderiam se identificar, pela genial manipulação linguística realizada e pela caracterização da atmosfera da história, também de fácil adesão memorialística para muitos. A contemplação tão fiel e próxima do ponto de vista das vítimas da guerra se deu de uma forma que, segundo o periódico nigeriano, nenhum outro intento literário havia conseguido reproduzir. Além disso, a perigosa proximidade com que se colocaram personagem e escritor e mesmo escritor e leitor tornaram o texto, para Ojo-Ade (1999), irresistivelmente cativante e merecedor de tanta deferência em relação aos seus “similares temáticos”.

Faz-se imprescindível apontar, considerando o escopo desta análise, que os textos supracitados ocupam-se sobremaneira da apreciação da manipulação da linguagem em *Sozaboy*. Nestas produções, o discurso funciona como arma de reação contra a opressão estrangeira favorecida pela máquina da guerra, um enfoque que está sendo também contemplado na presente investigação, mas de forma secundária e complementar. Isto porque o foco principal é analisar a questão da desalienação no texto, bem como sua peculiaridade com romance de formação.

CAPÍTULO 4

SOZABOY: DESALIAÇÃO E O *BILDUNGSROMAN*

4.1. Alienação e desalienação em *Sozaboy*

Para compreender a maneira como a desalienação se processa no romance de Saro-Wiwa é preciso, antes de tudo, conceituar o termo alienação, entendido aqui como estranhamento, do latim *alienare* (WILLIAMS, 1983, p. 33). Especialmente quando se considera o sentido weberiano do desamparo vivido pelo homem em um mundo desencantado e comandado por instituições racionais, burocráticas e impessoais (PAYNE, 1997, p.23).

No romance, a alienação se configura, a meu ver, no estranhamento inicial de Mene em relação à sua realidade social. Pode-se dizer que esse estranhamento se dá a partir de um deslumbramento ingênuo em relação ao exército, à farda, à guerra e ao poder. As instituições ocidentais que se infiltram na sociedade de Dukana, suas instâncias burocráticas e absolutamente distantes das estruturas tradicionais, nos termos de Balandier, discutidos anteriormente, confundem a população e, no caso, de Mene, criam ilusões e falsas esperanças. O exército é a instituição principal deste contexto e suas manobras e intenções são absolutamente alheias a Mene, que, no entanto, acredita entendê-las. Com a progressão do romance, Mene reconhece os processos de destruição social, política e cultural que se instalam em Dukana e o perigo de um problema – a guerra – iminente. Parece, no início do texto, revoltar-se com a inércia e a falta de perspectiva e de desejo de melhoria de vida de seus compatriotas, julgando sua cidade como um *lócus* de atraso, inclusive profissional: “E as pessoas estão batendo tambor e dançando em outra parte da cidade. Verdade, verdade, estas pessoas de Dukana não tomam sentido em todos. Como eles podem estar dançando, cantando e festejando quando há um problema para o país?”³⁷ (SARO-WIWA, 1985, p.36). Esta postura sugere certo avanço de pensamento do futuro soldado em relação aos demais habitantes, caracterizados por ele como alienados e manipulados pela opressão perpetrada por seus dirigentes. No entanto, *Sozaboy* também passa por um tipo de alienação decorrente

³⁷ : And the people are beating drum and dancing in another part of the town. True, true, these Dukana people no get sense at all. How can they be dancing, singing and jollyng when there is a trouble for the country? (SARO-WIWA, 1985, p.36).

deste primeiro “entorpecimento e estagnação pela miséria”. O protagonista é encantado pela corriqueira sedução que acomete os indivíduos provenientes de classes ou países menos abastados, oprimidos por forças econômicas, políticas e sociais: “Eu começo a envergonhar quando penso como aquelas meninas estavam me dando ordens. Eu envergonho mau mau. Eu acho que eu não posso ter esse absurdo novamente. Eu devo ir se alistar no exército imediatamente.”³⁸ (SARO-WIWA, 1985, p.54).

O processo alienante de Mene é tratado especialmente entre os capítulos dois a dez. Nestas passagens, o jovem expressa aspirações diferentes dos moradores de Dukana: cursou a escola elementar, mas almeja a escola secundária, além de querer aprender mais o inglês e aperfeiçoá-lo:

Mesmo algum tempo eu vou ver todos os pequenos pequenos livros que estão vendendo no parque. E como eu costumava conseguir comer dinheiro, todos os dias vou usar parte do dinheiro para comprar os livros e melhorar o meu Inglês. Então, eu estava recebendo dinheiro e aprendendo coisas em abundância.³⁹ (SARO-WIWA, 1985, p.12).

O protagonista objetiva conseguir a habilitação para dirigir, pois poderá conduzir, à exemplo de seu patrão, um veículo de transporte de passageiros, recebendo remuneração fixa para isso e tendo ainda a oportunidade de deslocar-se para diferentes lugares e conhecer pessoas de todo o tipo. Mene dedica-se à leitura, pois acredita que este é também um meio de ascensão social, como o é a própria educação. Procurava estar sempre bem aseado e apresentável, pois, como ele mesmo dizia, os motoristas e seus aprendizes deveriam fazer boa figura (SARO-WIWA, 1985, p. 13). Além de mostrar-se fisicamente bem, o jovem e ainda ingênuo herói da narrativa antiguerra frequentava lugares como o African Upwine Bar ou o Diobu New York, o que lhe conferia popularidade e bom trânsito social. Neste lugar ele conhece Agnes, jovem por quem irá se interessar, tanto por ela ser muito bonita quanto por ela ter um nome inglês. Apesar da inclinação de Mene em relação à Agnes, o jovem fica reticente no início, pois ainda não tinha a certeza de que ela não

³⁸ : I begin to vex when I think how those girls were giving me orders. I vex bad bad. I think I cannot have that nonsense again. I must go to join army immediately. (SARO-WIWA, 1985, p.54).

³⁹ : Even some time I will see all those small small books that they are selling in the park. And as I used to get chop money every day, I will use some of money to buy the books and improve my English. So I was getting money and learning plenty things. (SAROR-WIWA, 1985, p.12).

era um *ashewo* ou uma prostituta. A desconfiança do retraído rapaz se deu em função da espontaneidade da garçonete, pela forma com que ela se dirigia ao jovem e pelo teor da conversa. Em algumas circunstâncias, Agnes falava de sexo e referia-se aos órgãos genitais de Mene, o que o deixava sobremaneira envergonhado:

Então ela colocou a fita. É fita Rex Lawson. Eu levantei para dançar. A serviçal me seguiu para dançar. Eu estava abraçando ela e ela estava me abraçando também. Muito apertado. Meu pinto estava ficando em pé. “Você está faminto?” era a pequena perguntado a mim como nós estávamos dançando.

“Não,” era minha resposta.

“Você tem certeza?” ela me perguntou novamente.

“Oh sim.”

“Certo. Mas faça você dizer sua cobra fazer ele não também levantar como dizer eles famintos.”

Eu estou dizendo a você, este tipo conversa pode fazer-me envergonhado. *Desde que eles me nasceram eu nunca segurei mulher como segurei aquela serviçal aquela noite. Mesmo mulher nunca me disse o que aquela pequena estava me dizendo. A vergonha me pegou. Eu não podia falar de novo. Eu continuei a dançar mas minha dança não como dança de novo.*⁴⁰ (SARO-WIWA, 1985, p.14) [grifo nosso].

O excerto destacado, e principalmente a parte grifada, mostra que a reação do protagonista evidencia uma visão muito pueril da realidade, o que sugere sua pouca idade e sua ingenuidade frente à realidade. A demonstração desta ingenuidade é oportuna, pois esta “inocência” será também responsável pela ilusão de Mene com a proposta e real motivação da guerra. Este ponto de vista infantilizado também é convenientemente utilizado por Saro-Wiwa para paradoxalmente mascarar, pela simplicidade do discurso do protagonista, a crueldade das agruras do conflito armado, contados sob a perspectiva imatura de um jovem sonhador.

O desejo de diferenciação em relação aos demais também é demonstrado por Mene quando, ao cogitar a possibilidade de casar-se com Agnes, imagina-se capaz de se sobressair aos outros homens.

⁴⁰ : So she put the record. Na Rex Lawson record. I stand up to dance. The service follow me to dance. I was holding her and she was holding me too. Very tight. My man was standing up.

“Are you hungry?” was the baby asked me as we were dancing.

“No,” was my answer.

“Are you sure?” she asked me again.

“Oh yes.”

“Awright. But make you tell your snake make ‘e no too stand like say ‘e dey hungry.”

I am telling you, this kain talk can make me shame. Since they born me I have never hold woman like I hold that service that night. Even woman never tell me what that baby was telling me. Shame catch me. I cannot talk again. I continue to dance but my dance not like dance again. (SARO-WIWA, 1985, p.14)

A importância do traje de guerra como atrativo para a construção da alienação de Mene deve ser retomado neste ponto. Como já explicado, a farda exerce um grande poder sobre Mene, sobretudo, pelo suposto status que lhe irá conferir. Mas ao final do romance, este elemento perderá toda a significância inicial de ascensão social e de representação de um determinado lado combatente: “E então eu vou lembrar que a guerra é um disparate inútil e todo esse uniforme e tudo é apenas para causar confusão e fazer boa pessoa como bode que eles têm de engordar e aprontar para matar para comer durante o Natal.”⁴¹ (SARO-WIWA, 1985, p.127). Quando Mene torna-se prisioneiro de guerra é aproveitado como motorista, mas para isso, deverá utilizar a vestimenta do inimigo. A farda, então, que outrora causou-lhe orgulho e desejo de entrar no conflito armado e lutar supostamente por glória e em defesa da população de sua comunidade, agora não exerce nenhuma influência sobre ele e não lhe diz mais nada. Pelo contrário, só lhe relegou tristeza e perigo de morte, pois o rotulou como uma ameaça a ser exterminada pelos inimigos que agora o tinham em seu poder. Sua desalienação começava a se concretizar, pela concepção da simbologia da farda; vestir a roupa do oponente ou mesmo do lado pelo qual ele estava lutando no início não lhe conferia uma situação melhor ou pior; ambas as circunstâncias lhe eram desastrosas, pois a guerra era um jogo insano onde não há vencedores de fato.

O chamado choque de realidade pelo qual Mene irá passar começa quando ele, uma vez integrado às tropas federais e, aparentemente, muito feliz, é levado para a mata com outros recrutas e seu capitão de treinamento:

Deus não concorda coisa ruim! Ainda estávamos dormindo quando Tan Papa dizer que todos devem se levantar. Rápido rápido. Eu acordei limpar meu olho. Todo mundo estava se levantando. Tan Papa foi entrando como louco. 'Levante-se seu idiota bastardo. Levante-se amaldiçoado'. E ele estava chutando a todos com seus sapatos.⁴² (SARO-WIWA, 1985, p.80).

⁴¹ : And then I will remember that war is useless nonsense and all this uniform and everything is just to cause confusion and make porson fine like goat that they have make fat and ready to kill for chop during Christmas. (SARO-WIWA, 1985, p.127).

⁴² : God not gree bad thing! We were still sleeping when Tan Papa say we must all get up. Quick quick. I wake up wipe my eye. Everybody was getting up. Tan Papa was hallering like madman. 'Get up you fucking bastard idiot. Get up you bugger.' And he was kicking everybody with his shoes. (SARO-WIWA, 1985, p.80).

Isto se dá já em meados do capítulo dez e vai progredindo gradativa e cruelmente ao longo das seções da narrativa.

Como era de se imaginar, em um primeiro momento, toma-se esta frustração inicial do agora *Sozaboy* como o arrependimento advindo de uma decisão infantil: “Eu começo me perguntar por que eu desobedei minha mãe e fui se juntar ao exército.”⁴³ (SARO-WIWA, 1985, p.124). Ele parece ter querido entrar na guerra por entusiasmo, inflamado pela influência dos outros e dentro dela começou a notar que ali era lugar para homens e não para adolescentes. Isto porque, já na mata, *Sozaboy* tem que trabalhar, carregar itens pesados de artilharia, passa fome e dorme mal. Porém, como dito, esta “frustração inicial” é só o início do processo de desalienação pelo qual ele irá passar e nem mesmo se aproxima do horror e da elucidação que ele irá sofrer. Esta evolução da desalienação, inclusive, é expressa na biografia de Saro-Wiwa ao ver como ele vai se desencantando com a inoperância da política e dos cargos governamentais que ocupou no mandato de Ibrahim Babangida, culminando no pleno terror da guerra e na opressão das minorias étnicas.

Bullet é, sem dúvida, quem inicia o processo de desalienação em Mene. Em diálogo com o amigo, ele questiona:

“Mas que tempo a guerra vai terminar?” Eu perguntei a Bullet.
 “Guerra terminará quando todo mundo não morreu acabar,” ele respondeu, e ele começou a rir.
 Olha, eu não gosto como Bullet ele leva todas as coisas para a piada. Como guerra vai terminar quando todo mundo não morreu acabar? É quem vai viver para desfrutar depois disso? Isto significa que eu mesmo, minha esposa Agnes e minha mãe vamos morrer acabar por esse tempo? *Então porque estamos nós lutando então?*⁴⁴ (SARO-WIWA, 1985, p.90) [grifo nosso].

Mene começa a compreender a impossibilidade de um mundo perfeito, pautado na glória (pela guerra, no caso) e na fraternidade. Entende que nem todos ali estão compactuando dos mesmos ideais:

⁴³ : I begin ask myself why I disobeyed my mama and went to join the army. (SARO-WIWA, 1985, p.124).

⁴⁴ : “But which time de war go finish?” I asked Bullet.
 “War will finish when everybody don die finish,” he answered, and he begin laugh.
 Look, I no like as Bullet dey take everything for joke. How war go finish when everybody don die finish? Na who go live to enjoy after that? Does it mean that myself, my wife Agnes and my mama go don die finish by that time? Then why are we fighting then?

Se você sabe como esta Kampala fica, você vai pena de mim quando eu lhe digo que estávamos dentro da Kampala. Ambos Bullet e eu e todos os rapazes. Esta Kampala é como o inferno. Qualquer um que vai lá dentro não pode retornar o mesmo de antes. Acho que você entende. Esta Kampala é a pior prisão que qualquer um pode entrar. O chão é a cama. O chão é a latrina. O chão é tudo. E você vai ficar nessa barraca sem água e comida. [...] Então, um San Mazor virá toda hora e chama chama você fora e você vai marcar o tempo, esquerda direita, esquerda direita, esquerda direita, por até quatro horas. E se você parar por um minuto sequer, ele usará o chicote e te bater até você mijar e cagar.⁴⁵ (SARO-WIWA, 1985, p.101).

Mene e Bullet são integrados à patrulha pelo capitão. Esta é uma alternativa de aniquilação dos jovens, pois muitos que aderem a estes grupos morrem e nem mesmo seus corpos regressam para as famílias. Esta também é uma circunstância de grande relevância na escrita de Ken Saro-Wiwa, pois aqui Mene começa a ter a sua revelação e a arrepender-se de ter ido para a guerra. É quando começa a entender o que pode acontecer com ele e mesmo a relativizar o medo:

Eu acho você sabe como eu estava pensando quando eu entrei exército a primeira vez e usei uniforme soldado homem. Você se lembra como eu estava orgulhoso porque agora Zaza e Terr Kole não estariam rindo de mim porque eles pensam eu não sou um bom homem e forte, e a única coisa eu poderia fazer é ficar em casa e casar com uma garota de seios pontudos. E você sabe como eu estava orgulhoso quando eles nos deram arma a primeira vez e eu penso eu posso ir e trazer Hitla do Burma. Bem, eu estou contando a você agora que *alguma coisa vem estragar minha mente um pouco*. Sim. Porque desde que Manmuswak [“aproveitador”] vem nos contar sobre cigarro para tenda do capitão e nós chegamos a ir para Kampala e desde aquele tempo é completamente trabalhar trabalhar trabalhar, *eu comecei ver como Tan Papa estava dizendo antes, aquilo verdade verdade, guerra é guerra. [...] Eu sei porque eu conheci o que estar para buraco por uma noite significa. Eu sei porque eu vi o rosto de Bullet como ele bebeu urina daquela garrafa. Guerra é guerra*. E agora eu tenho que ir patrulha. E quando eu penso dessa patrulha, não é em Zaza com a vestimenta lombar para Dukana falando sobre Hitla e Burma que eu vejo. Não é minha mãe e minha Agnes que eu vejo. Não é Duzia que não tem pernas que eu vejo. É meu pai que tem morrido longo tempo que eu vejo. Ele sempre aparece para mim em hora dia e à noite. Eu acho que o homem está me rindo. E eu digo a você, eu começo medo um pouco um pouco. *Desde eu juntei exército, eu não tenho sabido o que eles chamam medo*. Quando eu vi aquele soldado homem correndo quando ele viu água aquela hora quando

⁴⁵ : If you know as this Kampala dey, you will sorry for me when I tell you that we were inside Kampala. Both Bullet and myself and all the boys. This KAMPala is like hell. Anybody who goes inside there cannot return the same as before. I think you understand. This Kampala is the worst prison that anybody can go inside. The floor is the bed. The floor is the latrine. The floor is everything. And you will stay in that tent without water and food. [...] Then one san mazor will come every time and call call of you out and you will mark time, left right, left right, left right for up to four hours. And if you just stop for even one minute, he will use the koboko and beat you until you piss and shit. (SARO-WIWA, 1985, p.101).

nós temos apenas alcançar esta Iwoama, eu acho você se lembra como eu estava rindo e amaldiçoando o homem. Eu estava amaldiçoando o homem por causa do medo dele. *Mas aquele tempo, eu não sei o que é medo. Mas eu acho eu tenho começado a conhecê-lo agora. Um pouco um pouco. Um pouco um pouco*⁴⁶ (SARO-WIWA, 1985, p.104-105) [grifo nosso].

Este excerto demonstra bem o início da reflexão de Mene sobre o momento de ilusão inicial que fora entrar no exército. Menciona, inclusive, a farda como objeto de orgulho e atração e que agora parece também ser questionado como instrumento de cooptação. O jovem começa a tecer algumas teias lógicas em sua mente. Diz que a ação do inimigo Manmuswak – junção das palavras “man must wak” ou “man must ‘live’ (eat)” (o homem deve viver no sentido de aproveitar, comer) – acabou por estragar a perspectiva que tinha da aventura que estava vivendo. Isto porque passou a desnudar as reais ações de seu capitão e mesmo da guerra:

E é verdade o que o Manmuswak estava dizendo, porque toda a bebida quente e cigarro que o Chefe Comandante Geral disse-lhe para dar a todos os sozas, ele foi beber e fumar sozinho. E ele está dormindo com as mulheres todos os dias. Beber e fumar e dormir com mulher. E nós estamos aqui dentro do buraco e a chuva está a bater-nos todas as noites e não bebida quente ou cigarro para nós.⁴⁷ (SARO-WIWA, 1985, p.100).

⁴⁶ : I think you know as I was thinking when I entered army the first time and wear sozaman uniform. You remember as I was prouiding because now Zaza and Terr Kole will not be laughing at me because they think I am not good man and strong, the only thing I can do is to stay at home and marry with J.J.C. and you know as I was prouiding when they give us gun the first time and I think I can even go and bring Hitla from Burma. Well, I am telling you now that something come spoil my mind small. Yes. Because since Manmuswak come tell us about cigar for soza captain tent and we come go Kampala and since that time na soso work work work, I begin see as Tan Papa was saying before, that true true true, war is war. [...] I know because I know what to stand for pit for one night mean. I know because I see Bullet face as he drank urine from that bottle. War is war. And now I have to go on patrol. And when I think of that patrol, it is not Zaza with his loin cloth for Dukana talking about Hitla and Burma that I see. It is not my mama and my Agnes that I see. It is not Duzia who have no legs that I see. It is my Papa that have died long time that I see. He always appear to me in day time and at night. I think that the man is laughing me. And tell you, I begin fear small small. Since I join soza, I have not know what they call fear. When I saw that sozaman running when he saw water that time when we have just reach this Iwoama, I think you remember how I was laughing and cursing the man. I was cursing the man because of his fear. By that time, I do not know what is fear. But I think I have begin to know it now. Small small. Small small. (SARO-WIWA, 1985, p.104-105).

⁴⁷ : And na true what the Manmuswak was saying, because all the hot drink and cigar which the Chief Commander General told him to give all the sozas, he have been drinking and smoking by himself. And he is sleeping with women every day. Drinking and smoking and sleeping with woman. And we are here inside the pit and the rain is beating us every night and no hot drink or cigar for us. (SARO-WIWA, 1985, p.100).

Depois disto, *Sozaboy* começou a entender o que Tan Papa, seu primeiro treinador militar ainda em Pitakwa, lhe disse: “guerra é guerra”, uma frase que ele, por sua ingenuidade, não compreendia, mas que agora começava a fazer sentido. *Sozaboy* começa a entender o que significa a guerra pela prática e não pela teoria ou pela narrativa que a voz doce de Zaza lhe apresenta, possivelmente, por uma visão floreada. E é esta situação que começa a promover-lhe uma elucidação e maturação. Como ele mesmo diz, o medo que passa a experienciar no conflito é um temor diferente de tudo o que havia sentido. *Sozaboy* começa a passar pela desalienação: concebe a alienação e o pensamento ilusório de antes sob uma perspectiva de apreensão, de desagrado e de confusão.

Mas a gradação do processo de desalienação do protagonista de *Sozaboy* está apenas começando. O fronte de batalha onde Mene e Bullet estão é bombardeado e muitos *sozas* morrem, inclusive o amigo de *Sozaboy*. Após o ataque, o jovem soldado dukanense busca o companheiro entre os feridos e mortos, mas o que encontra são apenas seus pedaços, o que o deixa profundamente horrorizado. Só agora se dá conta do que é a guerra, a maldade humana e a morte:

Todo nosso campo quebrou abatido bem bem. Em todo o lugar estava cheio de buraco e buraco e buraco. E dentro cada buraco, você poderá ver a cabeça do soldado, e em outro buraco, a perna do soldado e em outro buraco, a mão do soldado. Em todo o lugar completamente carne humana em pequenos pequenos pedaços! Dedo, unha, cabelo, pinto, testículos. Oh, eu apenas começo chorar como mulher. *Oh, homem tolo, é quem enviou-me fez eu ir juntar exército?*⁴⁸ (SARO-WIWA, 1985, p.111) [grifo nosso].

O estado de revelação de *Sozaboy* vai se intensificando a duras penas. O cenário com o qual ele se depara, de corpos aos pedaços, vai validar a noção de desalienação, no sentido de desencanto, ao falar do choque de realidade que frustra e satiriza as aspirações do indivíduo. Nesta mesma perspectiva, esta imagem afirma que quanto mais brutal a realidade de um local, mais ela inviabiliza as possibilidades concebidas pelo intelecto e, por conseguinte, mais ela destrói o que fora construído pela alienação. É o que acontece aqui com Mene. Diante de tanto horror, ele começa a colocar por terra tudo o que havia pensado sobre as supostas glórias da

⁴⁸ : All our camp don broke down well well. Everywhere was full of pit and pit and pit. And inside one pit, you will see the head of soza, and in another pit, the leg of soza and in another pit, the hand of soza. Everywhere, soso human flesh in small small pieces! Finger, nail, hair *prick*, *blokkus*. Oh, I just begin to cry like woman. Oh, foolish man, na who send me make I go join soza? (SARO-WIWA, 1985, p.111).

guerra, assim como ocorrera com Saro-Wiwa no conflito entre a Nigéria e a República Separatista da Biafra, em 1967:

Eu não acho que eu possa esquecer, para o resto da minha vida, como todos aqueles homens estavam de pé em uma linha e as balas só iam dentro deles um por um; e eles estavam apenas caindo em cima uns dos outros e todo o seu sangue estava correndo junto, em fluxo, eu acho.⁴⁹ (SARO-WIWA, 1985, p.168-169).

Mesmo após o terrível bombardeio, os inimigos invadem o fronte onde *Sozaboy* se encontra a fim de matar os sobreviventes. Temendo ser morto ou tornar-se prisioneiro de guerra, o jovem tira o uniforme e foge por pântanos e florestas. Lamenta profundamente a insistência que tivera com a mãe em conseguir o dinheiro para que ele entrasse nas forças armadas. A propósito da farda, inclusive, Mene acredita agora que esta é só uma maneira de atrair os jovens para uma ideologia que os levará a morte. Está consciente ainda que tudo o que diziam sobre a guerra, mesmo Zaza, era falso:

E eu venho dizer para mim mesmo que oh meu Deus, guerra é coisa muito ruim. Guerra é para beber urina, para morrer e todo esse uniforme que eles estão dando para nós usarmos é só para nos iludir. *E qualquer um que pensa que uniforme é fina coisa é homem estúpido que não sabe o que é bom ou ruim ou não bom em tudo ou muito ruim em tudo. Todas aquelas coisas que eles têm estado nos contando antes é apenas estúpida mentira.*⁵⁰ (SARO-WIWA, 1985, p.113-114) [grifo nosso].

Mais uma vez se caracteriza a desalienação no posicionamento de Mene. O jovem lamenta-se profundamente da escolha que fez em sua vida e das ações que teve que realizar – de matar e deixar morrer – forçado pela guerra. Questiona-se sobre a razão de sua luta, pois até agora ele e seus companheiros, inclusive os que morreram, não sabem. Ele sofre diferentes privações, pois está escondido na mata.

⁴⁹ : I don't think I can forget for the rest of my life how all those men were standing in one line and the bullets just going inside them one by one and they were just falling down on top of each other and all their blood was running together like stream, I think. (SARO-WIWA, 1985, p.168-169).

⁵⁰ : And I come say to myself that oh my God, war is very bad thing. War is to drink urine, to die and all that uniform that they are giving us to wear is just to deceive us. And anybody who think that uniform is fine thing is stupid man who does not know what is good or bad or not good at all or very bad at all. All those things that they have been telling us before is just stupid lie. (SARO-WIWA, 1985, p.113-114).

Seu único desejo é voltar para a casa, pois está desacreditado da normatividade e de um possível futuro advindo do confronto armado.

Quando é capturado pelo inimigo e recebe farda e comida, Mene parece sentir uma espécie de gratidão pelo opositor:

Como inimigo vai me dar comida, injetou-me medicina até que eu bem, dá-me o motor a conduzir sem eu ter nenhuma licença, dá-me bom bom uniforme e, em seguida, muito fantástico rifle. Então, eu sou um tolo de tudo, esse tempo que estou querendo matar o inimigo! Deus de misericórdia!⁵¹ (SARO-WIWA, 1985, p.126).

Contudo, este aparente reconhecimento se arrefece quando ele conscientiza-se de que só está recebendo este tratamento porque possui habilidades na condução de veículos. Revolta-se ainda porque sabe que muitos dos indivíduos com os quais se relaciona agora foram responsáveis pela morte de seus amigos, inclusive de Bullet. Neste ambiente, a desalienação de Mene se estabelece pela configuração do contexto em que está inserido: um lugar onde o mal, a violência, a impiedade e o desenvolvimento político negativo e social se sobressaem: “Para matar ou ser morto’. Para matar ou ser morto. Eu não vou esquecer isso em tudo. E estou certo de que Manmuswak tem colocado em sua mente, se ele está dormindo ou ele está comendo.”⁵² (SARO-WIWA, 1985, p.128-129).

Nos campos de refugiados, inclusive em Pitakwa, Mene se depara com alguns conhecidos, como o ex-patrão. O jovem se impressiona com a situação do homem; antes íntegro, transformou-se em um bêbado e ladrão:

Quando o dia clareou, você sabe o homem que eu vejo pela estrada andando como bêbado e arrotando e vomitando ao longo da estrada? Meu mestre. Meu próprio mestre, o motorista. [...] Ele só está e começa a olhar para mim como homem estúpido. E eu vejo que eu não posso fazer alguma coisa com este homem a quem a guerra fez inútil.⁵³ (SARO-WIWA, 1985, p.142).

⁵¹ : How enemy will give me chop, chook me medicine till I well, give me motor to drive without I no get licence, give me fine fine uniform and then very fantastic rifle. So I am a fool all this time that I am wanting to kill this enemy! God of mercy! (SARO-WIWA, 1985, p. 126).

⁵² : 'To kill or to be killed'. To kill or to be killed. I will not forget that one at all. And I am sure that Manmuswak have put it for his mind whether he is asleep or he is eating. (SARO-WIWA, 1985, p. 128-129).

⁵³ : When day broke, you know the man I see for road walking like drunkard and belching and vomitting along the road? My master. My own master, the driver. [...]He just stand there begin look at

Por indicação do antigo chefe, Mene vai a outro local de refugiados, um campo chamado Nugwa. Lá há muita gente e um grande número de doentes acometidos por moléstias como *kwashiokor*, *influenza* e *hibatension*. Neste agrupamento encontra também Zaza, que lhe conta os horrores que passaram em Dukana. Entre as confidências do compatriota, *Sozaboy* fica sabendo que muitos foram mortos e comidos pelo inimigo, visão que o aterroriza profundamente, ilustrando a insanidade da guerra e um dos possíveis catalisadores para desalienação: a o pessimismo em relação ao intelecto que, apesar de todo o conhecimento adquirido ao longo dos anos, ainda permite determinadas coisas (como a guerra e suas manifestações).

Sozaboy busca incessantemente por sua família, mas nos campos de concentração de refugiados contempla com pesar a situação dos refugiados, aglomerados como trastes velhos, restos de vida:

“Se não fosse pela Cruz Vermelha, todas as pessoas de Dukana já teriam mortas. É este Cruz Vermelha, que gira em torno de recolher as mulheres e homens idosos, as crianças e todas as pessoas doentes para colocá-los em campo, dar-lhes alimentos e medicamentos e, em seguida, certificar-se de que os canibais não para matá-las e comê-las. Não temos crianças pequenas agora. Todos elas têm já mortas por causa do *kwashiokor*. Quando você vê todas aquelas crianças com pequena barriga grande como pote, seus olhos entrando dentro dentro da cabeça deles, eles têm começado amarelo pequeno pequeno, *Sozaboy*, se sabe que a morte começa a bater à porta da boca.” (SARO-WIWA, 1985, p.146).

Neste íterim, a negação do existencial se revela na personagem. Pelo sofrimento que passou e pela miséria em que está inserido o seu povo, julga-se um desgraçado, desprovido de identidade humana; nas condições em que se encontra, não se acredita mais como humano ou como merecedor da vida. Não acredita nem mesmo que viver seja uma boa opção, diante da situação corrente: “E eu só penso eu devo morrer, morrer cada hora. Porque é melhor morrer e enterrado do que viver como um verme eu estou vivendo agora. Eu estava pedindo a Deus para levar minha vida cada hora.⁵⁴” (SARO-WIWA, 1985, p.160). Mais adiante diz Mene:

me like stupid man. And I see that I cannot get anything from this man whom the war have made useless. (SARO-WIWA, 1985, p.142).

⁵⁴ : And I just think I must die, die one time. Because it is better to die and buried than to live like maggot I am living now. I was asking God to take my life on time. (SARO-WIWA, 1985, p.160).

Eu comecei a pensar que o mundo não é um bom lugar mesmo. Que se pessoa morre, isto é melhor para essa pessoa do que continuar a viver neste perverso mundo. Então talvez Bullet está agora repousando em paz como eles usam dizer, e ninguém pode dar a ele urina para beber ou colocar ele na prisão e bater nele e então enterrá-lo vivo. Eu penso que talvez se eu morresse aquele dia quando as bombas estavam caindo em Iwoama ou mesmo aquele tempo elas estavam chovendo, que eu estaria feliz por agora.⁵⁵ (SARO-WIWA, 1985, p.164).

Em um dos muitos pontos em que procura pela mãe e por Agnes, Mene encontra Chief Birabee, o Pastor Barika e o correto Terr Kole. O jovem soldado se horroriza ao ver o idoso, antes conselheiro e comedido, brigar por comida com os demais indivíduos, o que o revolta profundamente, já que ele sabe que toda esta situação fora catalisada pelo conflito armado e pelas caracterizações que se fizeram dele, como se vê na fala de Mene:

Verdade verdade estes homens estão apenas vivendo como animais. E por causa de por quê? Sim, isso é o que eu estava perguntando a mim mesmo. Por causa de por quê? Aquele tolo homem Chefe Comandante Geral tem contado mentira sobre inimigo e não inimigo. Mas não foi ele o inimigo que salvou minha vida? E todas aquelas pessoas Dukana que tem já morrido, é ele inimigo que matou elas? Não é isso que tolo Chefe Comandante Geral que contou soldados dele para remover estas pessoas Dukana de seu vilarejo? Não é isto então? *Então todo este sofrimento é total inútil. E lutar guerra é mesmo mais inútil.*⁵⁶ (SARO-WIWA, 1985, p.153) [grifo nosso].

O processo de desalienação de Mene está para se consolidar, pois ele não tem mais as mesmas pretensões de encontrar propriamente a família, mas de livrar-se deste jogo insano que é o conflito armado. Reflete sobre a maldade que há no mundo, na corrupção e em pessoas corruptas que, apesar de estarem na miséria, como Chief Birabee e Pastor Barika, entregam os seus:

Porque eu não vou viver para ver que o Chefe Birabee e Pastor Barika chamando sozas para vir e me prender e me colocar na prisão e matar-me,

⁵⁵ : I begin to think that the world is not a good place even. That if person die, it is better for that person than to continue to live in this wicked world. So praps Bullet is now resting in peace as they used to say, and nobody can give him urine to drink or put him in prison and beat him then bury him alive. I think that praps if I die that day when the bombs were falling at Iwoama or even that time it was raining, that I will be happy by now. (SARO-WIWA, 1985, p.164).

⁵⁶ : True true these men are just living like animal. And because why? Yes, that is what I was asking myself. Because why? That foolish man Chief Commander General have told lie about enemy and no enemy. But was it not the enemy that saved my life? And all those Dukana people who have already dead, is it enemy that killed them? Is it not that foolish Chief Commander General who told his sozas to remove these Dukana people from their village? Is it not so? So all this suffering is total useless. And to fight war is even more useless. (SARO-WIWA, 1985, p.153).

porque eu sou Soza inimigo; e porque quando eles disseram aos sozas sobre mim eles vão pegar um pouco de arroz e bacalhau e roupas de pano para eles mesmos e sua família.⁵⁷ (SARO-WIWA, 1985, p.164).

Finalmente, no vigésimo-primeiro e último capítulo da narrativa, a desalienação de *Sozaboy* se caracteriza plenamente quando, de volta a Dukana, descobre que sua família está morta há tempos:

"Então, minha mãe e minha jovem esposa Agnes foram mortas por bomba, não é?"
 "Sim."
 "Quando?"
 "Esse tempo que bomba caiu sobre Dukana pela terceira vez. Eles são as únicas pessoas que foram mortas pela bomba."⁵⁸ (SARO-WIWA, 1985, p.178-179).

Desolado, Mene perde todas as esperanças de continuar vivendo. Sente-se sozinho no mundo e agora já não é mais reconhecido por sua gente. Ninguém lhe abre a porta por medo e ainda falam em sacrificá-lo para que “seu espírito encontre descanso” e para que outros também não morram. Mene se sente enganado pela vida, ou melhor, por suas próprias escolhas, por sua própria alienação: ao seguir o caminho da guerra, abriu mão da família, de sua comunidade, de sua cultura, de sua identidade e do pouco que tinha e que acreditava:

Eu só dobro minha cabeça para baixo e começo a chorar. A água estava caindo muito muito do meu olho. E a dor dentro do meu coração estava muito, muito ruim. Eu choro por minha jovem esposa com J.J.C. e por minha mãe que me nasceu.⁵⁹ (SARO-WIWA, 1985, p.179).

São, portanto, nos dois últimos parágrafos da narrativa antiguerra de Saro-Wiwa que a desalienação de *Sozaboy* se concretiza efetivamente:

⁵⁷ : Because I will not live to see that Chief Birabee and Pastor Barika calling sozas to come and arrest me and put me in prison and kill me because I am enemy soza and because when they have told the sozas about me they will get some rice and stockfish and rag clothes for demself and their family. (SARO-WIWA, 1985, p.164).

⁵⁸ : "So my mama and my young wife Agnes were killed by bomb, is it?"
 "Yes."
 "When?"
 "That time that bomb fell on Dukana the third time. They are the only people who were killed by bomb." (SARO-WIWA, 1985, p.178-179).

⁵⁹ : I just bend my head down and begin to cry. The water was falling plenty plenty from my eye. And the pain inside my heart was very very bad . I cry for my young wife with J.J.C. and for my mama who born me. Oh god, why have punished me like this? (SARO-WIWA, 1985, p.179).

E como eu estava indo, eu estava apenas pensando como a guerra tem danificado minha cidade Dukana, inutilizado muitas pessoas, matado muitas outras, matado minha mãe e minha esposa, Agnes, minha jovem bonita esposa com seios pontudos e agora ela tem me feito como pessoa que pegou lepra porque eu não tenho cidade de novo.

*E eu estava pensando como eu estava orgulhoso antes para ir para exército e chamar a mim mesmo Soldado menino. Mas agora se qualquer um disser qualquer coisa sobre guerra ou mesmo luta, eu só correrei e correrei e correrei e correrei e correrei. Acreditem em mim seus sinceramente.*⁶⁰ (SARO-WIWA, 1985, p.181) [grifo nosso].

Finalmente, neste excerto – sobretudo no trecho grifado – seu estranhamento ou alienação inicial em relação ao real papel das instituições e ideologias que passaram a predominar em Dukana dão lugar a um entendimento profundo de sua realidade social e de sua condição subjetiva. O sentimento de descrença se sobressai justamente pela evidência de uma ilusão primeira. Pode-se dizer, neste contexto, que o processo de desalienação de Mene é acompanhado, efetivamente, por sua alienação pelos poucos sobreviventes de Dukana. Ou seja, ele não estranha mais sua condição porque entende o que se passou, mas é estranhado, i.e., alienado pelos que continuam fixados numa determinada esfera de entendimento. O sentido de alienação como estranhamento permanece o mesmo, apenas transita entre pontos de vista e posições subjetivas opostas. Se antes Mene era um alienado aceito e prestigiado pela comunidade, agora ele figura como membro excluído da sociedade (portanto alienado, estranhado) que, no entanto, se desalienou da sua verdadeira condição social. Ele diz:

Então agora eu só penso comigo mesmo que, como Dúzia é o homem aleijado, ele não pode me seguir; e se eu fugir a única coisa que ele pode fazer é gritar e chamar as pessoas e uma vez que eles estão todos com medo e sentando-se em sua casa podre com todas as portas fechadas, eles não vão ouvi-lo.⁶¹ (SARO-WIWA, 1985, p.181).

⁶⁰ : And as I was going, I was just thinking how the war have spoiled my town Dukana, uselesed many people, killed many others, killed my mama and my wife, Agnes, my beautiful young wife with J.J.C. and now it have made me like porson wey get leprosy because I have no town again. And I was thinking how I was prouiding before to go to soza and call myself Sozaboy. But now if anybody say anything about war or even fight, I will just run and run and run and run and run. Believe me yours sincerely. (SARO-WIWA, 1985, p.181).

⁶¹ : So now I just think to myself that as Duzia is cripple man, he cannot follow me and if I run away the only thing he can do is to hala and call people and since they are all fearing and sitting in their rotten house with every door closed, they will not hear him. (SARO-WIWA, 1985, p.181).

A desalienação de Mene deve ser entendida tendo em vista o contexto social, histórico, cultural e econômico da Nigéria e a desalienação do próprio autor. Isto, no tocante à necessidade dos grupos majoritários em manterem-se como controladores do poder estatal e financeiro, utilizando, para isto, diferentes estratégias de cooptação de minorias, dentre elas, a alienação política. Esta cooptação buscava ter estes indivíduos como aliados para os projetos dominadores dos grandes grupos, mas principalmente como vítimas voluntárias de uma sacrifício étnico, humano e ambiental, uma situação, infelizmente, compreendida por muito poucos, como Saro-Wiwa, cujo poder maior de ação estava na escrita.

Na medida em que a desalienação de Mene, nos termos aqui propostos, constitui uma maturação e um processo de formação, cabe investigar a natureza do texto enquanto romance de formação, o que analiso a seguir.

4.2 Sozaboy e o *Bildungsroman*: relações

4.2.1 O conceito de *Bildungsroman*

Para se compreender quais são as possíveis pertinências entre o romance *Sozaboy*, de Ken Saro-Wiwa, e a nomenclatura *Bildungsroman*, bem como a relevância deste conceito para esta análise, é preciso, antes de tudo, debruçar-se sobre uma conceituação do termo. Neste intento, tomando as definições de Maas (2000, p.13), faz-se necessário dizer que *Bildungsroman* é um nome alemão e surgiu no bojo dos esforços pela atribuição de um caráter nacional à literatura de expressão germânica. É uma forma literária de expressão fortemente realista, com raízes fundadas em circunstâncias históricas, culturais e literárias dos últimos anos do século XVIII da Europa. É julgado pela crítica como um fenômeno genuinamente alemão, pois expressa o “espírito germânico” no mais alto grau. Esta forma literária estabeleceu-se, no entanto, como um conceito produtivo em grande parte das literaturas nacionais europeias, sendo assimilado também por literaturas mais jovens, como as americanas (MAAS, 2000, p.13).

Morfologicamente, o *Bildungsroman* se constrói, segundo Maas (2000), da justaposição de dois radicais, a saber: *Bildung*, que significa “formação” e *Roman*, que significa “romance”. Estes termos correspondem a dois conceitos envolvidos na fundação do patrimônio das instituições burguesas. A justaposição destes conceitos

sugere que antes eles seguiram separados e que foram, cada um à sua maneira, complexos e passíveis de uma investigação diacrônica. De acordo com Maas (2000, p.13), os nomes entraram para os estudos acadêmicos na segunda parte do século XVIII. A constituição social e individual do jovem coincidia historicamente com a “cidadania” do gênero romance. Quando Goethe, na Alemanha, passou a se afincar na produção do gênero, este deixou de ser visto como literatura trivial e de má qualidade (MAAS, 2000, p.13). A propósito deste autor, seu texto *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister* tornou-se um paradigma no que se refere ao *Bildungsroman* na Alemanha.

Localizando propriamente o verbete, o termo *Bildungsroman* foi elaborado pelo professor de Filologia Clássica Karl Morgenstern, no ano de 1810, sendo proferido pela primeira vez em uma conferência na Universidade de Dorpat. Foi criado no e para o âmbito acadêmico nos estudos de Wilhelm Dilthey, filósofo idealista, no ano de 1870, mais precisamente em sua obra *A vida de Schleiermacher*. O *Bildungsroman* vai encerrar uma instituição social-literária, formada, em parte, pelo conceito histórico de formação burguesa (fundamental para o funcionamento da sociedade absolutista tardia na Alemanha do final do século XVIII) e, em outra parte, pelo romance (MAAS, 2000).

A evolução do *Bildungsroman* como gênero literário se confunde com a dinâmica da própria historiografia literária, além de se poder considerar a projeção coletiva dos ideais da burguesia alemã, que foram apropriados pelo gênero em quase dois séculos de existência. Porém, como se pretende nesta investigação, o *Bildungsroman* também pode ser tomado como parâmetro de gênero para outras literaturas, como a brasileira ou a nigeriana, como é o caso da produzida por Ken Saro-Wiwa. O termo *Bildungsroman* já recebeu diferentes tipos de traduções que visavam aproximarem-se de sua essência como romance de formação. No entanto, segundo Maas (2000), optou-se, mesmo em língua portuguesa, em manter o nome original em alemão. Como significado inicial, *Bildungsroman* configurou-se como uma forma de romance que representa “a formação de um protagonista em seu início e trajetória até ele alcançar certo grau de perfectibilidade; uma espécie de veículo de formação do caráter, de ampliação do conhecimento intelectual comum a uma geração [isto, sobretudo, dentro do idealismo burguês alemão e dos moldes iluministas].” Esta representação suscitará também a formação do leitor, de modo mais amplo do que qualquer outro tipo de romance (MORGENSTER, (1988) citado

por MAAS (2000, p.19)) [grifo nosso]. Esta definição primeira surgiu como para diferenciar o romance da epopeia. Segundo Morgenster (1988) lido por Maas (2000, p.46), a epopeia mostra o protagonista agindo para o exterior, provocando alterações significativas no mundo; já o romance, contempla muito mais os homens e o ambiente agindo sobre o protagonista e a representação de sua gradativa formação interior.

O conceito também fora, segundo os estudos de MAAS (2000, p.48), ampliado, recebendo outras configurações. Em romances do gênero *Bildungsroman*, o protagonista se aperfeiçoa pela junção de suas disposições interiores e das relações com o mundo exterior, de forma gradativa e em conformidade com a natureza. Este equilíbrio perfeito é o seu objetivo, assim como o é a harmonia com a liberdade. Outra visada para o termo é que, nos romances cunhados sob este gênero, estes protagonistas sempre representam jovens dos dias atuais, inauguram-se na vida, procuram espíritos semelhantes, encontram amizade e amor. Estes escritos mostram também “*a forma como o jovem protagonista entra em conflito com as duras realidades do mundo, amadurecendo pelas árduas experiências da vida, [numa espécie de rito de passagem] encontrando-se a si mesmo e tornando-se consciente de sua missão sobre a terra.*” (MAAS, 2000, p.48) [grifo nosso].

Há ainda outra forma de abordagem relacionada ao *Bildungsroman*, aquela que o acomoda no bojo de um conceito maior, definido por Gerhard (1926) lida por Maas (2000, p.49), o *Entwicklungsroman* (romance de desenvolvimento): refere-se a todas as narrativas que tenham por objeto a problemática do confronto entre o indivíduo e a realidade de sua época, de seu amadurecimento gradual e sua adaptação ao mundo, sempre que se possam reconhecer os pressupostos e objetivos desta trajetória (GERHARD (1926) citada por MAAS (2000, p.49).

Como complemento, a abordagem teórica de Maas (2000, p.50) mostra que conformando a ideia de correspondência entre manifestação estética do *Bildungsroman* e o momento histórico que o emoldura, esta forma peculiar de romance se caracteriza como um reflexo imediato dos ideais de formação dos autores. Manifesta-se ainda como as aspirações e demandas da própria época.

Mas, diante de tantas determinações para a palavra *Bildungsroman* e seu emprego como gênero literário, é possível deduzir a dificuldade de “categorização” de obras nesta forma literária. Diante desta circunstância, Maas (2000, p.62) vai apresentar as proposições de J. Jacobs (1989) no intuito de sistematizar

características capazes de delimitar o *Bildungsroman* em relação a outras formas romanescas. Segundo a teórica, estas proposições visam uma definição e abordagem menos restritivas do gênero, tal qual a da época goethiana, abarcando, pela diversidade e flexibilidade, uma grande heterogeneidade de textos. Nesta esteira, deverão integrarem-se ao gênero, segundo ela, textos em cujo centro esteja a “*história de vida de um protagonista jovem; esta história deve conduzir esta personagem, por meio de uma sucessão de enganos e decepções, a um equilíbrio com o mundo. Este equilíbrio é geralmente contado de forma íntima e irônica; contudo, é parte fundamental da forma narrativa, pois compõe uma ‘história de formação’*” (JACOBS (1989) citado por MAAS (2000, p.62) [grifo nosso].

Além da definição acima, Maas (2000, p.62) elenca definições adicionais apontadas por Jacobs (1989):

- o protagonista deve ter uma consciência *mais* ou *menos* explícita de que ele próprio percorre não uma sequência mais ou menos aleatória de aventuras, mas sim um processo de autodescobrimento e de orientação no mundo;
- a imagem que o protagonista tem do objetivo de sua trajetória de vida é, em regra, determinada por enganos e avaliações equivocadas, devendo ser corrigidas apenas no transcorrer de seu desenvolvimento;
- além disso, o protagonista tem como experiências típicas a separação em relação à casa paterna, a atuação de mentores e de instituições educacionais, o encontro com a esfera da arte, experiências intelectuais eróticas [sic], experiência em um campo profissional e eventualmente também contato com a vida pública, política. (JACOBS (1989) citado por MAAS (2000, p.62).

Pela definição destas características, segundo Maas (2000, p.63), verifica-se que há uma predominância na consideração dos elementos conteudísticos em detrimento dos formais. O *Bildungsroman*, então, vai se empregar pela grande questão da formação, universalizando-a, e não propriamente por sua origem histórica germânica. A existência do *Bildungsroman* como gênero só é possível pela constante alteração de seus pressupostos, alteração esta oriunda de uma evolução histórica do conceito. No entanto, esta mudança deve se desenhar tomando como parâmetro um programa narrativo básico, o qual, como já elencado aqui, foi definido, como que por excelência, como sendo a obra *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe (MAAS, 2000, p.63).

Mas tendo em vista estas considerações sobre a ideia de *Bildungsroman*, em que medida se pode afirmar que *Sozaboy* é um texto que se enquadra neste gênero? Para tratar desta questão, o subcapítulo seguinte tentará evidenciar traços

desta narrativa, mais precisamente de seu protagonista, que a relacione no rol das obras que estão sob a égide desta forma literária.

4.2.2 *Sozaboy*: um romance do gênero *Bildungsroman*?

Como primeira definição do gênero *Bildungsroman* a ser verificada no bojo do texto saro-wiwiano, considera-se a faixa etária protagonista. Apesar de sua idade não se explicitada no romance, Mene é um rapaz muito jovem, provavelmente recém-saído da adolescência, haja vista sua inexperiência sexual e sua ingênua visão de mundo, vislumbradas no início do texto. É o que se verifica, por exemplo, quando Mene fala de sua iniciação profissional: “Porque como jovem homem e aprendiz de motorista, eles não darão a nós também problemas na estrada de novo”.⁶² (SARO-WIWA, 1985, p.1).

Uma forte correspondência entre o *Bildungsroman* e a vida de *Sozaboy* é a trajetória de vida perpassada por enganos e decepções. Tendo em vista a caracterização do processo desalienante pelo qual Mene passou, pode-se afirmar com precisão que seu processo desalienante se efetivou. O percurso de sua história o levou a ter uma visão nada fantasiosa, bem mais real do mundo, das relações sociais e do equilíbrio que se deve (e que ele deveria) buscar no contato com o novo, inclusive com a morte, como se constata na passagem a seguir:

Então eu só cobri meu amigo. Então eu ajoelhei lá comecei a chorar como mulher. Eu vi dizer meu melhor amigo para este fronte de guerra estava morto. E eu sabia dizer minha vida estava começando arruinar pouco a pouco pouco a pouco. Antes deste tempo, eu não sabia o que morrer significa. Toda minha vida apenas doces sonhos. Agora, hoje hoje, eu estava dizer ver vida não ser como eu eles vejo sou antes. Eu sei dizer perversão abundante. E eu sei dizer minha vida deve mudar uma hora.
⁶³(SARO-WIWA, 1985, p.112).

A forma com que Mene revela sua “odisseia de horrores” na guerra é contada sempre em tom confessional e íntimo, importante marca do romance de formação.

⁶² : Because as young man and apprentice driver, they will not give us too much trouble on the road gain. (SARO-WIWA, 1985, p.1).

⁶³ : So I just cover my friend up. Then I kneel down there begin cry like woman. I see say my best friend for dis war front don die. And I know say my life don begin spoil small small. Before dis time, I know wetin to die mean. All my life just sweet dreams. Now, today today, I don see say life no be as I dey see am before. I know say wickedness plenty. And I know say my life must change one time. (SARO-WIWA, 1985, p.112).

Apesar de sua ingenuidade e prosaísmo iniciais, a guerra o vai forjando (“formando”) e seu posicionamento sobre o conflito armado vai ficando mais cáustico, mais irônico, como é próprio das histórias de formação enquadradas no gênero. O trecho a seguir enfatiza justamente o tom de intimidade e confissão, focando-se nas mazelas sofridas pelo corpo. E o que pode ser mais íntimo que a revelação da dor física, da fome, do frio, do desconforto corporal? Mene confessa:

Eu começo a implorar a Deus fazer a chuva parar. Mas impossível. Essa chuva continua a bater em mim e depois que ela me bate bem bem, eu chego a considerar-me como um animal. Sim, eu estava como um animal. Sem camisa, só retalho, cobrir para meu corpo, sem comida para comer, sem casa para dormir, apenas dentro moita e chuva batendo em mim como algo que não é do homem.⁶⁴ (SARO-WIWA, 1985, p. 117).

A postura do jovem *Sozaboy* ainda se relaciona com as características adicionais arroladas por Jacobs (1989). Apesar de sua simplicidade e inocência, *Sozaboy* vai descobrindo, pela sequência de desastres que enfrenta na guerra, sua condição social, política e subjetiva de jovem dukanense que, como tal, é tratado como dejetos pelos seus superiores no exército:

Verdade verdade, problema não lembra algo familiar. Desde que nós retornamos do Kampala, Bullet e eu mesmo não estamos ficando dentro do buraco de novo. O capitão do exército diz nós somos mais inúteis que merda. Nós não prestamos atenção nisso porque ficar dentro dele é sofrer adequado adequado. Mas o que aconteceu era mesmo mais do que isso. Porque o capitão do exército começa a nos enviar para patrulha. Como a gasolina queima, isso é como esta patrulha mata.⁶⁵ (SARO-WIWA, 1985, p.104).

A segunda característica adicional, proposta por Jacobs (1989), talvez seja a mais evidente em *Sozaboy*. Como já explicado, Mene tem uma visão inicial equivocada do objetivo de sua trajetória de vida. Uma visão que é condicionada pelas ideologias que lhe são impostas e só será “corrigida”, a duras penas, no

⁶⁴ : I begin to beg God make the rain stop. But impossible. That rain continue to beat me and after it have beat me well well, I come consider myself like animal. Yes, I was like animal. No shirt, only knicker, wound for my body, no food to chop, no house to sleep, only inside bush and rain beating me like no man business. (SARO-WIWA, 1985, p.117).

⁶⁵ : True true, trouble does not ring bell. Since we return from Kampala, Bullet and myself are not staying inside pit again. The soza captain say we are more useless than shit. We did not mind that one because to stay inside it is to suffer proper proper. But what happened was even more than. Because the soza captain begin to send us on patrol. As petrol burns, that is how this patrol kills. (SARO-WIWA, 1985, p.104).

transcorrer da narrativa, quando ele descobre que aquele quadro é puramente fantasioso, como uma miragem no deserto:

Então eu adiciono a isto o que Agnes minha querida estava dizendo que ela gosta homem corajoso que protegerá ela quando guerra vier e como ela estava orgulhosa quando aqueles soldados vieram a primeira vez em Dukana. [...] Eu penso é boa coisa ir para o exército. Ser soldado. Talvez.⁶⁶ (SARO-WIWA, 1985, p.43).

O jovem e ingênuo Mene também será afastado da casa materna, ao se juntar às forças militares. Ele, inclusive, pede dinheiro à mãe para “subornar” um dos responsáveis pelo recrutamento para que ele possa ser integrado ao exército, já que não fora um dos escolhidos no início. Além disso, Mene também terá mentores em diferentes momentos de sua vida. Bom, Duzia, Terr Kole e o próprio Zaza serão seus principais incentivadores a participar do confronto, seja para desafiar seus brios masculinos, seja pedindo para que ele lute por Dukana. O patrão, no início da narrativa, também será um dos primeiros a lhe dar noções do funcionamento da corrupta comunidade. Mas é Bullet, o amigo do fronte de batalha, seu grande mentor na compreensão do papel que estavam desempenhando na guerra:

Eu estava pensando para mim mesmo como eu sou sortudo estar com Bullet na mesma companhia. Porque para dizer verdade, eu gosto estou muito. Ele muito legal homem. E ele sabe quase todas as coisas. E ele não é reclamão. Todas coisas dele são elegantes. E se você não sabe alguma coisa e você pergunta sou ele levará tempo para explicar para você. Como ele usou fazer coisa dele, você pensará que aquela coisa é fácil para fazer, você não saberá que ela é muito difícil. Porque ele dá poder para fazer grande coisa parecer como pequena coisa fácil.⁶⁷ (SARO-WIWA, 1985, p. 87)..

A narrativa também vai tratar das primeiras manifestações sexuais do jovem, da puerilidade que se expressava em sua postura em seus primeiros encontros com Agnes. Como romance de formação e que dá conta de contemplar a progressão do caráter do indivíduo, se vê aqui que Mene, quando dos primeiros contatos com a

⁶⁶ : Then I add to this what Agnes my darling was saying that she like brave man who will protect her when war comes and how she was prouiding when those *sozas* came the first time to Dukana. [...] I think it is good thing to go to army. To be *soza*. Praps. (SARO-WIWA, 1985, p.43).

⁶⁷ : I was thinking to myself how I am lucky to be with Bullet in the same company. Because to talk true, I like am plenty. Na very fine man. And 'e sabi almost everything. And 'e no dey make *gra-gra*. All him things na *je-je*. And if you no know sometin and you aks am he will take time to explain to you. As he used to do his thing, you will think that that thing is easy to do, you will not know that it is very difficult. Because 'e get power to make big thing look like small easy thing. (SARO-WIWA, 1985, p.87).

futura esposa, não tinha tido relações sexuais; e, mesmo depois de casado, quando as tivera, esta experiência foi suprimida pelo afã de tornar-se um *sozaboy*. A única referência “erótica” que faz à esposa é em relação aos seios pontudos que ela possuía, o que sugere uma lembrança muito imediatista das poucas – dado o breve tempo do casamento – vezes em que estiveram juntos. A vida como soldado foi também importante para seu crescimento, na medida em que aprendeu a fazer escolhas e lutar por sua sobrevivência. E na guerra viu de perto até onde a corrupção e maldade humanas podiam chegar.

A análise parece não deixar dúvidas de que *Sozaboy* é uma obra do gênero *Bildungsroman* ou romance de formação. Pelo confronto de Mene com a realidade e sua desalienação o romance configura-se até mesmo dentro da categoria *Entwicklungsroman* (romance de desenvolvimento). Ainda acerca das peculiaridades do *Bildungsroman*, definido por Abrams (1981, p.121) como romance de formação ou de educação, é oportuno dizer que esta forma acaba por configurar um subtipo romanesco, o chamado *Künstlerroman* ou romance do artista. Isto porque, este tipo de escrito também possibilita o desenvolvimento do romancista em um estado peculiar de maturidade, permitindo-lhe dominar sua habilidade de criação, mas também relacionar fatos pertinentes ao cenário social à sua volta, criticando-os ou referendando-os, validando a noção de romance de representação social. Tendo em vista o teor engajado da literatura de Ken Saro-Wiwa, esta é uma forte evidência de que seu *Sozaboy* se enquadra neste tipo de narrativa. Isto porque, considerando as proposições da crítica sobre o texto, sua obra antiguerra deu conta de celebrar o perfil de intelectual da ação.

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudar a África é tarefa de muito fôlego tendo em vista as diversas possibilidades de abordagem, tanto pela extensão, idade e diversidade do território, quanto por suas diferentes configurações políticas, sociais, culturais e econômicas. Apesar de julgamentos e conceitos pré-determinados, muitos deles advindos da biblioteca colonial que se produziu com a invasão europeia, o continente oferece múltiplas leituras e perspectivas de entendimento. Conhecer e investigar a obra de autores como Ken Saro-Wiwa, por exemplo, é contemplar uma destas perspectivas. É por meio de estudos como este que se tem acesso a uma visão crítica acerca, por exemplo, da atuação do poder inglês e do capitalismo financeiro em países como a Nigéria.

A colonização britânica, a corrupção das elites governamentais e a condição neocolonial em que se encontrava o país à época de Saro-Wiwa fez com que o autor produzisse uma obra rica e criativa em sua crítica acerca da opressão e da alienação vivida pelos povos nigerianos. *Sozaboy: a novel in rotten English* é um bom exemplo disso, romance que traz, na voz de um jovem nigeriano, uma história de sofrimento, corrupção, exploração e degradação que não é estranha ao restante do continente.

Este trabalho teve como objetivo entender o crescimento do personagem Mene, que em muito se aproxima do autor, no decorrer de sua passagem pela guerra da Biafra e mostrar como o romance pode, portanto, ser considerado um romance de formação. A desalienação ocorre na medida em que Mene se distancia subjetivamente das ideologias neocolonialistas e constrói sua própria leitura acerca da sua condição como indivíduo, bem como da sociedade em que vivia. Sua trágica história pode ser lida, a meu ver, como uma forma de distopia, questão que pretendo investigar em minhas pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS:

- ABDALA JUNIOR, B. Liminaridades identitárias: para uma geocrítica do eurocentrismo. In: FONSECA, M. N. S.; CURY, M. Z. F. *África: dinâmicas culturais e literárias*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2012, p. 66-87.
- ABRAMS, M. A. *A glossary of Literary Terms*. 4. Ed. Tokyo – Japan: Cornell University, 1981, p.201-202.
- ADEJUMOBI, S. A. Neocolonialism. In: FALOLA, T. *Africa: the end of colonial rule – nationalism and decolonization*. V. 4. Durham – North Carolina: Carolina Academic Press, 2002, p.483-494.
- ADENKULE, J. O. West Africa. In: FALOLA, T. *Africa: colonial Africa, 1885-1939*. V.3. Durham – North Carolina: Carolina Academic Press, 2002, p.377-396.
- ADEPITAN, T. Ken Saro-Wiwa: Poetic Craft, Prophetic Calling. In: OKOME, O. *Before I am hanged - Ken Saro-Wiwa: Literature, Politics and Dissent*. Trenton – NJ/Asmara – Eritrea, 2000, p. 175-184.
- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p.19-52.
- AHUNUWANGHO, A. The gift of Voice: Ken Saro-Wiwa's *Prisoners of Jebs* as A Political Discourse. In: OKOME, O. *Before I am hanged - Ken Saro-Wiwa: Literature, Politics and Dissent*. Trenton – NJ/Asmara – Eritrea, 2000, p. 63-74.
- ALBRITTON, R. A Practical Alienação for the Twenty-First Century. In: MARDER, M.; VIEIRA, P. *Existential Alienação: New Perspectives on Alienação Thought*. New York – USA: Continuum, 2012, p. 141-156.
- ANGREY, F. U. A Metaphor of The Nigerian Situation: A Socio-Political Reading of Ken Saro-Wiwa's *Prisoners of Jebs*. In: OKOME, O. *Before I am hanged - Ken Saro-Wiwa: Literature, Politics and Dissent*. Trenton – NJ/Asmara – Eritrea, 2000, p. 95-106.
- BALANDIER, G. *Antropologia política*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo: Difel/Edusp, 1969, p.94-106.
- _____. *As dinâmicas sociais: sentido e poder*. Trad. Gisela Stock de Souza e Hélio de Souza. Rio de Janeiro; São Paulo: Difel, 1976, p.94-106; 219-255.
- BOAHEN, A. A. A África sob dominação: o desafio colonial. In: *O Correio da Unesco*, Rio de Janeiro, n.7, p.14-16, jul.1984.
- BONNICI, T. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: _____; ZOLIN, L. O. *Teoria Literária: uma abordagem e tendências contemporâneas*. 2 Ed. Maringá: Eduem, 2005, p.257-285.
- BOYD, W. Death of a writer. In: NA'ALLAH, A. R. *Ogoni's Agonies: Ken Saro-Wiwa*

and the Crisis in Nigeria. Trenton, NJ: African World Press, 1998, p.49-56.

DUNTON, C. *Dream of Sologa, Eneka, and, The Supreme Commander: The Theater of Ken Saro-Wiwa*. In: MCLUCKIE, C.W., MCPHAIL, A. *Ken Saro-Wiwa: Writer and Political Activist*. Colorado: Lynee Rienner, 2000, p. 201-214.

EKA, D. Aspect of Language in Ken Saro-Wiwa's *Sozaboy: a Novel in Rotten English*. In: OKOME, O. *Before I am hanged - Ken Saro-Wiwa: Literature, Politics and Dissent*. Trenton – NJ/Asmara – Eritrea, 2000, p. 75-94.

EKE, Maureen N. The novel: *Sozaboy: a Novel in Rotten English*. In: MCLUCKIE, C.W., MCPHAIL, A. *Ken Saro-Wiwa: Writer and Political Activist*. Colorado: Lynee Rienner, 2000, p. 87-104.

ESHIET, I. B. Social Conscience, Aesthetic Purpose, and The Dissenting Temper in The Farcical Plays of Ken Saro-Wiwa. In: OKOME, O. *Before I am hanged - Ken Saro-Wiwa: Literature, Politics and Dissent*. Trenton – NJ/Asmara – Eritrea, 2000, p. 45-62.

EYINNAYA, I. C. K. Direct Involvement and Personal Emotionalism: The War Poetry of Ken Saro-Wiwa. In: OKOME, O. *Before I am hanged - Ken Saro-Wiwa: Literature, Politics and Dissent*. Trenton – NJ/Asmara – Eritrea, 2000, p. 153-174.

FALOLA, T. *The Power of African Cultures*. New York: University of Rochester Press, 2003.

GARUBA, H. Ken Saro-Wiwa's *Sozaboy* and The Logic of Minority Discourse. In: OKOME, O. *Before I am hanged - Ken Saro-Wiwa: Literature, Politics and Dissent*. Trenton – NJ/Asmara – Eritrea, 2000, p. 25-36.

GEORGE, A. T.O. *Ken Saro-Wiwa's Art and the Aesthetics of Non-Silence*. 2006. 251 p. Tese (Doutorado) – Faculty of Arts, University of the Witwatersrand, Johannesburg. 2006.

HOBSEBORN, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1984, p.219-269.

IWERIEBOR, E.E.G. The Psychology of Colonialism. In: FALOLA, T. *Africa: the end of colonial rule – nationalism and decolonization*. V. 4. Durham – North Carolina: Carolina Academic Press, 2002, p.465-481.

JAMESON, F. Notes on globalization as a philosophical issue. In: _____ e MYOSHI, M. (Orgs.). *The cultures of globalization*. Durham: Duke University Press, 1998.

KUNDU, P. War Affecting Collective Humanity and its Environment: Saro-Wiwa's *Sozaboy* and Okpehwo's *The Last Duty*. *The Criterion: An International Journal in English*, Kolkata, v.4, n.3, jun. 2013. Disponível em: < www.the-criterion.com/war-affecting-collective-humanity-and-its-environment-saro-wiwa-s-sozaboy-and-okpehwo-s-the-last-duty.pdf > . Acesso em: 18 mar.2014.

LAMBERT, I. Chris Abani's *Graceland* and Uzodinma Iweala's *Beasts of No Nation*: Nonstandard English, intertextuality and Ken Saro-Wiwa's *Sozaboy*. *Language and Literature*. 2011, Tokyo-Japan, v. 2, nov. 2011. Disponível em: <<http://lal.sagepub.com/content/20/4/283.short>>. Acesso em: 07 mar. 2014.

LEBLANC, J. The Children's Series. In: MCLUCKIE, C.W., MCPHAIL, A. *Ken Saro-Wiwa: Writer and Political Activist*. Colorado: Lynee Rienner, 2000, p. 177-200.

LEGER, M. *Characterization Through Stylistic Variation in First-Person Narratives: a Stylistic Analysis of Sozaboy – a Novel in Rotten English*, by Ken Saro-Wiwa; *The Catcher in The Rye*, by J.D. Salinger; *The Curious Incident of The Dog in The Night-Time*, by Mark Haddon. 2013. 94 p. Dissertação (Mestrado) – Université Stendhal/Grenoble III, Paris. 2013.

LINCOLN, S. L. "Rotten English": Excremental Politics and Literary Witnessing. In:

ADEBANWI, W. OBADARE, E. *Encountering the Nigerian State*. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 79-98.

MAAS, W. P. *O cânone mínimo: o Bildungsroman na história da literatura*. São Paulo – SP: Unesp, 2000.

MCLUCKIE, C. W. Literary Memoirs and Diaries. Soyinka, Amadi, and Saro-Wiwa. In: _____; MCPHAIL, A. *Ken Saro-Wiwa: Writer and Political Activist*. Colorado: Lynee Rienner, 2000, p. 29-52.

MCPHAIL, A. The Short Fiction: *A Forest of Flowers* and *Adaku and Other Stories*. In: MCLUCKIE, C.W.; _____. *Ken Saro-Wiwa: Writer and Political Activist*. Colorado: Lynee Rienner, 2000, p. 69-86.

MUDIMBE, V.Y. *The Idea of Africa*. London: Indiana University Press, 1994.

NA'ALLAH, A. R. Ken Saro-Wiwa: A Bio-bibliography. In: _____. *Ogoni's Agonies: Ken Saro-Wiwa and the Crisis in Nigeria*. Trenton, NJ: African World Press, 1998, p.363-377.

NGUGI WA THIONG'O. *Decolonizing the mind – The politics of language in African literature*. Nairóbi: Eaep, 1997.

NIXON, R. Pipe Dreams: Ken Saro-Wiwa, Environmental Justice, and Microminority Rights. In: MCLUCKIE, C.W., MCPHAIL, A. *Ken Saro-Wiwa: Writer and Political Activist*. Colorado: Lynee Rienner, 2000, p. 109-126.

NORTH, M. Ken Saro-Wiwa's *Sozaboy*: The Politics of the "Rotten English". *Public Culture*. England, v. 13, n. 1, apr/aug. 2001. Disponível em: <www.deepdyve.com/lp/duke-university-press/ken-saro-wiwa-s-sozaboy-the-politics-of-rotten-englsih-bQON4YxCVR/10>. Acesso em: 15 jun.2014.

OHA, O. The Testament of "Penful" Prisoner: Ken Saro-Wiwa's Literary Dialogue with

The Prison. In: OKOME, O. *Before I am hanged* - Ken Saro-Wiwa: Literature, Politics and Dissent. Trenton – NJ/Asmara – Eritrea, 2000, p. 1-18.

OJAIDE, T. The Poetry: Songs in a Time of War. In: MCLUCKIE, C.W., MCPHAIL, A. *Ken Saro-Wiwa: Writer and Political Activist*. Colorado: Lynee Rienner, 2000, p. 53-68.

OJO-ADE, F. *Ken Saro-Wiwa: a bio-critical study*. New York – USA/Lagos – NJ: Africana Legacy Press, 1999.

OLANIYAN, A. O. Vocalizing Rage: Deconstructing the Language of Antistate Forces. In: ADEBANWI, W. OBADARE, E. *Encountering the Nigerian State*. New York: Palgrave Macmillan, 2010, p. 123-138.

PAYNE, M. *A Dictionary of Cultural and Critical Theory*. Massachusetts – USA: Blackwell, 1997, p.22-23.

PHILLIPSON, R. *Linguistic imperialism*. Oxford: Oxford University Press, 1992.

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens da nossa época*. Trad. F. Wrobel. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p.51-80.

QUAYSON, A. For Ken Saro-Wiwa: African Postcolonial Relations Through a Prism of Tragedy. In: NA'ALLAH, A. R. *Ogoni's Agonies: Ken Saro-Wiwa and the Crisis in Nigeria*. Trenton, NJ: African World Press, 1998, p. 57-80.

REFUGEE AGENCY, THE. Disponível em:

<<http://www.refworld.org/docid/4954ce6719.html>>. Acesso em: 15 Maio 2014.

RODRIGUES, Â. L. *A língua inglesa na África: opressão, negociação, resistência*. Campinas – SP: Editora da Unicamp/ São Paulo – SP: Editora Fap-Unifesp, 2011.

SARO-WIWA, K. *A month and a day & Letters*. United Kingdom: Ayebia Clarke Publishing Ltd., 2012.

_____. *Genocide in Nigeria: The Ogoni Tragedy*. Port Harcourt – NJ: Saros International Publishers, 1992.

_____. *Sozaboy: a novel in rotten English*. Port Harcourt – NJ: Saros International Publishers, 1985.

_____. They are Killing my People. In: NA'ALLAH, A.R. *Ogoni's Agonies: Ken Saro-Wiwa and the Crisis in Nigeria*. Trenton, NJ: African World Press, 1998, p.329-342.

_____. We will Defend our Oil with our Blood. In: NA'ALLAH, A.R. *Ogoni's Agonies: Ken Saro-Wiwa and the Crisis in Nigeria*. Trenton, NJ: African World Press, 1998, p.343-362.

SCHMIED, J. *English in Africa: an introduction*. Londres: Longman, 1991.

SERRANO, C.; WALDMAN, M. *Memória d'África: a temática africana em sala de aula*. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. Cultura. In: *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 85-89.

SILVA, K. V.; SILVA, M. H. Tradição. In: *Dicionário de Conceitos Históricos*. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 405-408.

SOYINKA, W. *The Man Died: Prison Notes of Wole Soyinka*. Harmondsworth: Penguin, 1979.

SPIVAK, G. Translation as culture. *Parallax*, v. 6, n. 1, 2000.

TELILANYO, D. I. The Fictionalist As A Journalist: Literary Reportage in Ken Saro-Wiwa's *Sozaboy* and *A Forest of Flowers*. In: OKOME, O. *Before I am hanged - Ken Saro-Wiwa: Literature, Politics and Dissent*. Trenton – NJ/Asmara – Eritrea, 2000, p. 185-196.

UNESCO. Disponível em: <<http://data.un.org/CountryProfile.aspx?crName=Nigeria>>. Acesso em: 15 maio 2014.

UWASOMBA, C. War, violence and language in Ken Saro-Wiwa's *Sozaboy*. *African Journal of History and Culture*, Ile-Ife-NJ, v. 2, feb.2010. Disponível em: <<http://www.academicjournals.org/AJHC/war-violence-and-language-in-ken-saro-wiwa-s-sozaboy.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

WILLIAMS, R. *Keywords: a vocabulary of culture and society*. New York: Oxford University Press, 1983, p. 33-37.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

COMFORT, S. Struggle in Ogoniland: Ken Saro-Wiwa and the Cultural Politics of Environmental Justice. In: ADAMSON, J.; EVANS, M. M.; STEIN, R. *The environmental justice reader: politics, poetics and pedagogy*. Arizona - USA: The University of Arizona Press, 2002, p.229-246.

COX, L. Ken Saro-Wiwa in Political Context: Social Movements in the Niger Delta. In: CORLEY, Í.; FALLON, H.; COX, L. *Silence would be treason: last writings of Ken Saro-Wiwa*. Dakar: Codesria/Daraja, 2013, p. 31-38.

HALL, S. *Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine L. G. Resende et. al. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HARDT, M.; NEGRI, A. *Império*. Trad. Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2006, p.87-109.

MURRAY, J. *África: o despertar de um continente*. Série Grandes Civilizações do Passado. Barcelona – IT: Folio, 2007.

SELIGMANN-SILVA, M. Trauma, Testemunho e Literatura. In: _____. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005, p.63-119.

SILVA, A. da C. *Imagens da África*. São Paulo: Penguin/ Companhia das Letras, 2012.

Glossário:

Expressões em Rotten English e seu equivalente em Inglês (SARO-WIWA, 1985, p.182-187):

ROTTEN ENGLISH	INGLÊS
Abi	Or; is it?
Abi the girl no dey shame?	Or is the girl not shy?
Ajuwaya	As you were
All two and two pence	All the same; alike
Anmal	Animal
Ashbottom	See <i>kotuma ashbottom</i>
Ashewo	Prostitute
As him hand reach	According to his ability
Assault	Offence. See also <i>giving me assault</i>
As some thing used to be	Maybe (literally, <i>as matters could turn out</i>)
Babar me	Cut my hair; shave my head
Before before	Prior to this; previously
Big big English/big big grammar	Tedious, erudite arguments or statements in standard English
Big eye	See <i>get big eye</i>
Blokkus	Testicles
Bobby	Breasts
Bogey	See <i>short man bogey</i>
Borku	Plentiful
Born	To give birth to
'Bottom belly'	Title of a popular record
Byforce	Rape
Called another man's wife	Committed adultery
Chooking	Piercing, injecting
Chooking needle	Syringe
Chop	To eat; food
Chop big big bribe	Accept huge bribes
Chop money	Food allowance
Commot	Come out; go out
Commot for garage	Leave the garage
Cooleh	See <i>take make small cooleh</i>
Corple	Corporal
Country	Ethnic group
Cunny	Trick; cunning
Cut	Beat
Cut our heart	Frighten us
Dabara	Let go
Death for your doormouth	Death on your doorstep
Dey for house	Stay at home
D.O.	District Officer
Does not get mouth	Has not get rights (especially of speech)

Drink don begin turn-turn for my eye	I was getting tipsy
Drink hot	Take alcoholic drink
Eba	A food made by mixing <i>gari</i> with water
Enter inside pepper soup	Get into trouble
Face tight	Frowning
Fine baby	Pretty girl
Fit	Can; to be able
Form fool	Make a silly mistake; fool around
Free-born	Citizen
Gari	A local food, powdery like rice. See also <i>water don pass gari</i> .
Get belly	Become pregnant
Get big eye	Be ambitious; greedy
Ginkana	Locally brewed gin
Give you moless	Molest you
Giving me assault	Insulting me
God no gree bad thing	God forbid!
Gra gra	See <i>make gra-gra</i>
Gratulate	Congratulate
Gree	Allow, agree
Hala	Holler, shout
Heavy	Untranslatable as used here. Denotes pride of the speaker in foregoing event
Helele	Thoroughly; properly
Hibatension	Hypertension
Him hand reach	See under <i>as him hand reach</i>
His face tight	He was frowning
His trouble was more than	His problems trebled
Hold joke	Pretend
Hopen udad mas/Hoping udad mas!	Open order march
Hot drink	Alcoholic drink
Incharger	Supervisor; commander
J.J.C.	Johnny Just Come (denotes a girl with lovely pointed breasts)
Juju	Medicine man, shaman, magician; magical
Kain	Kind
Kampala	A guardroom (nickname)
Kana	A language of the Ogoni people of Nigeria
Khaki	Pair of shorts
Knack	Talk; throw
Knack tory	To gossip; chat
Koboko	Horsewhip
Kotuma ashbottom	Customary court bailiff
Kpongoss	Ancient; aged
Lai lai	At all
Lomber	Number
Long throat	Greed

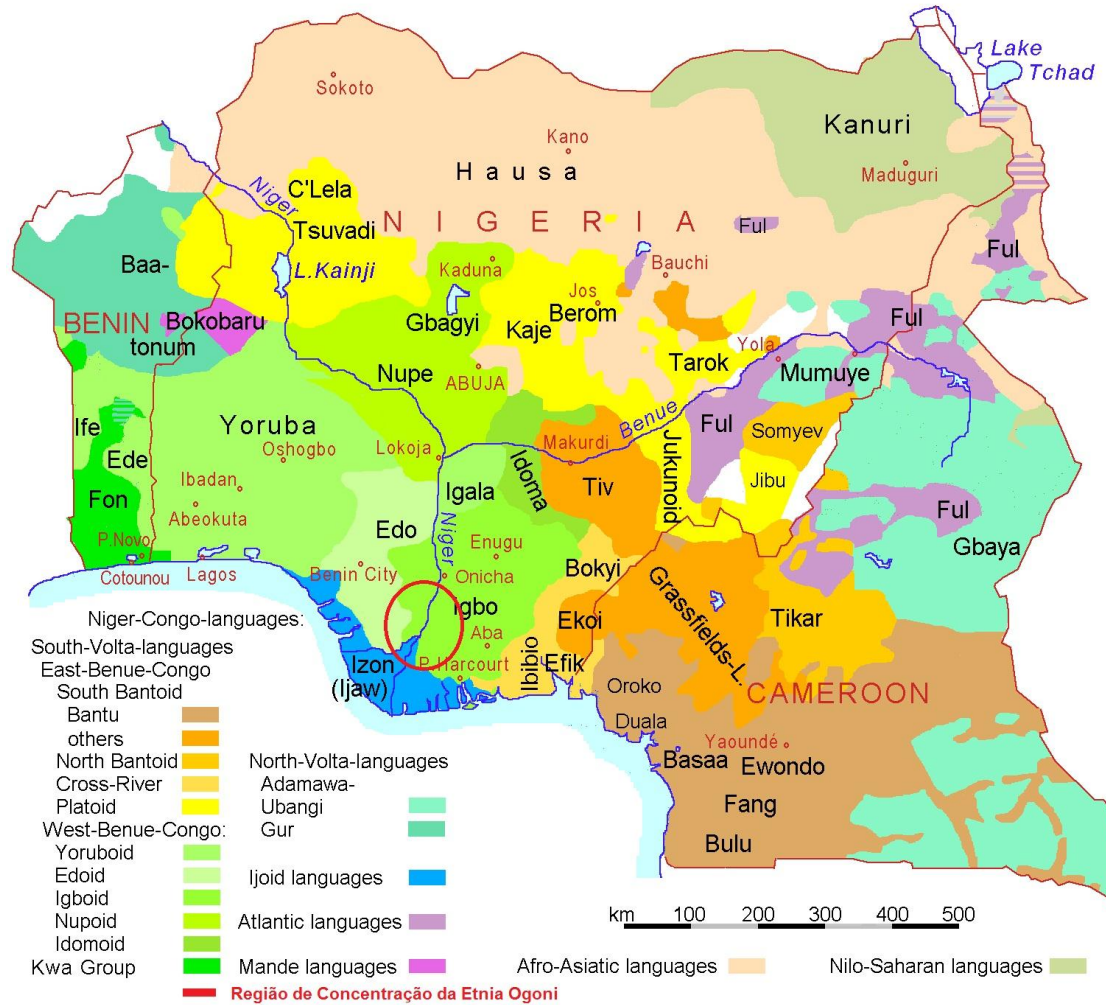
Make gra-gra	Be unduly quarrelsome
Make stronghead	Be obstinate
Making yanga	Being unduly proud
Mala	Bald; see <i>shave my head mala</i>
Mambo-jambo	Nonsense
Man	Penis
Man must wak	A man must live (eat) by whatever means
Massa	Master; boss
Mene them	Mene and others
Mess up their senior commando	Disgrace themselves
Moless	See <i>give you moless</i>
More than	Worse
Mouth	See <i>does not get mouth</i>
Mumu	Idiot
Na je-je	It's stylish
Na waya oh	See <i>this girl na waya-oh</i>
Ngwo ngwo	Mutton in pepper soup (a specially prepared delicacy)
No gree am	See <i>she no gree am</i>
No gree me go	Did not agree to let me go
Oga	Boss (from 'ogre')
Okporoko	Stockfish
Okro	Okra
Old pass myself plenty	Much older than me
Oyibo	White man
Palaver	Trouble
Palmy	Palm wine
Particulars	Bits and pieces of mutton
People are wicked more than	The people are most wicked
People plenty for am	There are many people there
Pepper	See <i>enter inside pepper soup</i> and see <i>pepper</i>
Persy	Dignity, composure. See also <i>preserve their persy</i>
Picken	Child
Picture on the hand	See under <i>with picture</i>
Pit	Trench
Preserve their persy	Maintain their equanimity
Prison	Imprison
Prouding	Boasting; vaunting
P.T.	Physical training shorts
Qua shun!	Squad shun (Attention!)
Rapa	Loincloth. See <i>woman rapa</i>
Rope	Insignia of office (lance corporal, one rope; corporal, two ropes; sergeant, three ropes)
Sabi	To know
Sand-sand	Sand; dust

San Mazor	Sergeant Major
Sarogua	Ancestral spirit, guardian of Dukana sergeant
Sarzent	Sergeant
See pepper	See red
Sef	Even
Senior commando	See <i>mess up their senior commando</i>
Service	Sales person; steward/stewardess
Sha	Truly
Shame	Blush
Shave my head mala	Clean-shave me
She no gree am	She did not allow him to make love to her
Short man bogey	An exclamation denoting admiration for a powerful short man (in this case, a gun)
Show me pepper	Give me trouble; cause me grief
Simple Defence	Civil Defence
Small	A little
SMOG	Save me o God
Solope arms	Slope arms
Some thing used to be	See <i>as some thing used to be</i>
Some time	Perhaps
Soso	Mostly; entirely
Sotey	Until
Soza/sozaman	Soldier
Staat eese/ stand at hais	Stand at ease
Stiff him hand by myself	Stood to attention
Stronghead	Obstinacy
Take make small cooleh	Enjoy oneself with
Take me make ye-ye	Make fun of me
Tan Papa dere	Stand properly there
Terprita	Interpreter
Thick man	Tough cookie
This girl na waya-oh	This girl is something else
Throway	Throw away
Tief	Steal
Titis	Pretty girls
Tombo	Palm wine
Tory	See <i>knack tory</i>
Tory don worwor	The worst has happened (literally, <i>the story has worsened</i>)
Toto	Vagina
Traffic	Traffic policeman
Trouble	See <i>his trouble was more than</i>
Tufia	Spitting action (onomatopoeia)
Turn-turn for my eye	See <i>drink don turn-turn for my eye</i>
Two and two pence	See <i>all two and two pence</i>
Udad arms	Order arms

Ugbalugba	Problem
Very before	Right before me
VIO	Vehicle Inspection Officer
Wahala	Trouble, hullabaloo
Water don pass gari	Matters have come to a head (where there's more water than gari, the resulting paste s virtually inedible).
Waya	Tough (literally, wire; so as tough as wire); something else
Waya-oh	See <i>this girl na waya-oh</i>
Wetin	What (literally, <i>what thing</i>)
Wetin call	You name it
Wey	Who
Whackies	Food
Whether whether	No matter what
Which one I dey	Untranslatable; roughly: <i>What's my role?</i>
Whosai	Where (literally, <i>what side</i>)
Wicked more than	See <i>people are wicked more than</i>
With picture on the hand	With an emblem on the sleeve
Woman rapa	A womaniser; one who dotes on women
Wor-wor pass	Worse than
Wuruwuru	Chicanery; cheating
Yafu-yafu	Hopeless
Yanga	Pride. See also <i>making yanga</i>
Yarse	Arse
Yekpe	Useless
Yeye	Doomed. See also <i>take me make yeye</i>
Yeye man	N'er-do-well

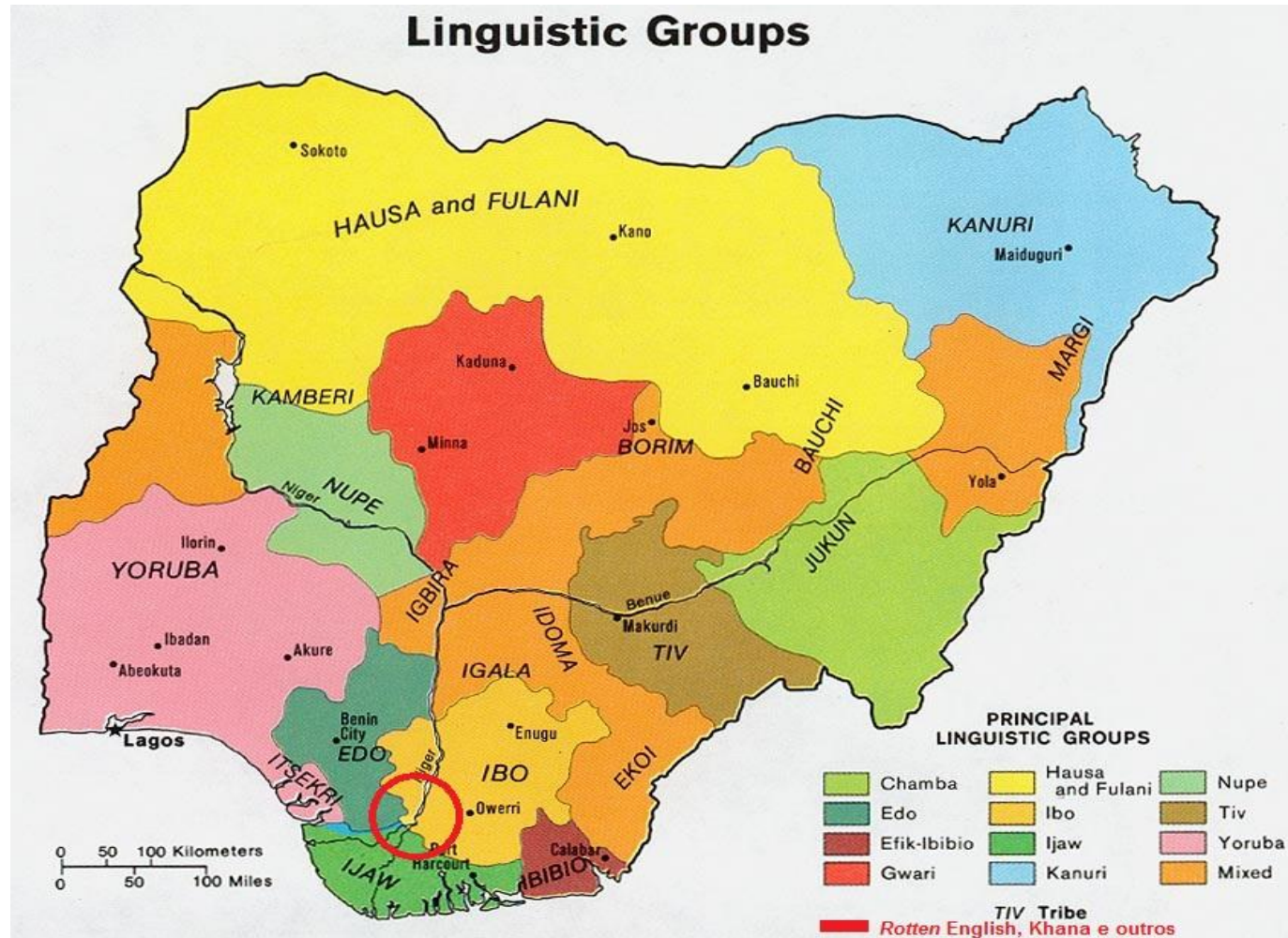
ANEXOS

Anexo A – Mapa Étnico da Nigéria – Localização da Etnia Ogoni



Fonte: <http://www.suapesquisa.com/paises/nigeria/>

Anexo B – Mapa Linguístico da Nigéria – Línguas utilizadas pela Etnia Ogoni



Fonte: <http://www.suapesquisa.com/paises/nigeria/>